BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº88 14 de Janeiro de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Dinis

Desporto

"Vamos ser melhores que os outros"

Na sua primeira grande entrevista, Artur Jorge demonstra-se confiante na manutenção da Académica. O treinador da equipa dos estudantes fala ainda dos projectos para o futuro da AAC/OAF

PÁGINAS 16 E 17

Novo reitor à vista



JONAS BATISTA

A seis dias da eleição para a Reitoria da Universidade de Coimbra, A CABRA fala com José Reis e Fernando Seabra Santos e traz a público as críticas, os projectos e as ideias dos candidatos ao mais importante cargo da instituição. Decide-se já na próxima segunda-feira quem virá a tomar nas suas mãos o leme da universidade

PÁGINAS 2 E 3

Academia

Zita Henriques em entrevista

A ex-presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra comenta a sua experiência à frente da AAC

PÁGINA 6

Universidade

Estudantes surdos

Entre problemas de adaptação e acusações de falta de apoio, os estudantes surdos queixam-se da incompreensão da universidade

PÁGINA 7

Nacional

Código do Trabalho

Amanhã, o Código de Trabalho entra na Assembleia da República para aprovação. Apesar do sim das associações patronais e UGT, o documento continua a gerar polémica

PÁGINA 9

Reportagem

Aprender no Ingote

Longe dos problemas diários do Bairro do Ingote, ainda há quem queira aprender. A CABRA foi passar um dia numa escola diferente

PÁGINAS 12 E 13

Cultura

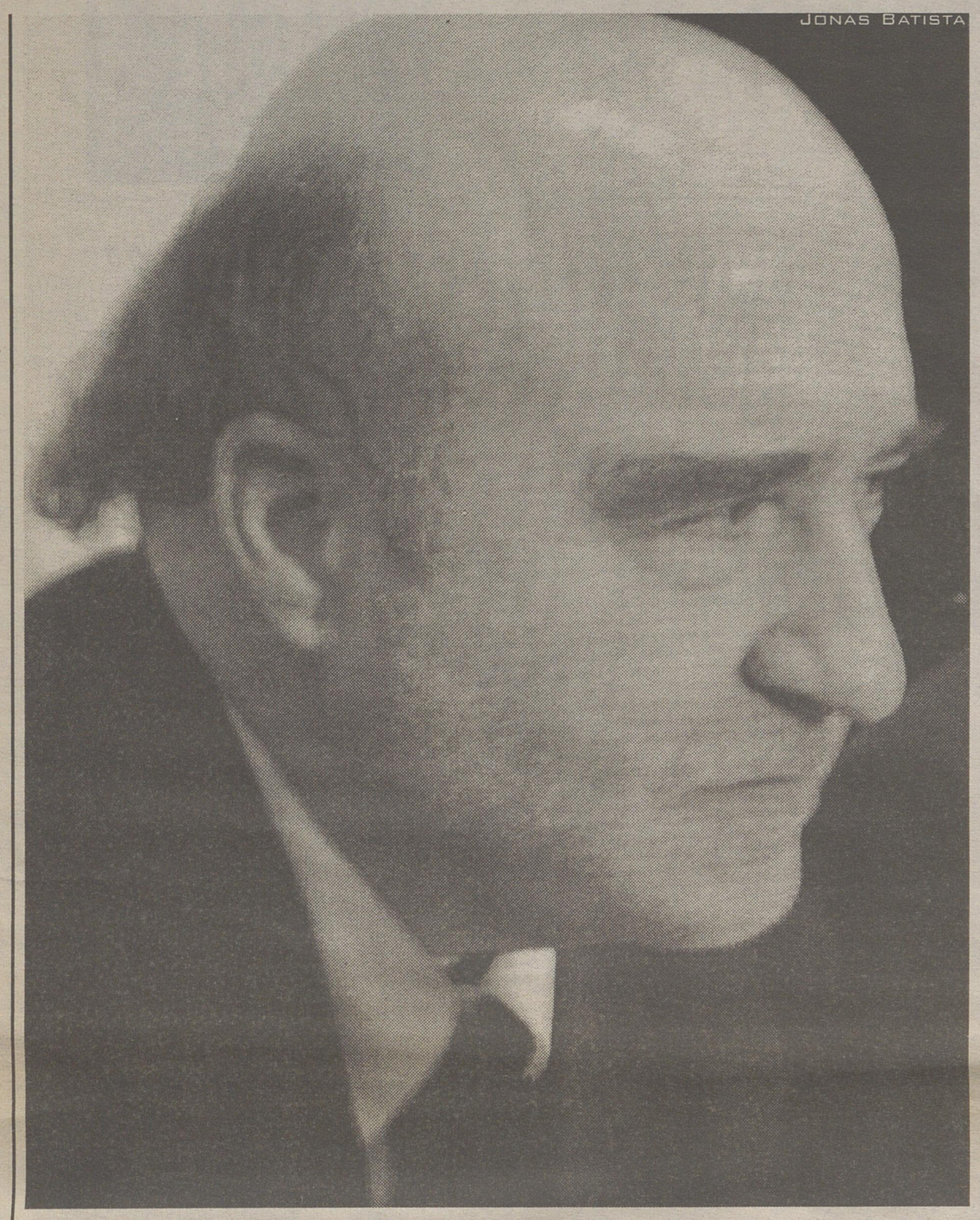
Capital Nacional da Cultura

Dia 24 de Janeiro, Coimbra é oficialmente a primeira Capital Nacional da Cultura. Entre os destaques da programação, saltam nomes como Derrida ou Eduardo Lourenço.

PÁGINAS 18 E 19

DEBATE ENTRE OS CANDIDATOS À REITORIA
- SEABRA SANTOS E JOSÉ REIS -
HOJE - CANTINAS AZUIS - 21H00
Com a presença de: Lúzio Vaz, administrador dos SASUC, Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC e Álvaro Vieira, jornalista
Moderação: José Carlos Santos Organização: Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, Rádio Universidade de Coimbra e TV-AAC

"O lugar de governo tem estado vazio na UC"


JONAS BATISTA

José Reis defende a necessidade de mudança

Em conversa com o Jornal Universitário de Coimbra, José Reis aponta o dedo à gestão de Fernando Rebelo e apresenta uma candidatura "frontalmente crítica"

JOÃO PEREIRA
PEDRO SANTOS

O ex–secretário de estado de António Guterres aposta numa gestão da Universidade de Coimbra (UC) diferente da que tem vindo a ser levada a cabo. Aponta falhas à lei de financiamento do actual Governo e pretende "o melhor entendimento" com a Associação Académica de Coimbra (AAC).

Perfil

Nasceu em 1954 na Aldeia das Dez, em Oliveira do Hospital. Licenciou–se em Economia, na Universidade de Coimbra, em 1978, com uma classificação final de 16 valores. Onze anos depois viria a doutorar–se em Economia na especialidade de Planeamento e Economia Regional.

Integrou diversos órgãos, dentre os quais o Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, o Conselho Nacional de Educação e a Comissão de Coordenação da Região Centro, da qual foi presidente. Fundou em 1993 a "Notas Económicas", a revista da Faculdade de Economia da UC.

José Reis foi Secretário de Estado do Ensino Superior entre 1999 e 2001, durante o Governo liderado por António Guterres. Actualmente é presidente do Conselho Científico da Faculdade de Economia da UC.

Que motivos o levaram a avançar para a Reitoria da UC?

O grande motivo é a convicção de que a UC precisa de mudança. A universidade vem de uma situação que a fragilizou. Tem perdido importância, não tem crescido, não tem atendido aos grandes dossiers com que as universidades são confrontadas nas sociedades de hoje. É preciso mudar e por isso achei que era necessário propor um programa substantivamente diferente.

Aponta, então, algumas falhas à anterior equipa da reitoria...

Não é à equipa em si mesma. É evidente que as políticas têm protagonistas. E, se a questão não é pessoal, tem, contudo, que ser atribuída a alguém. Acho que o lugar de governo tem estado vazio na UC. A minha candidatura assume frontalmente a crítica dos caminhos que a universidade tem atravessado.

Assim, quais são as principais linhas orientadoras da sua candidatura?

Três linhas muito importantes. A primeira linha programática essencial é dar um impulso reformador ao governo da UC. A universidade não só tem que ser governada de acordo com os melhores instrumentos da moderna teoria das organizações, como tem que assentar o seu governo noutras formas de legitimidade. Eu acho que é totalmente limitador da legitimidade do reitor a eleição por colégio eleitoral.

"O problema não é aritmético"

Qual a sua opinião relativamente à representatividade dos alunos nos órgãos de gestão?

Se olharmos para os números, constatamos que a representação dos alunos, em termos percentuais, não tem paralelo. Mas esse não é o problema. O problema não é aritmético. Que interessa a percentagem da representação se depois os órgãos não reúnem e não funcionam? A Declaração de Bolonha, por exemplo, é uma coisa essencial que a UC ignorou até agora. Já esteve agendada no Senado e, depois de umas faltas de quorum, lá se chegou ao tema. E não aconteceu rigorosamente nada. Porquê? Porque o assunto não ia preparado. Não ia estudado, nem contextualizado.

Defende a Declaração de Bolonha...

A Declaração de Bolonha representa uma ideia muito positiva de conceber o sistema de aprendizagem do ensino superior de forma integrada e completa. Acho importante o papel que se atribui aos mestrados. Os mestrados têm de ser, para os estudantes que não optarem por entrar imediatamente no mercado de trabalho, uma forma de entrar no ensino especializado, após o que poderão ir para o mercado de trabalho ou enveredar por uma pós–graduação. Também dá um peso muito grande à questão dos problemas de pós–graduação, que aqui na UC não temos devidamente organizada. Tudo isto recoberto pela ideia que os graus e os saberes são portáveis, ou seja, é um incentivo à mobilidade. O que é, de resto, uma coisa que está na cabeça dos jovens estudantes de hoje. Esta ideia de abertura, de internacionalização, de reconhecimento das competências é uma questão absolutamente central.

"Sou adepto da expressão 'o reitor está com os estudantes'"

Em termos de financiamento, não considera que isto é uma maior desresponsabilização da parte do Governo, uma vez que vai pagar licenciaturas mais curtas e as pós–graduações serão pagas pelos estudantes?

O investimento no ensino superior tem duas dimensões. Uma de carácter público, ou seja, um licenciado está em primeiro lugar a qualificar a sociedade de que faz parte. Por outro lado, tem uma dimensão de capital individual. O licenciado terá uma situação de capital humano (como dizem os economistas) mais rentabilizada. Significa isto uma desresponsabilização? Não. Eu creio que os grandes beneficiários de tudo isto são os estudantes. O que vale ter um estado muito responsabilizado, a pôr muito dinheiro no ensino superior, para um sistema que não satisfaz os estudantes, não conduz bem os graus, não é eficaz e, sobretudo, não é compensador.

O que acha da actual Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior? Qual o financiamento que preconiza para a UC?

Acho que é uma má lei e que não se adequa às circunstâncias actuais e acho que deve ser absolutamente reformulada em dois sentidos essenciais, que de resto deixei nas mãos do anterior primeiro–ministro, quando saí do Governo. Acho que, num primeiro ponto, esta lei deve, numa primeira componente, atender a indicadores e a resultados de desempenho da qualidade. Hoje, as instituições são financiadas em função do número de estudantes que nelas entram e nelas ficam, isto é, se um estudante entrar com nota de acesso de sete valores, vale tanto para o financiamento daquela instituição como um que entra com 18. E uma escola em que 20 por cento dos estudantes tenham notas abaixo de dez, recebe o mesmo que uma escola que 80 por cento dos estudantes têm acima de 17. Segundo ponto: uma dimensão absolutamente essencial de contratualização. Contratualização é o quê? É haver uma dimensão de financiamento que esteja associada àquilo que as universidades propõem para qualificar o seu desempenho, portanto, projectos concretos, em que se explicitam as formas de execução, e que vão ser financiados, não por um saco de dinheiro que se transfere, mas na medida dessa execução.

"Um reitor com os estudantes"

O que espera de uma eventual relação com a Associação Académica de Coimbra (AAC)?

Espero o melhor. Espero o melhor entendimento, a melhor cooperação, a melhor concertação. Eu digo–lhe com toda a clareza, não sou adepto da expressão "reitor ao lado dos estudantes". O que é que é "ao lado"? Os estudantes vão no pavimento central da rua e o reitor vai no passeio? Eu sou adepto da expressão "o reitor está com os estudantes".

Será possível avançar com alguns nomes para a sua equipa de vice–reitores?

Um vice–reitor será o professor Carlos Reis. Para tarefas específicas terei a colaboração do professor Gomes Canotilho, que coordenará um grupo para fazer propostas em matéria de reforma estatutária e de gestão da universidade. Finalmente, a professora Teresa Mendes coordenará uma "task force" sobre a valorização do conhecimento científico que tratará de todas as questões que têm a ver com a tradução, para fins de utilização empresarial e na sociedade, do conhecimento universitário.

Como se define politicamente?

Como um professor universitário com forte consciência cidadã e que, portanto, gosta de intervir do ponto de vista da política e da cidadania.

Eleições para a Reitoria da Universidade de Coimbra são segunda-feira

"Inovação e qualidade são metas a atingir"

Com as eleições para o cargo de reitor já próximas, A CABRA falou com Seabra Santos e dá a conhecer os projectos e ideias que a sua candidatura apresenta

JOÃO PEREIRA
PEDRO SANTOS

O homem forte da equipa de Fernando Rebelo candidata–se ao mais importante cargo da universidade. Afirma possuir apoios diversos dentro dos corpos universitários e mostra–se empenhado em ajudar a Universidade de Coimbra (UC) a ultrapassar a conjuntura negativa que actualmente atravessa.

Que motivos o levaram a avançar para a Reitoria da UC?

Entendo que tenho um programa em torno do qual se podem consolidar as vontades dos universitários de Coimbra para promover o desenvolvimento da instituição, uma ligação intensa ao tecido social envolvente e que permite ultrapassar as dificuldades que a universidade actualmente enfrenta.

Quais as principais linhas orientadoras da sua candidatura?

Em primeiro lugar, uma tentativa de reforçar a coesão institucional. A universidade não pode ser vista apenas como um conjunto de três corpos - estudantes, docentes e funcionários - e de oito faculdades. Tem de ser vista como um todo coerente. Uma segunda ideia–chave prende–se com a afirmação da UC. Há uma necessidade de afirmar a instituição, de criar uma nova política de imagem, tirando partido dos inúmeros aspectos extremamente positivos que hoje se desenvolvem na instituição e dando a tudo isso a visibilidade que tantas vezes tem faltado. É possível fazer muito mais nesse campo do que aquilo que tem sido feito. Uma terceira ideia relaciona–se com a eficácia e a participação democrática nos órgãos. É preciso reforçar a participação democrática nos órgãos. Mas é evidente que essa participação democrática não se pode sobrepor à eficiência que é necessário dar ao governo da instituição. Em quarto lugar, uma política tendente a reforçar a inovação e a qualidade. Em todos os campos da actividade da universidade, a inovação e a qualidade são necessariamente metas a perseguir em cada dia que passa.

O peso dos estudantes

O que pensa da forma como o reitor é actualmente eleito?

É difícil não ter simpatia pelo método de eleição directo e universal. Foi esse o método consagrado desde que a democracia foi imposta em todo o mundo e é um método adequado quando é possível consagrar o princípio de "uma pessoa, um voto". Nas eleições universitárias, suponho que ninguém defenderá que isso se possa passar. Por razões óbvias, o corpo dos estudantes tem um número muito superior ao de todos os outros. É, portanto, preciso introduzir proporcionalidade. E a forma de introduzir proporcionalidade passa pela existência de uma comissão eleitoral. No caso das universidades portuguesas, a Assembleia de Universidade desempenha essas funções. A não ser que se encontre uma outra solução, tecnicamente viável, para introduzir o princípio da proporcionalidade em eleições directas e universais, não vejo que seja possível fugir ao sistema do colégio eleitoral.

Falou da desproporção dos diversos corpos da universidade. Tem alguma intenção de reduzir o número de estudantes nos orgãos de gestão?

Não escondo que um número importante de universitários entende que a questão de excesso de peso dos estudantes nos órgãos de gestão é um factor que introduz dificuldades no governo da universidade. São, aliás, conhecidas posições públicas, nomeadamente a do professor José Reis que, numa entrevista que deu no início da campanha, dizia claramente que esse era um problema fulcral da gestão da universidade. Contudo, constatei que já modificou esta posição. Diz que continua a ser a favor da eleição directa, mas defende a proporção que actualmente existe nos órgãos. Há pessoas que têm mudado a sua opinião nesta matéria, eu mantive sempre a minha. Consegue–se fazer muito mais e muito melhor, mantendo–se o peso actual dos estudantes e dos restantes corpos e nos órgãos de governo.

"Bolonha é útil e irreversível"

O processo de Bolonha teve início com a assinatura de uma declaração por parte de apenas quatro países. Qual é a sua posição quanto a esta questão?

De facto, houve países que saíram à frente. Neste contexto, suponho que a moderação que se verificou em Portugal não foi prejudicial. Acho que cada país reagiu de forma diferente e isso faz com que tenhamos um manancial de experiências que podemos comparar e tentar interpretar para decidir o nosso próprio caminho. Entendo que o processo de Bolonha em si é um processo útil e irreversível. Por outro lado, tenho receio de que seja aproveitado para reduzir a responsabilização do Governo. Diminuir o número de anos de formação paga pelo Estado é naturalmente pernicioso. E tenho receios fundados de que o Estado pretenda ir por aí, reduzindo ao máximo o seu envolvimento financeiro no ensino graduado e passando o restante para o ensino pós–graduado, que é suportado pelos estudantes e pelas famílias. Apesar destas questões, criar um espaço europeu para o ensino superior é um bom objectivo. Os nossos estudantes não podem ficar de fora deste concerto das nações europeias e não podem ser penalizados por não serem tomadas decisões nesta matéria.

"O processo de Bolonha em si é um processo útil e irreversível"

É conhecido o sub–financiamento que tem afectado a UC nos últimos anos. Uma grande percentagem do Orçamento de Estado serve para pagar os salários. O que acha desta Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior e o que preconiza para o financiamento da UC?

Não temos uma má lei de financiamento. O que se passa é que os senhores ministros e os senhores secretários de Estado não a têm aplicado. Não considero que o essencial seja alterar a lei de financiamento. De acordo com a actual lei de financiamento, a UC devia ter um orçamento superior em cerca de 20 por cento àquele que tem actualmente, devia ter parte do seu financiamento contratualizada e devia ter parte desse financiamento dependente do seu desempenho. A lei prevê critérios para a avaliação do desempenho que não estão em vigor. Portanto, todas as questões que têm sido referidas como sendo passíveis de suscitar uma alteração da lei, podem, após uma leitura atenta, lá ser encontradas. Por outro lado, tenho a convicção r .uito forte que qualquer alteração que se introduza seja para piorar o financiamento das universidades.

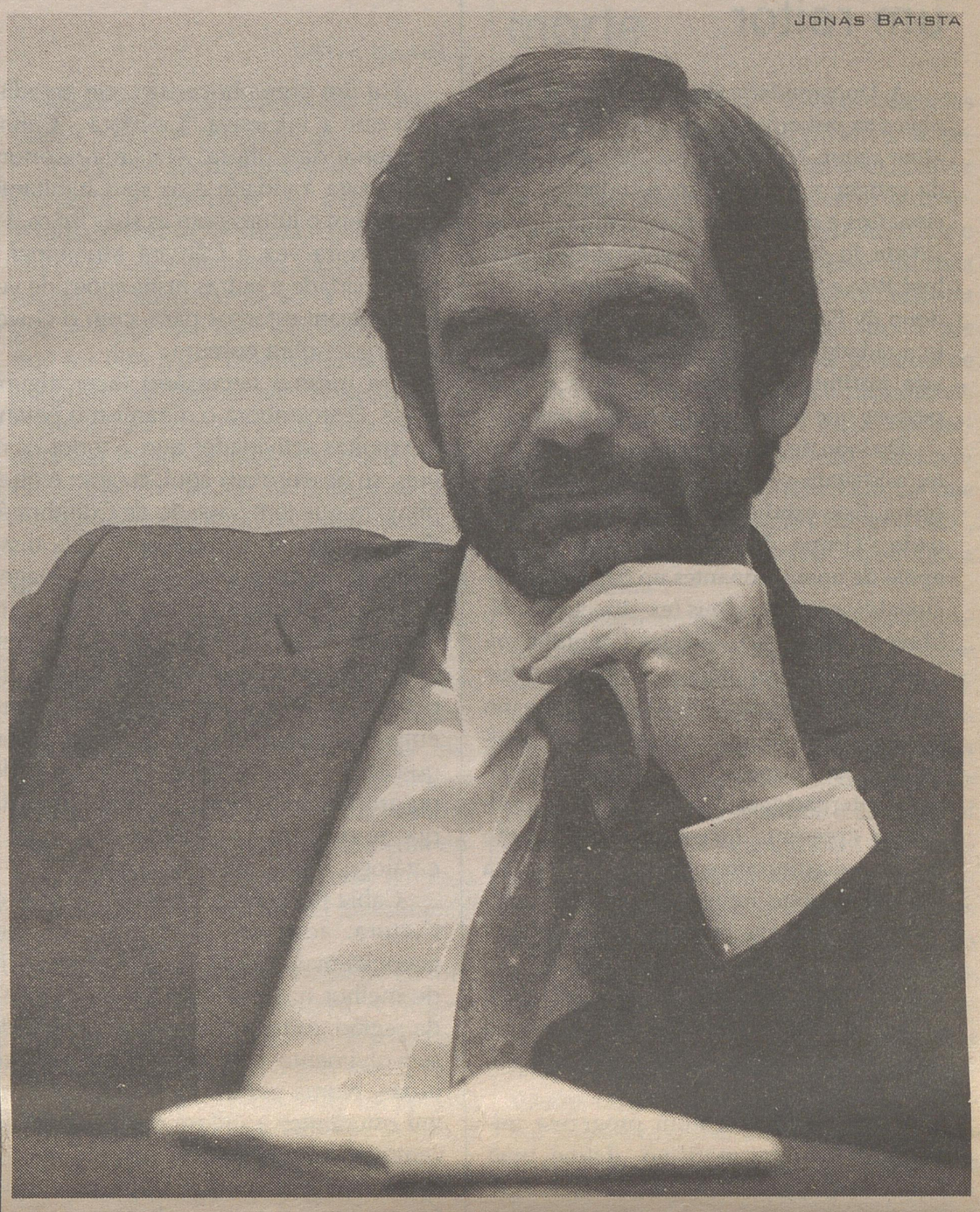
Disse já em declarações ao jornal A CABRA que possuía apoios de diversos quadrantes. Desse quadro de apoiantes, é possível avançar algum nome para uma eventual equipa de vice–reitores?

A não ser que aconteça algo imprevisto, tenho intenção de não anunciar a equipa reitoral até às eleições. Tenho-a pensada, mas não há contactos feitos. Será constituída por pessoas de grande dedicação e capacidade, e conto com essas pessoas para que me ajudem a desenvolver o programa que tenho apresentado.

Como se define politicamente?

Eu sou, todos o sabem, uma pessoa de esquerda.

JONAS BATISTA



Seabra Santos pretende uma maior visibilidade da universidade

Perfil

É natural da freguesia de S. Bartolomeu, em Coimbra, onde nasceu em 1955. Terminou em 1977 a licenciatura em Engenharia Civil na UC. Cinco anos depois, concluiu o Mestrado (DEA) na área da Mecânica dos Fluidos Industriais no Institut National Polytechnique de Grenoble, instituição onde viria, três anos mais tarde, a defender uma dissertação de Doutoramento de Estado. Posteriormente, integrou os orgãos de gestão da FCTUC, tendo sido membro da Assembleia de Representantes e do Conselho Directivo. Actualmente é professor catedrático da FCTUC, onde coordena a licenciatura em Engenharia do Ambiente.

Fernando Seabra Santos tem vindo a desempenhar, desde 1998, o cargo de vice–reitor da UC com responsabilidade nas áreas da gestão financeira, da gestão dos recursos humanos, da modernização administrativa, das instalações e do equipamento.

OPINIÃO

EDITORIAL EMANUEL GRAÇA

Dois homens, um reitor

A Universidade de Coimbra (UC) conhece na próxima segunda–feira o seu próximo reitor. Numa eleição que está longe de cativar a maioria dos estudantes, funcionários e docentes, a mais antiga universidade do país divide–se entre dois nomes: José Reis e Seabra Santos. Depois do abandono de Fernando Rebelo, a universidade (e a cidade) procura um novo rumo para esta instituição secular que, mais que as pessoas que traz, é o impacto que tem.

Do lado de José Reis, mais que o projecto, salientam–se os nomes que o acompanham. Esta candidatura, saída do denominado "Grupo dos Nove", conta com o apoio de nomes sonantes no panorama nacional como Carlos Reis (ex–director da Biblioteca Nacional), Gomes Canotilho ou Vital Moreira (reputados constitucionalistas). No seu programa, José Reis define um novo projecto de universidade, na tentativa de uma afirmação no panorama nacional e internacional. No fundo, esta candidatura apresenta quase uma refundação (teórica) do conceito sobre o qual assenta a UC actualmente, refundação essa de carácter eminentemente humanista e semelhante, em grande parte, ao conceito francês de universidade como "cidade do saber" (quiçá fruto das influências do carácter político e filosófico que acompanham a candidatura de José Reis).

Já Seabra Santos, num programa impregnado de pragmatismo, define uma

> "Uma universidade que precisa do idealismo de um e do pragmatismo do outro"

"Univer[sc]idade" mais próxima do seu cerne mas sem esquecer a cidade e o país, numa continuidade do trabalho que desenvolveu enquanto vice–reitor. O docente da FCTUC apresenta uma candidatura mais próxima das bases da UC, não esquecendo questões que apenas quem está por dentro dos meandros da universidade pode reconhecer. Ao mesmo tempo, faz uso do seu conhecimento técnico dos problemas reais de um estabelecimento de ensino estagnado e em lenta decadência e apresenta soluções que se traduzem numa universidade moderna, de futuro e com futuro.

No fundo, na próxima segunda–feira, dois homens vão bater–se por ideais, por ideias, por uma universidade. Dois homens que não tiveram a coragem de tocar em assuntos mais polémicos nos seus programas como a mais que aguardada avaliação do docente ou a necessária mudança no secular (e desadequado) sistema de ensino ainda protagonizado pela UC.

Dois homens em busca de uma universidade que precisa do idealismo de um e do pragmatismo do outro. Uma universidade que procura o seu "Lula da Silva" para voltar a galvanizar as bases em torno do ideal do conhecimento. No final, apenas um conselho a cada um dos candidatos a reitor: humildade. Humildade para reconhecer o que há de bom no projecto opositor, humildade para, após a vitória, receber os adversários como amigos e aprender. Humildade.

A montanha pariu um rato

CARLOS FIOLHAIS *

Fui dos conimbricenses que acreditaram que a iniciativa "Coimbra - Capital Nacional da Cultura" era uma oportunidade para a cidade e os seus habitantes agarrarem o futuro com as suas mãos. Pela primeira vez a Câmara Municipal, a Universidade e outras instituições de vulto juntavam esforços para, com o Governo, erguer obra comum.

Era mesmo necessário fazer alguma coisa. Pese embora o dinamismo patente em muitas actividades que, a todos os níveis, se desenrolam aqui, o certo é que a imagem que tem passado de Coimbra é a do passado e a da tradição. Urgia disseminar uma nova imagem, uma imagem mais de acordo com o pulsar de uma cidade moderna habitada por jovens cientistas que fazem investigação muito competitiva, jovens engenheiros que fazem empresas de tecnologia de ponta, jovens que se tornam realizadores conhecidos ou artistas aplaudidos, jovens jornalistas que se revelam ao nível nacional, etc. (o catálogo, vasto, está por fazer!).

Cabia portanto à Capital Nacional da Cultura, tomando a cultura na sua acepção mais ampla, promover o que há de melhor na cena cultural da cidade e da região, fornecer meios para o seu desenvolvimento e revelar novos protagonistas. Numa cidade com mais de trinta mil estudantes a ênfase devia ser na juventude, na contemporaneidade, partindo obviamente do que existe ou existiu. Esperávamos ver uma edição em grande dos prestigiados "Encontros de Fotografia de Coimbra", saídos de uma secção da Associação Académica. Aguardávamos a ressuscitação da saudosa "Bienal Universitária de Teatro", ligada aos organismos de teatro da academia. Tínhamos esperança que um festival de grande tradição como a Queima das Fitas adquirisse uma componente cultural acrescida (por exemplo, incluindo concertos de qualidade). Desejávamos que a obra ímpar de Carlos Paredes na guitarra coimbrã fosse revisitada, que a RUC fosse por um ano uma rádio nacional, que a música experimental aparecesse. Ambicionávamos que a Mostra Cultural da Universidade ganhasse dimensão e ímpeto.

Havia que apoiar eventos culturais já estabelecidos, não só em Coimbra (como, por exemplo, os Encontros de Poesia) como em seu redor (por exemplo, o Festival de Teatro de Montemor), e dar a conhecer lugares únicos mas escondidos (refira–se, em Coimbra, a área reservada do Museu Botânico ou o Mosteiro de Santa Clara a Velha ou, fora de Coimbra, o Museu da Pedra de Cantanhede). Era necessário encontrar novas utilidades para espaços como o Pátio dos Gerais ou a Praça da Canção, e projectar o futuro do pavilhão de Hannover (que estava pensado para centro de artes e novas tecnologias, mas que agora não se sabe o que vai ser). Era preciso apoiar, num programa editorial coerente, publicações sobre a universidade e a cidade (de instituições centenárias como a Imprensa da Universidade ou de editoras novas como a Witloof da banda desenhada). Era conveniente promover iniciativas de animação de rua e de mercado (por exemplo, organizando feiras, do livro, do disco ou de velharias, com outra dignidade). Era obrigação apoiar de modo especial comunidades pobres ou marginais (por exemplo, os emigrantes de leste), fomentando as suas formas de cultura. Impunha–se, enfim, lançar a marca de Coimbra num grande esforço de "marketing" (as novas edições para a região centro de jornais nacionais deviam ser aproveitada). E impunha–se reforçar Coimbra, no país e no estrangeiro, como destino turístico, dando como "iscos" não só o património (seria necessário dar uma limpeza à cidade, nomeadamente tratando das fachadas da Alta) como manifestações culturais diversas como a gastronomia, espectáculos de rua, etc.

> "Não houve a ambição de projectar a Capital que o país e Coimbra mereciam. Não se rendibilizou a oportunidade de mudança proporcionada pelas últimas eleições municipais. O que se anuncia, com um "design" lamentável (pífio, mesmo), é a continuação de um certo estilo 'coimbrinha', onde não se enxerga nível nacional"

Além disso, cumpria à Capital da Cultura apresentar, como "montra" em Coimbra, durante um ano, uma selecção do melhor da cultura portuguesa. Assim, esperávamos ver em Coimbra Maria João Pires, António Damásio, os Madredeus, Álvaro Siza, Paula Rego, etc. (a lista, felizmente, é grande!). Havia que promover extensões a Coimbra de alguns dos nossos maiores eventos culturais, organizados pela Fundação Gulbenkian, pelo Centro Cultural de Belém, pela Culturgest, pela Fundação de Serralves, etc. Queríamos comprometer com Coimbra 2003 os melhores agentes culturais. Queríamos trazer ao centro nomes da cultura internacional que vão estar em Lisboa e Porto, receber Pina Bausch, Isabelle Hupert, Francis Bacon, etc.

Quanto à ciência, essa parte inseparável da cultura, dever–se–iam celebrar, numa cidade onde são pujantes as ciências da vida, os 50 anos do DNA, convidando os descobridores da molécula. Ou representar em português "Copenhaga", um drama sobre a bomba atómica e as incertezas humanas. Para além de aproveitar o Museu Nacional da Ciência e da Técnica para trazer a Coimbra, pelo menos em parte, a exposição "O Engenho e a Obra". E abrir finalmente o Museu das Ciências da Universidade: o Laboratório Químico e o precioso conjunto de museus universitários que só integrados fazem sentido.

De uma Capital Nacional da Cultura esperava–se isso tudo e até mais. Esperava–se a surpresa, o rasgo (porque não um "Coimbra Fashion"?). Mas a montanha pariu um rato. Nada disso, parece, vamos ter, pelo menos em 2003. O programa conhecido (o cibernauta vai ao "site" da Capital já neste ano e não encontra o programa geral) é, quanto a isso, omisso. Trata–se, tanto quanto se sabe, do anonimato em que se embrulhou o evento (não há publicidade que se veja!), de uma colecção de coisas avulsas e insignificantes. Tudo descozido, sem uma coerência interna. O jornal "Público" dava conta da desilusão: não havia corrida aos bilhetes, nem sequer havia para a maioria das coisas divulgadas datas e sítios. O destaque era Derrida (logo nos havia de calhar o filósofo que há dez anos Cambridge não queria doutorar e que a "Time" satiriza em artigo recente a propósito de um filme em que Derrida faz o papel de si próprio, ou melhor, de residente do seu Big Brother pessoal). Um ou outro evento de indiscutível interesse, como a "Feira do Património" ou o "Coimbra Vibra", não chegam para dissimular a pobreza geral de ideias. De nada vale tapar a ausência de sol com algumas peneiras.

Não houve a ambição de projectar a Capital que o país e Coimbra mereciam. Não se rendibilizou a oportunidade de mudança proporcionada pelas últimas eleições municipais. O que se anuncia, com um "design" lamentável (pífio, mesmo), é a continuação de um certo estilo "coimbrinha", onde não se enxerga nível nacional. E não houve capacidade para preparar bem e a tempo o pouco que a falta de ambição ambicionou. Um orçamento público considerável (apesar de faltar o desejável reforço através do mecenato) está a ser gasto sem retorno evidente, mas com um choradinho continuado sobre a falta de meios.

Dizer que esta Capital está bem seria um mau serviço prestado à cidade. Numa urbe que tem a boa tradição da polémica, ficaria mal o silêncio. A CABRA bem poderia ouvir os universitários e alimentar a discussão. Os estudantes, em particular, constituem um enorme potencial de criatividade que está a ser ignorado. Eles sempre foram, e ainda bem, insatisfeitos e intervenientes. Mas, em vez de andarem entretidos com a demissão do reitor, ganhariam em reflectir sobre o papel que pretendem e lhes cabe no evento que se anuncia. Que têm a dizer sobre Coimbra, Capital Nacional da Cultura? Que têm a dizer sobre Coimbra?

*Professor de Física da Universidade de Coimbra

"São as pessoas, estúpidos"

ANA DRAGO *

O Código do Trabalho será amanhã discutido na generalidade na Assembleia da República. Chegámos ao fim da primeira fase de discussão sobre a proposta apresentada pelo Governo e um primeiro balanço pode ser já feito: o processo foi atribulado, diria mesmo, desastrado.

Lembremos que, desde o início, a necessidade de refazer as bases da legislação laboral foi justificada pelo Governo e pelo ministro Bagão Félix porque era preciso "pôr os portugueses a trabalhar". Má sorte a do ministro que desconhecia as estatísticas europeias, e não sabia que os portugueses trabalham em média mais horas por semana que os seus congéneres europeus. E que não é matéria de opinião, é matéria de facto.

Falou–se depois da questão que deveria de facto preocupar o Governo: a baixa produtividade da economia portuguesa. O que o Governo fingia não saber é que a produtividade tende a ser função da qualificação profissional e das estratégias de mercado seguidas pelas empresas. Má sorte a do ministro quando numerosos especialistas se pronunciaram dizendo que a "culpa" da baixa produtividade não pode ser assacada aos trabalhadores: porque não são eles que decidem as políticas macro–económicas e de valorização do capital humano; porque não são eles que decidem as estratégias empresariais e as apostas de mercado; porque não são eles que definem os modelos de organização do trabalho no seio da empresa.

O que estes tiros desordenados do Governo revelam não é apenas o desconhecimento dos mecanismos que governam a competitividade e a produtividade do sistema económico. É mais do que isso: revelam que estamos perante uma linha política que procura fazer um ajuste de contas com o processo de democratização social dos últimos trinta anos da sociedade portuguesa. Apesar da retórica da equidistância, a leitura do Governo foi sempre que os trabalhadores portugueses, seja por raça ou pelo clima, são preguiçosos, e que a legislação laboral que nasceu da implantação da democracia protege quem não quer trabalhar.

E é esta vontade de "domesticar" os trabalhadores que percorre todo o projecto, que é, nada mais, nada menos, que a fiel tradução da zanga que o Governo tem com o país. A zanga de quem acha que há direitos e protecções a mais na actual legislação. O que o Governo procura silenciar é que a legislação laboral é sempre indicada como o exemplo mais estridente da não efectividade de direitos consagrados, e da enorme distância entre os quadros legais estabelecidos e as práticas seguidas na sociedade. Mais uma vez, não é matéria de opinião, é matéria de facto. Ou seja, o que sabemos é que a legislação do trabalho portuguesa é das mais progressistas da Europa, mas a sua aplicação na "vida real" é muito restrita.

Ora, uma reforma das leis do trabalho deveria responder a esta distância e a esta não efectividade dos direitos, porque uma legislação que não se aplica fere a legitimidade do próprio Estado e mina o projecto democrático. Uma reforma ambiciosa da legislação do trabalho deveria ser capaz de estabelecer as bases de uma qualificação da força de trabalho que fosse, de facto, capaz de servir de alavanca à produtividade das empresas, mas as recentes alterações que o Governo propôs não garantem este propósito, porque não são capazes de criar mecanismos de efectivação do direito à formação profissional.

Dito de outra maneira: o Código não responde às necessidades do país. Pelo contrário: aposta na precarização da relação laboral; permite que para (quase) todos os direitos consagrados haja sempre uma excepção que permite atirar o direito concedido pela janela fora. Fragiliza por isso a parte mais fraca na relação laboral, quando o propósito dos direitos relacionados com o trabalho numa sociedade democrática é capacitar a parte mais fraca para que esta não seja subjugada por quem tem mais poder e mais recursos sociais e económicos.

> "A leitura do Governo foi sempre que os trabalhadores portugueses, seja por raça ou pelo clima, são preguiçosos, e que a legislação laboral que nasceu da implantação da democracia protege quem não quer trabalhar"

Darei três exemplos breves. O Código consagra a liberdade de expressão no seio da empresa, limitada, contudo, pelo "normal funcionamento da empresa". A expressão dificilmente seria mais ambígua, e é por isso que é perigosa: tudo o que for dito pelo trabalhador que o empregador considere ser prejudicial ao "normal funcionamento da empresa" poderá dar origem a processo disciplinar e despedimento. Basta usar a imaginação...

Segundo exemplo: o Código estabelece mecanismos de protecção contra o despedimento de mulheres por estarem grávidas. Acontece que para quem trabalha com contrato a prazo a noção de "despedimento" não se aplica, é antes uma "cessação do contrato de trabalho". Ora, sabemos que grande parte das mulheres jovens em Portugal têm contratos a prazo, o que significa que não estarão por isso protegidas contra o despedimento por gravidez. É um retrocesso em toda a linha de uma conquista fundamental das mulheres.

Por fim, o Código do Trabalho dá total abertura à contratação a prazo. A viragem aqui terá implicações fundamentais. Num país que sabemos que tem a força de trabalho mais precarizada da Europa, e que atinge principalmente os jovens, o que o Governo anuncia é que vai legalizar a instabilidade no emprego. Não tenhamos dúvidas: é uma viragem que vai afectar toda uma geração. A partir daqui fazer planos de vida vai ser (ainda) mais difícil. Quem vai arriscar comprar casa, quando não sabe se terá renovação de contrato de trabalho? Quem vai pensar em ter filhos se não sabe se consegue manter o emprego?

É por isso que se a revisão e sistematização da legislação laboral tinha que ser feita, o Governo lançou a discussão pelos piores caminhos e com os piores argumentos. A batalha que hoje travamos em volta deste projecto é uma luta por um país e uma geração que recusa ser o bode expiatório de anos de política governativa que nunca percebeu que a qualidade da democracia se joga na protecção e na efectividade de direitos dos seus cidadãos, e que os direitos laborais são peça central neste xadrez. É pois tempo de mostrar a quem sempre se justifica com a frase de Clinton "it's the economics, stupid", que o cerne da saúde da economia e da democracia "são as pessoas, estúpidos". E está tudo dito.

* Deputada na Assembleia da República pelo do Bloco de Esquerda

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

Pelo trilho da morte

Pondo de parte os patéticos discursos ideológicos de partidários políticos, as pedantes teorizações artísticas de intelectuais e as ridículas querelas pessoais entre os diversos intervenientes no debate público sobre o destino da RTP2, sucessivamente utilizada como arma de arremesso político, importa sublinhar de uma forma pragmática o que realmente é posto em causa no processo de reestruturação da televisão pública nacional. Uma questão central para a sociedade portuguesa, na medida em que "não é fácil conceber a nossa existência individual, no que ela tem de social, desligada da televisão", como constata João Lopes na introdução a "Teleditadura".

Perante a anunciada abertura do segundo canal público à sociedade civil, o que constitui um retrocesso relativamente à política inicial do actual Governo que o pretendia alienar ou desmantelar, evidenciando a desorientação do ministro responsável pelo sector, emerge o receio de que o único canal com qualidade a emitir em sinal aberto tenha uma morte bastante breve. Por mais inovador ou ideologicamente apaixonante que possa parecer, esta falsa restituição ao povo do que lhe pertence por direito, como muitos apregoam, significa o fim do segundo canal. A sucessão de espaços de propaganda cultural, social ou religiosa das diversas entidades candidatas a um espaço no novo canal prometem acabar de vez com a sua já deficitária audiência, relegando-o para uma confrangedora irrelevância. Mais, correm–se graves riscos de promiscuidade comercial e de subversão religiosa ou institucional.

> "Por mais inovador que possa parecer, significa o fim do segundo canal"

Com a implementação na RTP2 dos moldes de funcionamento agora anunciados, no âmbito de um projecto tão ambíguo e contraditório, fecha–se o acesso à actual melhor programação da televisão nacional, restando apenas a alternativa da televisão por cabo que nem todos podem comportar. Acaba o único meio de divulgação do cinema português e do cinema independente europeu, de transmissão de séries de qualidade reconhecida, de apresentação de documentários libertos de sensacionalismos, de informação séria e pluralista e com espaços para programas culturais e científicos, sem descurar a componente artística. A maioria da população parece não apreciar este tipo de programação direccionada para a formação pessoal de cada indivíduo. No entanto, o dever do Estado é proporcionar um serviço público de televisão com estas características, em constante interligação com o sector educativo e estabelecendo uma alternativa ao formato estandardizado dos canais privados televisivos. Até porque a maioria das pessoas também parece não apreciar muito as regras de trânsito, as matérias escolares ou a literatura clássica, o que obviamente não significa que devam ser extintas. E não somos todos obrigados a ver o mesmo tipo de programas televisivos medíocres que passam nos canais comerciais ao longo de todo o dia, ou somos?

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Anselmo Câmara, Carina Valério, Cecília Santos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Rui Justiniano, Sara Martins, Sérgio Alves,, Sílvia Matos Sónia Nunes, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, António Gil Leitão, Carla Pinto, Cristina Bastos, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Catarino, Diana Mota, Diana Ramos, Fátima Pinto, Isabel Oliveira, Joana Moreira, Joana Montenegro, Lurdes Lagarto, Nuno Felício, Margarida Matos, Marília Frias, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Patrícia Vic, Paulo Alexandre Teixeira, Pedro Santos, Rita Delille, Rita Loureiro, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Soraia Letra, Susana Baptista, Suzana Marto, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Maryline Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** Coraze S.A. **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

ACADEMIA

Zita Henriques, a experiência de uma ex-presidente

"Sempre lutei por aquilo em que acreditava"

A CABRA esteve à conversa com Zita Henriques, a última mulher a estar à frente dos destinos da academia.

LILIANA GUIMARÃES

Zita Henriques é o nome da ex-estudante que presidiu a Academia de Coimbra em 1995 e 1996. O boicote às propinas, a contestação política e a revisão dos estatutos da Associação Académica de Coimbra (AAC) são alguns dos feitos por que é conhecida. Começou a trabalhar antes de acabar o curso de Engenharia Química e actualmente trabalha na Reitoria da Universidade de Aveiro. A AAC mudou a sua vida de tal maneira que de momento se encontra a tirar um mestrado em Políticas e Gestão de Ensino Superior.

"Ainda não percebi a linha de rumo que este ministério quer dar ao ensino superior"

Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra, em Maio de 1995, declarou que o ministro da Educação ideal seria aquele que tivesse "a capacidade de falar com as pessoas". Acha que Pedro Lynce tem essa capacidade?

Eu ainda não percebi a linha de rumo que este ministério quer dar ao ensino superior. Parece-me que em muitas coisas estamos a retroceder e isso deixa-me muito preocupada. Se calhar é um problema meu, o não conseguir perceber o projecto deste ministério, mas aí há realmente uma grande falta de comunicação; provavelmente o facto de haver uma maioria fragmentada faz com que isso aconteça. Há uma coisa que ele não está a conseguir de certeza absoluta, que é discutir isto com a sociedade. Se o Governo tem algum projecto não está a conseguir fazê-lo chegar à opinião pública.

Se fosse hoje presidente da Direcção Geral da AAC (DG/AAC), o que faria face à demissão do reitor, face à contestação e face à política educativa que este Governo está a levar a cabo?

Eu não sou hoje presidente da DG/AAC. Em relação à questão da demissão do doutor Fernando Rebelo, acho que a academia de Coimbra, no seu todo, passou uma mensagem completamente errada. Primeiro, o reitor não é eleito pela AAC. Em segundo lugar, eu não conheço nenhuma universidade onde tenha deixado de existir qualquer decisão estratégica para a universidade pelo facto de os estudantes terem a representação que têm. Isto atinge todas as universidades. Acho lamentável que quando estamos a discutir Orçamento de Estado e leis, aquilo que passe para a sociedade portuguesa é que as universidades não são capazes de se gerir. Isto foi péssimo e há que rapidamente dar o salto e centrar as discussões onde elas devem ser centradas.Em relação ao actual momento, aquilo que acho é que os estudantes têm que conhecer os dossiers, e a DG/AAC deve defender aquilo que a academia entender.

FRANCISCA MOREIRA



Zita Henriques: a última presidência no feminino da DG/AAC

"Crise, julgo que não há"

Face a todos os últimos acontecimentos, acredita estar-se a entrar numa crise académica?

Como em todos os movimentos há pontos altos e baixos, e nem sempre pensamos todos da mesma maneira, e nem sempre as pessoas estiveram todas unidas. Acho é que as pessoas têm que ser mais claras na mensagem que querem passar, têm que saber exactamente aquilo que querem e contra o que é que estão a lutar e têm que delinear uma estratégia. Há uma coisa que me preocupa muito, que é a participação das pessoas. Eu sempre defendi que as pessoas não podem passar por qualquer universidade e ter apenas as aulas. É uma preocupação que eu já tinha quando era presidente da DG/AAC, uma preocupação, em termos de universidade e em termos de sociedade, na formação de cidadãos activos. Mas, crise, julgo que não há.

Afirmou, há alguns anos, que "às vezes as pessoas não têm a noção das responsabilidades que assumem de cada vez que abrem a boca". Tinha a noção da responsabilidade que estava a assumir quando se candidatou, e tinha essa responsabilidade presente sempre que abria a boca?

A noção da responsabilidade tinha, porque já sabia muito bem o que era a DG/AAC, pois já lá tinha estado no mandato anterior. Por vezes dizia coisas que não eram aquilo que queria e as pessoas interpretavam-no de uma maneira que não era a que eu pretendia. Eu procurava ter mesmo muito cuidado com isso e tinha a noção da grande responsabilidade que tinha e do impacto que podia ter qualquer coisa que eu dissesse.

"Tive inimigos"

As suas presidências valeram-lhe inimigos?

Inimigos, na verdadeira acepção da palavra, acho que não. Mas, sem dúvida alguma, tive inimigos. E se calhar há pessoas que ainda me têm como inimiga devido a algumas coisas que eu fiz ou disse, mas a vida é mesmo assim. As posições são para se assumirem e não se pode agradar a gregos e a troianos. E sei que algumas pessoas ficaram muito zangadas comigo por algumas posições que eu tomei. Paciência.

Foi boicotante às propinas. Continua a achar que há razões para os estudantes de Coimbra, hoje, serem boicotantes às propinas?

As condicionantes são completamente diferentes. Nós tínhamos condições de frequentar as aulas sem termos qualquer tipo de problema, o único problemas que poderíamos ter era "a posteriori", na passagem do diploma ou no pedido de um certificado de habilitações. Hoje em dia, e de acordo com a Lei de Financiamento, os actos curriculares podem ser anulados. Nós na altura boicotámos as propinas porque achávamos completamente injusto. Hoje, os estudantes que estão cá saberão os contextos em que se mexem e se continuam ou não a manter condições para boicotar as propinas. Dez anos passados do início destas lutas, não mudei as minhas ideias, porque há muita coisa que, infelizmente, se mantém.

Como é que resumiria a sua passagem pela Universidade de Coimbra e pela Associação Académica de Coimbra, enquanto estudante e enquanto presidente da DG/AAC?

Dedicação e luta. Enquanto estudante dediquei-me muito à universidade. Fui uma estudante perfeitamente normal, mas muito empenhada. Participei nos variadíssimos órgãos de gestão, participei em diversas associações, sempre com um grande espírito de dedicação e de luta. Sempre lutei por aquilo em que eu acreditava, fosse ao nível que fosse.

"Tive sempre muito apoio"

Na opinião de Zita Henriques, a confiança por parte da academia e o conhecimento dos dossiers estiveram na base do sucesso do seu segundo mandato.

O slogan da sua segunda campanha era: "Está na tua mão". Sentiu que teve a academia na mão?

Era muito ambicioso da minha parte. Eu tive sempre muito apoio e senti-me sempre muito acarinhada pela academia de uma forma geral. Mas daí a dizer que tive a academia na mão... Não a tive na mão no sentido de a manipular. Houve sempre votos discordantes, e ainda bem, mas, sobretudo, houve sempre respeito. Eu não manipulava a academia. No sentido de a conhecer, se não dominava tudo, tentava-o ao máximo, é um perfeccionismo que eu ainda hoje tenho: querer conhecer as coisas todas como deve ser. Eu sempre tive a mania de ser perfeccionista em relação a um determinado tipo de coisas e vontade de estudar. Estudar os dossiers a fundo e pôr as pessoas a estudar os dossiers a fundo. No sentido de ser conhecedora das coisas, pode dizer-se que sim, tinha a academia na mão.

Universidade não "ouve" surdos

Quebrar o silêncio

É oportuno falar em 2003, Ano Europeu da Pessoa Portadora da Deficiência, da questão dos alunos surdos no ensino universitário, os obstáculos com que se deparam no dia–a–dia de uma universidade que precisa ainda de um passo de gigante para ser considerada democrática

RITA DELILLE
MARÍLIA FRIAS


JORGE NANDE

A comunidade surda continua a enfrentar grandes dificuldades

Ser surdo num sistema de ensino assente na vertente oral é algo díficil. É necessário um esforço pessoal e familiar acrescido para que os estudantes surdos consigam chegar ao ensino superior. No entanto, quando chegam à universidade, deparam–se com dificuldades invisíveis para a restante comunidade.

Para acompanhar estes casos, a Universidade de Coimbra, criou em 1989 o Gabinete de Apoio ao Aluno Deficiente (GAAD), com o intuito de integrar e acompanhar também os alunos surdos. Oficializado em 1993, actualmente o GAAD encontra–se a apoiar nove estudantes surdos. O gabinete recebe todos os dados relativos ao estudante deficiente. "A grande maioria destes alunos não se dirige por iniciativa própria ao gabinete com receio de discriminação", afirma a técnica superior do gabinete, Maria José Correia, sendo "por isso necessário contactar directamente com o aluno surdo ou que este seja encaminhado por um docente". O posterior estudo feito para estes alunos é individual já que "cada surdo é um caso", explica a especialista. A partir desta avaliação é construído um relatório, acompanhado de um atestado médico, que é entregue num dos órgãos de gestão da faculdade. O gabinete dirige–se directamente a cada docente e explica as medidas a adoptar para as necessidades específicas do aluno.

Segundo a opinião de Maria José Correia, ainda muito está, no entanto, por fazer. Para um efectivo sucesso no caminho para uma Universidade inclusiva seria essencial "uma maior articulação entre o Ministério da Educação e instituições de ensino superior na integração e acompanhamento do aluno surdo", conclui.

As dificuldades

Actualmente, o Senado da Universidade de Coimbra tem em mãos um regulamento referente aos alunos portadores de deficiência onde se prevê que as provas orais sejam afastadas para os alunos surdos. Segundo este projecto, seria obrigatório formular as perguntas para exame usando frases mais curtas e palavras menos complexas, uma vez que o vocabulário do surdo tende a ser reduzido. A verdade é que não existem aulas suplementares especificas para satisfazer as necessidades dos alunos surdos, nem lhes são disponibilizados apontamentos prévios.

Pode compreender-se um pouco melhor a difícil realidade do aluno surdo na sala de aula se se tomar consciência do esforço que representa o seguimento de uma conversa oral para esta comunidade. Parafraseando um aluno surdo, "os professores passeiam pela sala dificultando a leitura labial" e "as aulas sobrelotadas tornam difícil escolher um lugar à frente, onde o estudante surdo deve estar". Por outro lado, "quando outros colegas que estão atrás interrompem as aulas [com dúvidas] é difícil perceber o que está a ser dito porque o colega está longe e as condições acústicas das salas não o permitem". Outra grande dificuldade é a escrita: "quando se escreve é obrigatório ter a cabeça para baixo o que dificulta o acompanhamento da aula".

O GAAD põem à disposição destes alunos a possibilidade de requererem um intérprete que os acompanhe nas aulas. O que acontece é que a grande maioria dos estudantes surdos foi integrado num sistema escolar oralista, não tendo tido contacto com a Língua Gestual Portuguesa (LGP) que é de facto a sua língua mãe. Este "preconceito oralista", que impede as crianças surdas de aprenderem a par da língua portuguesa oral a LGP, tem as suas raízes no congresso de Milão de 1880, onde foi tomada a resolução de serem banidos oficialmente os idiomas gestuais de todas as instituições escolares e assistências. Hoje, sabe–se que a LGP é um idioma próprio com complexas estruturas gramaticais e lexicais, pelo que é urgente conferir–lhe um estatuto linguístico. Acerca desta questão, Telmo Fernandes, estudante do 4º ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e surdo profundo, salienta que "podemos por um intérprete mas o surdo não vai entender o que este está a dizer. É necessário começar de baixo, que haja mais formadores de LGP e que as crianças sejam inseridas num sistema bilíngue para que se passe a falar efectivamente de ensino especial, de escola inclusiva e essencialmente de uma universidade inclusiva..."

Língua Gestual: A legislação

- Na alínea h) da Constituição da República Portuguesa é frisada a incumbência do Estado em "proteger e valorizar a Língua Gestual Portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades";

- O Ministério da Educação emitiu em 1998 o despacho nº7520/98 onde é referida a necessidade de um acesso à informação pautado por uma comunicação directa e sem restrições o que, no caso das crianças e jovens surdos, é limitado "pela natural dificuldade no uso da linguagem oral e pela falta de condições que possibilitem o uso da língua gestual de forma eficiente";

- O documento A2 - 302/87 do Parlamento Europeu faz um apelo aos governos dos Estados–membros para que sejam reconhecidas as línguas gestuais e para que a língua gestual de cada país passe a fazer parte integrante da educação dos surdos;

- A Declaração de Salamanca de 1994 refere que "as políticas educativas devem ter em conta as diferenças individuais e as situações distintas. A importância da língua gestual, como meio de comunicação deverá ser reconhecida e deve garantir–se que os surdos tenham acesso à educação na língua gestual do seu país";

- A resolução nº48/96 das Nações Unidas, de Março de 1994, aponta para a necessidade de prever a utilização de língua gestual na educação dos surdos e de se garantir a presença de intérpretes como mediadores da comunicação.

Em conversa com um surdo

Telmo Fernandes, surdo, estudante do 4º ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, formador de Língua Gestual Portuguesa e membro da Associação Portuguesa de Surdos, considera que "deveria existir um observatório nacional que se debruçasse sobre a verdadeira realidade dos surdos na Educação". Por outro lado, acrescenta que, fazendo parte de "uma minoria ética e linguística", a solidão é uma das constantes na vida de um surdo.

Como caracterizarias o desenrolar da tua vida académica em Coimbra?

Entrei para o curso de Direito com o orgulho do tamanho de uma carrinha monovolume, muito grande. Afinal de contas estava na Universidade de Coimbra. De facto, aquilo que sinto hoje é que estou a transformar–me num mini. Lembro–me de no primeiro dia de aulas o professor ter dito: "Aqui é salve–se quem puder". Esta afirmação para uma pessoa surda não é de todo feliz. Uma pessoa surda precisa de todo o apoio, de estruturas...

Estruturas essas que não existem?

Bom, deveria existir uma melhor política de apoio, melhores condições. Na prática, a faculdade inclusiva não existe. A Universidade de Coimbra e concretamente o meu curso não reúnem as condições necessárias para que a minha integração não seja acompanhada de um sentimento de discriminação e exclusão.

E onde é que entra o Gabinete de Apoio ao Aluno Deficiente (GAAD)?

O GAAD contribui, desempenhando um papel importante na aproximação entre professor/aluno.

Mas, na verdade, como é o silêncio num mundo de ruído?

Efectivamente eu não ouço. Eu sinto as pessoas. A minha comunicação é baseada numa percepção visual, na expressão facial, recorrendo sempre à leitura labial. Fazendo eu parte de uma minoria ética e linguística, sinto–me só. Se as coisas não me estão a correr bem, eu faço um esforço duplo porque me sinto surdo. É esta a discriminação que eu sinto, não aquela provocada pelo apontar do dedo. Da parte dos professores há uma certa discriminação inconsciente quando estes me olham fixamente nos lábios. Isto envergonha–me porque tenho consciência de que o professor sente estar frente a uma pessoa diferente.

E perspectivas para o futuro?

No que respeita ao mercado de trabalho, numa sociedade maioritariamente oralista, as pessoas rejeitam o candidato surdo porque entendem que há um entrave à comunicação, um "handicap". Actualmente existe um decreto–lei que refere um determinado número de vagas para estudantes deficientes no ingresso ao mercado de trabalho. Contudo, na prática, isto não acontece. Penso que posso não realizar milhares de coisas na minha vida, mas a minha realização como pessoa está feita. A minha descoberta da Língua Gestual aos 18 anos foi um encontro. Apercebi–me que havia algo que me fazia sentir especial, algo que sempre tinha estado dentro de mim e que não tinha ainda sido aprofundado.

Poucas empresas investem no Retail Park de Taveiro

Parque Mondego a meio gás

Cerca de seis meses após a inauguração do Retail Park Mondego, apenas 11 dos 27 espaços disponíveis foram ocupados por empresas

VÍTOR RODRIGUES E OLIVEIRA

Situado em Taveiro, a sete quilómetros de Coimbra, o Retail Park Mondego ainda não funciona em pleno. Com menos de metade das lojas ocupadas por empresas, o centro comercial recebe, ainda assim, alguns visitantes. As grandes afluências ocorrem apenas ao fim–de–semana.

Horácio Pina Prata, presidente da Associação Comercial e Industrial de Coimbra, afirma que "já é muito bom, após seis meses de inauguração, haver quase metade das empresas enquadradas". O actual vice–presidente da câmara municipal da cidade entende que "se continuar assim, o espaço estará cheio muito rapidamente". No entanto, esta visão não é partilhada pela maioria dos clientes do parque.

As razões adiantadas para o pouco investimento por parte das empresas são muitas. Nuno Cortesão, um dos visitantes, diz que o espaço "está pouco publicitado" e que "a crise não deve ajudar muito". Cátia Vicente, outra cliente, tem a mesma opinião: "Esta é uma má altura para o investimento. E num sítio destes, em que está tudo a começar, as pessoas têm medo, preferem investir onde já sabem que à partida têm clientes."

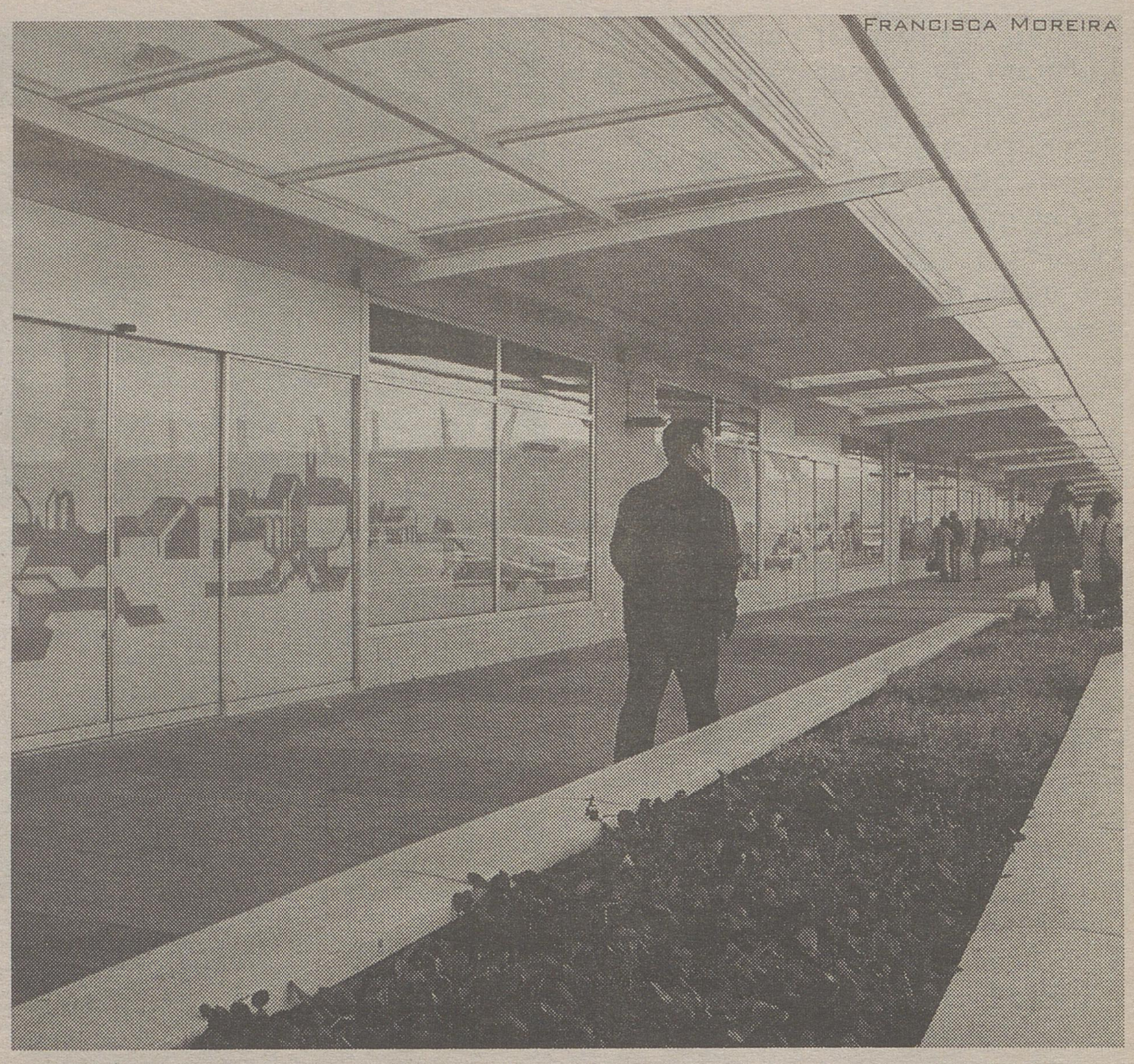
Maior Retail Park do país

O espaço do complexo, o maior do género em Portugal, é considerável. Numa área de aproximadamente 30 mil metros quadrados (equivalente a quatro relvados de futebol) encontram–se 20 lojas de venda a retalho e sete de restauração, que envolvem um parque de estacionamento com cerca de 1300 lugares. No entanto, mais de metade dessas lojas encontram–se vazias. Isabel Santos, outra visitante, afirma que o local "devia ter mais lojas abertas para aproveitar a afluência de pessoas".

De segunda a sexta–feira, o número de visitante é baixo, mas ao fim–de–semana as lojas que estão abertas enchem. Segundo Jean–Pierre Babier, gerente de um armazém de roupa do Retail Park, a afluência ronda cerca de três mil pessoas ao sábado e entre cinco e seis mil ao domingo.

O parque situa–se a poucos metros da zona industrial de Coimbra, junto ao Estádio Sérgio Conceição e à via rápida que liga a cidade dos estudantes à Figueira da Foz. Cristina Girão, chefe de secção de uma loja de bricolage e construção, diz tratar–se de um "local bastante bom, com óptimos acessos". No que diz respeito à ausência de empresas no parque, considera que "provavelmente faltará negociar alguma cláusula nos contratos".

Com 35 milhões de euros investidos, os detentores do Parque Mondego, MDC e Mondefin, esperam por mais empresas. Pina Prata deixa um aviso aos empresários: "É numa conjuntura económica desfavorável que o risco se torna fundamental em termos de sucesso". Confrontada, a administração do Retail Park recusa prestar declarações.


FRANCISCA MOREIRA

Retail Park ainda longe do sucesso inicialmente previsto

Novo hospital arranca em 2004

Pediátrico demorado

O novo Hospital Pediátrico de Coimbra será financiado com verbas nacionais. Numa visão optimista, a obra estará concluída apenas em 2008. Apesar dos muitos protestos já realizados perante estes atrasos, a situação mantém–se estacionária

VÂNIA CORREIA
EMANUEL GRAÇA

Depois de toda a polémica em torno do novo Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC), os protestos continuam. Apesar da promessa do ministro da Saúde, Luís Filipe Pereira, de que este estabelecimento hospitalar seria construído a todo o custo, a comissão de utentes mostra–se indignada com o atraso do início previsto das obras.

Isto porque o Governo apenas quer utilizar verbas provenientes do PIDDAC, descartando a utilização dos quadros de apoio comunitário devido ao avultado valor da obra, que não permite que esta seja incluída na medida 3.8 do Programa Operacional da Região Centro do III Quadro Comunitário de Apoio. Esta mudança estratégica acontece depois de um aumento bruto em mais de 62,2 por cento da área bruta de construção em relação ao previsto inicialmente e, consequentemente, um aumento de preço.

Apesar do compromisso governamental assumido em Setembro, muito continua assim por definir. Segundo o actual Governo, a opção por verbas nacionais foi ditada pelo factor tempo e pelo custo da obra ultrapassar o limiar dos 50 milhões de euros. No entanto, ainda não foi possível adiantar um valor final para a construção do novo HPC. Quanto a datas, é o próprio Luís Filipe Pereira a afirmar que "não é possível ter obras no terreno antes do final do segundo semestre de 2004".

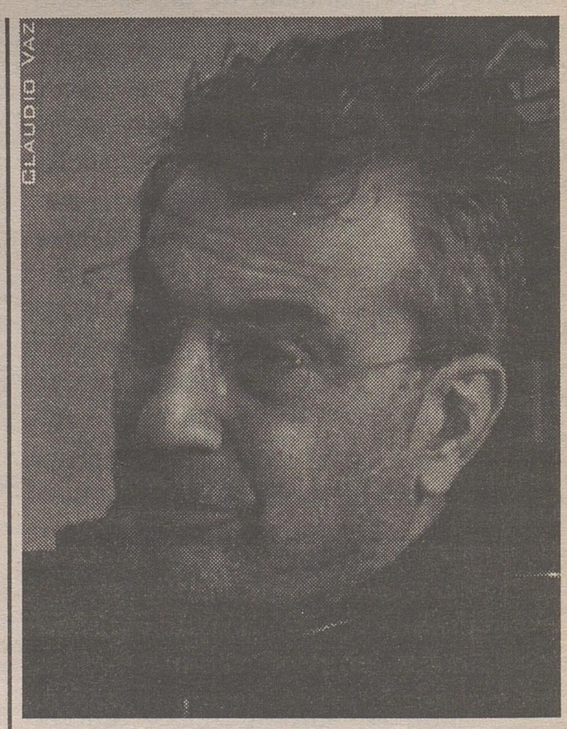
Da parte do HPC, as críticas são muitas. Na opinião de Luís Januário, director do HPC, este hospital "é o vértice da hierarquia de cuidados pediátricos ao nível da região" e deveria ter sido merecedor de outra atenção por parte da tutela. Segundo o defendido pela direcção que encabeça, o primeiro financiamento comunitário era funcional mas não teve o encaminhamento necessário por parte das esferas governamentais. "O anterior Governo falhou ao nível regional, também pelo não envolvimento do presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro", afirma Luís Januário.

Relembre–se que o actual director clínico do HPC está em posição demissionária desde Março, em resposta ao adiamento da consignação das obras do novo HPC para finais de 2004 e da retirada da comparticipação das verbas comunitárias. Neste momento, Luís Januário afirma que manter ainda o seu estatuto de demissionário "significa que nós não estamos contentes com o andamento do processo que atrasa e atira a construção de um hospital tão necessário para datas muito longínquas".

Prenda para o ministro

Entretanto, utentes, pais e profissionais de saúde enfrentam condições precárias e em alguns casos insuportáveis face às instalações do actual HPC. Segundo Francisco Queirós, presidente da Comissão de Utentes do HPC, "o hospital tem condições inadmissíveis e tem planos de emergência que nem sequer foram cumpridos desde 1997". Por outro lado, a situação vivida pelos pais das crianças doentes que, não sendo de Coimbra, têm de estar sempre com elas, "nem de terceiro mundo é", afirma. Segundo explica, nos casos de internamento de maior duração, alguns pais são obrigados a ficar num edifício chamado Quinta dos Sardões, perto da faculdade de Economia, que alegadamente não possuí as infra–estruturas necessárias. O próprio director do HPC admite ser desumano propôr a uma mãe que passe lá as noites. Contudo, este também assumiu que "não temos alternativa porque não temos autonomia completa e do ponto de vista da gestão do hospital pertencemos ao Centro Hospitalar de Coimbra". Para além disso, "os orçamentos estão muito magros e não temos possibilidade nem de contratar hotéis ou pensões, nem de promover obras de melhoramento nesse edifício que nem sequer nos pertence."

No entanto, a comissão de utentes tem manifestado o seu protesto de várias formas. Já recolheu assinaturas que foram entregues à anterior ministra da Saúde, Manuela Arcanjo; organizou no Dia Internacional da Criança uma marcha pelo HPC e, mais tarde, um "buzinão". Durante este Natal, 3000 cartões de "Boas Festas" foram entregues na Administração Regional de Saúde, para lembrar o ministro que tem uma promessa para cumprir: construir um novo Hospital Pediátrico.


CLÁUDIO VAZ

Luís Januário, director do HPC

Legislação aumenta horas de trabalho e contratos a prazo

Código do Trabalho votado amanhã

O documento continua a merecer as críticas da oposição e sindicatos que entendem que as medidas preconizadas, elaboradas com o intuito de revitalizarem a economia portuguesa, prejudicam grandemente os trabalhadores

MÁRIO GUERREIRO



FRANCISCA MOREIRA

Código do Trabalho, em votação amanhã, causou muitos protestos por parte de sindicatos e oposição

Amanhã a proposta de Código do Trabalho dá entrada na Assembleia da República (AR) para discussão e votação final, que deve estar concluída na quinta-feira. O documento é um dos focos mais exacerbados de contestação ao Governo. Partidos da oposição, sindicatos têm criticado as medidas que o elenco governativo pretende ver aprovadas.

A proposta de Código do Trabalho (a ser votada na generalidade amanhã) sofreu várias alterações desde o primeiro anúncio público da sua elaboração, sob a designação de ante–projecto, que foram decididas com os parceiros sociais, à mesa da concertação social. Os artigos iniciais da proposta, aproximadamente 800, foram depois reduzidos para 671. Mas nem por isso frentes sindicais e oposição cessaram as suas críticas. O ponto alto da contestação sindical teve lugar no dia 10 de Dezembro, com a CGTP a convocar uma greve geral que contou com a adesão de cerca de um milhão e meio de trabalhadores. Já em Outubro último a central sindical tinha decretado um dia de protesto nacional contra o pacote laboral. Em Novembro seguiu–se–lhe a primeira greve decretada pelas plataformas sindicais da função pública desde há largos anos.

A última ronda das negociações da concertação social terminou a semana passada com o aval das organizações patronais e da UGT, embora a aprovação da sindical incida "somente nas 72 alterações propostas na passada quarta-feira, e não sobre a totalidade do texto do Código". A outra central sindical, a CGTP repudia este Código do Trabalho e agendou uma manifestação nacional para dia 8 de Fevereiro. Futuras acções da CGTP irão ser anunciadas manhã, após uma reunião das esferas dirigentes.

A proposta de Código do Trabalho obedece assim a um acordo tripartido tão desejado por Bagão Félix.

Subsídio de paternidade desaparece

São vários os pontos polémicos do Projecto-Lei 29/IX, que dá pelo nome de "Aprova o Código do Trabalho". Um deles é o artigo 35, referente às licenças de paternidade. A lei em vigor determina que devido ao nascimento de uma criança, o seu pai tem direito a faltar ao trabalho durante um período máximo de cinco dias consecutivos, consagrados na licença. Estes dias são pagos por um subsídio. A lei em vigência declara ainda que todo o pai pode gozar de uma licença, em que os primeiros 15 dias são remunerados. Para tal, é imperativo que esses dias sejam usufruídos logo após a licença de maternidade. No projecto do Código do Trabalho, o pai mantém os privilégios resultantes da licença paternal. Todavia, o pagamento do subsídio desaparece da legislação, embora o Governo se comprometa a cumprir os direitos adquiridos.

O artigo que diz respeito à mobilidade funcional dos trabalhadores é também causador de alguma celeuma. De acordo com a lei actual, todo o trabalhador tem o direito de recusar exercer funções que não sejam as suas. Se não se recusar a tal, o quadro legal determina que receba formação profissional antes. A polivalência de um trabalhador é considerada aceitável apenas se servir um propósito de valorização profissional do indivíduo em questão. Por seu lado, a proposta do Código do Trabalho define que a entidade empregadora pode delegar no trabalhador serviços que não estejam inicialmente compreendidos no contrato de trabalho.

As férias são um dos pontos mais criticados pelos sindicatos e oposição. Na lei actual o período anual de férias a que um trabalhador tem direito é no máximo de 22 dias. A proposta do Governo diz que esse perído pode ser aumentado para 25 dias, se não existirem faltas durante o ano. A decisão de aumentar ou não o período de férias depende exclusivamente do patrão. Com a aprovação da proposta podem inclusivamente ser subtraídos dias de férias, em caso de elevado absentismo por parte do trabalhador, e se este "assim o preferir". Se tal acontecer, o trabalhador dispõe de um mínimo de 20 dias de férias.

Contratos duram seis anos

Uma das principais críticas à proposta do Código do Trabalho prende–se com a chamada "eternização" dos contratos a prazo. As alterações à proposta especificam que estes contratos podem ter a duração máxima de três anos consecutivos, com a possibilidade de serem renovados duas vezes. Contudo, o contrato pode ser alvo de mais uma renovação "desde que a respectiva duração não seja inferior a um nem superior a três anos".

Outro artigo polémico é o 226, referente às faltas injustificadas. Se agora são toleradas cinco faltas seguidas e dez interpoladas, na proposta em votação esses números passam para quatro faltas seguidas e oito alternadas. Este artigo declara também que, em casos de atrasos superiores a 30 ou 60 minutos, o patrão pode marcar uma falta de meio–dia ou dia completo, respectivamente, e consequentemente recusar o pagamento desse dia de trabalho. Nesta proposta as faltas injustificadas, as baixas fraudulentas e as quebras anormais de produtividade passam a constituir motivo para despedimento por justa causa.

Bastante contestados foram também os artigos 543 e 544 vistos como uma forma de diminuir a importância dos sindicatos e a capacidade reivindicativa dos trabalhadores. Os artigos em questão debruçam–se sobre a contratação colectiva. Acerca deste tema, a lei actual declara que é da responsabilidade dos sindicatos o exercício do direito de negociação colectiva, e que durante a negociação de um contrato (e enquanto não se chega a um acordo) o anterior contrato encontra–se em vigor. A proposta governamental altera esta visão da contratação colectiva ao definir que um contrato subsiste durante o mínimo de um ano. Findo esse período, e se nem trabalhadores ou empregadores o denunciarem, é renovado anualmente.

Com a previsível aprovação desta proposta o horário do trabalho nocturno sofre também alterações. Ocorre uma diminuição do período laboral nocturno, que passa a extender–se das 22h00 às 7h00. A lei que vigora actualmente situa o horário nocturno das 20h00 às 7h00.

Mais horas por semana

Dois dos principais pontos da discórdia que rodeia a proposta de Código do Trabalho são os artigos 160 e 161, respeitantes aos horários de trabalho. Se a lei actual delibera que os horários não podem exceder as 40 horas semanais, equivalentes a oito horas diárias de trabalho, o Governo pretende alargá–lo para 60 horas nos contratos colectivos (artigo 160). Assim, nestes contratos o período laboral pode atingir as 12 horas consecutivas diárias.

Se não for um caso de contrato colectivo, o patrão tem a opção de propôr aos seus trabalhadores dez horas de trabalho diárias e 50 semanais.

A legislação laboral proposta pelo Governo liderado por Durão Barroso apresenta também um artigo que está igualmente presente nas recentes legislações de países como a Itália e Espanha, nos quais foi sobejamente criticado. O artigo em questão refere–se à readmissão de um trabalhador em caso de despedimento sem justa causa. A lei em vigor diz que se o despedimento de um trabalhador for efectuado sem justa causa este tem direito a ser imediatamente readmitido e indemnizado. Por seu lado, a proposta do Código do Trabalho dá ao empregador a hipótese de não readmitir um trabalhador despedido, mesmo que o tribunal delibere que o seu despedimento foi sem justa causa. Para tal ser possível o patrão é obrigado a pagar três salários por cada ano de trabalho.

Parlamento Europeu desenvolve campanha de erradicação

Excisão continua a vitimar as mulheres

A mutilação genital feminina representa uma tradição activa em diversas sociedades contemporâneas. Uma conferência realizada no Parlamento Europeu (PE) lançou as bases do combate para a extinção desta prática

GUSTAVO SAMPAIO

Uma centena de especialistas e observadores de diversas partes do mundo, essencialmente mulheres, reuniram–se durante dois dias na penúltima semana do passado mês de Dezembro de 2002, em Bruxelas, com a finalidade de lançar uma campanha contra a prática da mutilação genital feminina. Na conferência, realizada no âmbito das actividades do PE, foram debatidos os problemas subjacentes a esta prática tradicional que afecta anualmente cerca de dois milhões de mulheres e crianças, tendo–se acordado um compromisso no sentido de extinguir esta realidade.

Provenientes de diversas origens e culturas, os activistas dos direitos humanos presentes no evento colocaram o combate à excisão feminina como uma questão prioritária na defesa dos direitos da criança e da mulher. Para além do consenso estabelecido ao longo da conferência, foram igualmente asseguradas ajudas financeiras para a campanha. O Banco Mundial comprometeu–se a apoiar o combate a este flagelo, admitindo a redução de dívidas aos países que se decidam a actuar com o intuito de banir esta prática das suas sociedades. A instituição financeira sublinhou o elevado custo económico inerente à mutilação genital feminina em termos de orçamento sanitário para os governos nacionais dos países onde subsiste essa tradição.

A conferência acabou por gerar as directivas pretendidas pelos participantes, restando agora esperar pelos efeitos práticos da campanha. Apesar das dificuldades esperadas, todos os discursos demonstraram um certo optimismo e confiança na resolução do problema.

Flagelo humano

A excisão feminina é uma prática comum em pelo menos 28 países africanos e em determinadas comunidades de países asiáticos e do Médio Oriente, afectando a vida de milhões de seres humanos. Em países como a Somália, o Djibuti, a Eritreia, a Etiópia, a Serra Leoa, o Sudão e a Gâmbia, a mutilação genital feminina atinge taxas que rondam os 90 por cento da população. Na maior parte dos casos existe uma política estatal que se opõe oficialmente a esta prática, mas sem a existência de qualquer tipo de legislação específica, mantendo assim sob impunidade o acto de mutilação genital da mulher.

Apesar de ter origem essencialmente no continente africano, o fenómeno começa a alastrar–se para outras partes do mundo, nomeadamente a Europa, devido aos movimentos migratórios. Em diversos países como a Noruega, o Reino Unido, a França, a Suécia, a Austrália, os EUA e o Canadá, vivem comunidades imigrantes significativas originárias de países onde a excisão é uma prática comum. Tendo em conta esta realidade, os países referidos adoptaram legislação específica que proíbe a prática da mutilação genital feminina. Num recente relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) é aconselhado aos países onde a excisão feminina não é uma prática tradicional a estarem atentos face à probabilidade de esta prática ser ilegalmente efectuada pelas comunidades imigrantes.

A organização Amnistia Internacional (AI) alerta igualmente para a expansão deste flagelo através das vagas de emigrantes. Considerando a excisão feminina como "uma prática profundamente arreigada nas tradições de certo número de sociedades", a AI recomenda uma abordagem cautelosa por parte dos países acolhedores relativamente à legislação adoptada, de forma a não marginalizar as comunidades imigrantes. Segundo a organização, deve–se defender "uma postura prudente e sensível, que a situe no contexto mais amplo da violência e da discriminação da mulher nas diversas culturas e que respeite a primazia do papel dos agentes de base na sua erradicação".



África: o continente onde a excisão feminina é mais comum

Tradição secular

A prática de mutilação genital feminina provém de crenças e tradições culturais e sociais enraizadas desde há vários séculos nas sociedades onde continua a ser aplicada. Apesar de ser recorrente a conexão deste acto com os ideais islamistas, demonstra–se incorrecto considerar os muçulmanos como os únicos praticantes da excisão feminina, uma vez que esta é igualmente mantida em algumas comunidades de cristãos e de judeus, assim como em várias tribos animistas. Para além disso, o Corão não defende esta prática, seguida apenas por um quinto da comunidade islamista em todo o mundo.

Para as comunidades que persistem em manter esta tradição, os ideias de pureza, virgindade e fidelidade da mulher que defendem na sociedade apenas podem ser garantidos através da mutilação do clítoris. O órgão sexual da mulher é visto como algo sujo e contrários aos ideais de higiene e de limpeza. Subsiste também a crença de que a mutilação refreia os impulsos sexuais da mulher, tornando–as mais calmas, dóceis e, sobretudo, submissas. Mais, fomenta–se a ideia de que a mulher não possui qualquer valor até ser excisada e de que sem ser submetida à operação nunca poderá conseguir um bom casamento.

Num género de sociedade onde a mulher continua a ser subjugada aos interesses do homem, o casamento acaba por se tornar no seu principal objectivo de vida, o que explica de algum modo a aceitação da excisão. Deste modo, a tradição permanece ao longo dos tempos.

As grandes vítimas desta prática, considerada por muitos como barbárie humana, são as meninas entre os quatro e os dez anos de idade, altura considerada ideal para a excisão. As operações são arriscadas, não possuem qualquer tipo de segurança ou de higiene, e acabam muitas vezes por se revelarem fatais para a saúde das vítimas. A forma de operação mais frequente é a excisão ou clitoritomia, que consiste na extracção parcial ou integral do clítoris e dos lábios menores da vulva. Segundo os dados fornecidos pelo relatório OMS, esta forma representa 80 por cento das mutilações genitais femininas.

"Apelo solene"

A 10 de Dezembro de 2002, data do aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, foi oficialmente lançada na internet uma campanha contra a mutilação genital feminina, promovida pela campanha "STOP FGM". Sob a designação de "apelo solene", a iniciativa pretende reunir o maior número possível de assinaturas de forma a exigir aos chefes de Estado, governos e deputados dos países onde a mutilação se pratica que garantam "o respeito pelos direitos humanos e das crianças", citando uma expressão presente na apresentação da página onde se pode subscrever o apoio pessoal a esta causa - www.stopfgm.org.

Para os organizadores da campanha, "o silêncio é o melhor aliado de um costume terrível que continua a fazer milhões de vítimas", e apelam à solidariedade dos signatários para que se comprometam a usar de toda a sua influência para erradicar a mutilação genital feminina.

Parlamento Europeu desenvolve campanha de erradicação

Tempos de mudança no Quénia

Após 24 anos de liderança corrupta, dez milhões de cidadãos foram chamados às urnas, no dia 27 de Dezembro, para decidir o futuro do Quénia

TIAGO AZEVEDO

Mwai Kibaki, de 71 anos, é o novo presidente do Quénia, tendo conseguido 63 por cento dos votos. O principal adversário, Uhuru Kenyatta, candidato pela União Nacional Africana do Quénia (KANU) e apoiado por Daniel Arap Moi, antigo presidente impedido constitucionalmente de se recandidatar, alcançou apenas os 30 por cento. Ficou muito aquém das expectativas, visto que a KANU se mantinha no poder desde 1963, altura da independência.

Ao mesmo tempo realizaram–se eleições legislativas e autárquicas, nas quais a Coligação Nacional Arco–Íris (NARC), partido de Kibaki, também conseguiu a maioria, ao obter mais de metade dos 222 lugares do parlamento. Contrariamente ao que aconteceu nas eleições de 1992 e 1997, registaram–se poucos incidentes nestas eleições. A principal coligação da oposição, a NARC, que congrega mais de uma dezena de partidos, denunciou o misterioso desaparecimento dos nomes de 20 por cento dos eleitores das listas eleitorais, invocando "erros deliberados". De qualquer forma, Kibaki conseguiu a maioria nacional e os 25 por cento em cinco províncias que são necessários para se tornar presidente do Quénia. O cabeça de lista da KANU, Uhuru Kenyatta, aceitou a sua derrota afirmando que será "o dirigente da oposição".

Durante a cerimónia de tomada de posse, que decorreu a 31 de Dezembro, o antigo presidente foi vaiado pela população descontente pelos 24 anos de má governação e nos quais a situação financeira do país piorou progressivamente. A liderança de Arap Moi transformou o Quénia num país onde reina a pobreza, com a maioria da população a sobreviver com o equivalente a menos de um euro por dia. Segundo o Banco Mundial, o rendimento anual de um cidadão de Singapura aproxima–se dos 24.800 euros, enquanto o de um queniano ronda os 350 euros, isto depois de, em 1971, os indicadores económicos dos dois países serem sensivelmente idênticos. O antigo governante culpava os países ocidentais pela desgraça vivida no seu país. No entanto, há quatro anos que a ajuda internacional ao Quénia foi congelada quando se descobriu que esta se dirigia a enriquecer a classe política, em vez de ser distribuída pela população em geral. Referindo–se às eleições nacionais, Arap Moi congratulou o povo queniano por este ter exercido "correctamente os seus direitos democráticos, com maturidade e na paz. Mostrou ao mundo que a África pode gerar ela própria o seu destino, sem violências".

Recuperação difícil

O agora terceiro presidente do Quénia já traçou alguns planos nos quais afirma ser necessário reactivar a economia, acabar com a corrupção e criar novos postos de trabalho. Do mesmo modo, Kibaki prometeu melhorar as relações com o Fundo Monetário Internacional e restantes credores, ao assegurar que os empréstimos irão servir para beneficiar a população em geral e iniciar o processo de actualização da constituição, dando mais poder ao parlamento, que até agora era uma sombra da presidência. Garantir o ensino gratuito a todas as crianças em idade escolar e arranjar medicamentos para mais de dois milhões de seropositivos são algumas medidas para cumprir num futuro próximo, mas também o turismo poderá ser desenvolvido se forem garantidas as condições de segurança. Com as expectativas de uma melhoria de condições o xelim queniano subiu para o seu máximo nos últimos 28 meses, uma ascensão baseada na esperança da recuperação das plantações de chá e de café.

Mwai Kibaki, aquando da tomada de posse, referiu que herdava um país que tinha sido bastante danificado por anos de má governação e de inépcia realçando a luta contra a corrupção: "Peço a todos que compreendam que no meu Governo não haverá vacas sagradas".

No entanto, os mais cépticos não acreditam que este novo executivo possa realizar as mudanças necessárias no panorama nacional pois a maior parte dos políticos da NARC são antigos dirigentes da KANU. O próprio Mwai Kibaki só em 1991 se mudou para a NARC, após longos anos ao serviço de Arap Moi. A grande dúvida da população é se estes políticos agora no poder não terão herdado os hábitos dos antigos governantes.

O novo Governo tem agora a difícil tarefa de recuperar um território afundado na pobreza, violência e fome.



O povo queniano continua à espera de uma mudança política e social

Guiné–Bissau vive dias instáveis

Após a dissolução do parlamento e perante o actual panorama de instabilidade politica, os guineenses vão, em Abril, às urnas para eleger um novo executivo

GUSTAVO SAMPAIO

Após a realização de encontros com os diversos líderes de partidos políticos da Guiné–Bissau, o presidente Kumba Ialá agendou as eleições legislativas antecipadas para o dia 20 de Abril de 2003. O país atravessa uma fase de instabilidade política, económica e social.

No dia 15 de Novembro, o Parlamento Nacional foi dissolvido por iniciativa presidencial, tendo sido prevista a realização de eleições antecipadas no prazo de três meses. Kumba Ialá considerou a "falta de credibilidade e de confiança interna e externa nas instituições da república" como os principais motivos para a destituição do Governo.

Ao reunir com o presidente da Comissão Nacional das Eleições, Higino Cardoso, o presidente guineense havia manifestado o desejo de realizar as eleições em Abril ou Maio, ao contrário da data inicialmente prevista, que apontava para Fevereiro. A extensão do tempo de preparação permite uma maior capacidade financeira para a campanha eleitoral dos partidos políticos e possibilita ao Governo interino do primeiro–ministro Mário Pires a angariação de apoios internacionais para a realização do escrutínio. Além disso, o Governo provisório pretende regularizar o pagamento de salários da função pública no período anterior às eleições, promovendo uma maior participação no acto eleitoral.

A Guiné–Bissau tem vivido momentos de agitação política. Em Dezembro, o presidente exonerou os principais responsáveis do Serviço de Informações de Segurança de Estado. Os motivos indicados para tal foram alegados "comportamentos conducentes à instabilidade no país, má gestão dos recursos financeiros e desobediência à cadeia de comando". No mesmo período de tempo, as emissões da RTP–África no território foram unilateralmente retomadas por iniciativa do Governo, algumas semanas após a sua suspensão, contrariando as delimitações da administração da estação pública. Em consequência deste incidente, a Amnistia Internacional entregou às autoridades guineenses um relatório onde apresenta as suas preocupações em relação "à falta de liberdade de imprensa" no território. A denúncia da Liga Guineense dos Direitos Humanos, de que vários militares críticos do presidente têm vindo a ser detidos de forma ilegal ilustra bem o clima de turbulência que se vive na Guiné–Bissau.

PUB

FOTO MONTEIRO

*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Apesar dos problemas, as crianças ainda

A vida dos meninos do Ingote, um dos bairros pior afamados de Coimbra, pode melhorar a curto prazo. Há sinais optimistas no combate à discriminação. No bairro, a infância tem sido marcada pelo preconceito, fruto da coexistência de modelos culturais distintos. A progressiva abertura da comunidade cigana e os esforços de diversas entidades criam perspectivas de um futuro mais risonho para estas crianças

SOFIA CARVALHO
PEDRO RAMOS
FOTOS: MARILYNE ALVES

"Gosto mais dos meus colegas quando se portam bem. Quando for grande quero ser juiz!". Marcelo, de sete anos, é um dos 63 alunos que frequentam a Escola do 1º Ciclo do Ingote, edificada numa elevação como que a vislumbrar os bairros circundantes - Ingote e Urbanização "Ar e Sol".

Com 67 por cento de alunos de etnia cigana, este estabelecimento de ensino do Ingote assume–se como caso ímpar na Península Ibérica. As diferenças sociais e culturais são obstáculos difíceis de ultrapassar, condicionando desde logo a comunicação e entendimento entre as comunidades. O processo de inserção social e escolar destas crianças é longo e complexo. Daí a necessidade de uma mediadora cultural que estabeleça o contacto entre a escola e os encarregados de educação, cargo que existe há três anos nesta comunidade educativa. Célia da Silva, de etnia cigana, exerce esta função desde Outubro e sente–se realizada com o seu trabalho. Consciente do estereótipo criado em torno da população cigana, Célia mostra–se empenhada em mudá–lo: "Graças a Deus que sou mediadora. A escola tem má fama. Quero mostrar a Coimbra, e não só, que a escola tem talentos que podem ir muito longe."



Educar motivando

Segundo Mafalda Olaio, uma das professoras, o problema de muitas crianças é a falta de motivação. "Eles são interessados, mas dispersam–se muito", afirma. Para avaliar até que ponto os comentários correspondiam à realidade decidiu concorrer para a escola nº 41 do Ingote. Ao fim de cerca de dois meses de trabalho garante: "Não noto diferença nenhuma entre este e os outros sítios onde trabalhei". Salienta igualmente todo o trabalho prévio a desenvolver antes de começar a ministrar os conteúdos do programa. "Não posso exigir que os alunos aprendam a escrever correctamente no 1º ano. Antes de mais, é necessário ensiná–los a relacionarem–se entre eles e connosco. Temos que começar por regras, valores, formas de comportamento, quer ao nível familiar quer dentro da escola", afirma.

A motivação das crianças é o grande cavalo de batalha dos responsáveis da instituição para colmatar as carências afectivas e educativas das crianças. A realização de actividades diversas, simultaneamente lúdicas e pedagógicas, tem sido uma aposta para estimular a sua participação. Aquando das comemorações do S. Martinho foi organizado um magusto aberto à população dos diferentes bairros. A forte adesão por parte da comunidade resultou numa saudável confraternização com alunos e professores.

O pequeno corpo docente (constituído por seis professoras, onde apenas uma é efectiva) e a rudimentar in-





O desejo de ser má

Diferente, mas igual. Esta é a escola do Ingote. No intervalo, as crianças aproveitam para dar asas à liberdade que as quatro paredes da sala de aula limitam. A gritaria é ensurdecedora. Todos querem brincar aos jornalistas, ser entrevistados e fotografados. Todos excepto Antónia. Um olhar distante e introspectivo deixa perceber alguma inadaptação ou timidez pela presença de estranhos. "O que queres ser quando fores grande?", arriscamos perguntar. "Quero ser má", responde Antónia secamente.

Entre empurrões e frases desconexas, características próprias da tenra idade, os miúdos correm, dispersando–se. Nas formas de tratamento nota–se alguma agressividade, "atitudes e comportamentos muitas vezes relacionados com carências afectivas", refere a professora.

O toque estridente da campainha faz–se sentir, anunciando o fim do recreio. Sem grandes pressas e um pouco contrariados, os alunos vão entrando para as salas de aula. Depois de contados e recontados faltavam três. Antónia era uma das ausentes. Antes de ir para a aula abraça a professora Mafalda, declarando "Esta é a minha mãe". Antónia, que queria ser má, precisa de "mais apoio e acompanhamento", afirma a mediadora da instituição.

Miúdos traquinas, espontâneos e alegres. Miúdos curiosos e interessados. Correm, magoam–se, choram e riem com a mesma intensidade. Sorrisos contagiantes em rostos expressivos. Afinal, são apenas crianças.

Uma manhã numa escola diferente

sorriem no Bairro do Ingote



formatização do estabelecimento, aliados a uma progressiva degradação do edifício, são factores que condicionam o sucesso da aprendizagem. "Apesar de tudo, esta é uma escola diferente, que acaba por precisar de mais coisas que as outras, porque estas crianças têm mais dificuldade em motivar–se", argumenta a professora Mafalda Olaio.

Viajar e aprender

Externamente os problemas são mais diversificados e complexos. A coexistência de culturas com raízes e valores distintos nem sempre é pacífica. A mentalidade cigana tem vindo a evoluir progressivamente. Contudo, verificam–se dificuldades na conjugação de interesses e objectivos de pais e educadores. O temor de que os filhos assimilem outros valores culturais, renegando as suas origens, é ainda recorrente entre os elementos da comunidade. "Para um cigano, depositar o seu filho nas mãos de uma professora que não seja da sua etnia é um pânico", alega ainda Mafalda Olaio. A ponte comunicacional estabelecida pela mediadora é, neste contexto, um elemento fundamental ao sucesso escolar da criança.

"Para um cigano, depositar o seu filho nas mãos de uma professora que não seja da sua etnia é um pânico"

O trabalho desenvolvido por instituições exteriores à escola, como a Cáritas, (através do Centro Comunitário de S. José e do Centro Social de S. Pedro) e o Centro Municipal de Acção Social (CMAS), têm contribuído para uma maior integração das crianças e jovens do bairro. Maria José Brenha, técnica superior de serviço social no CMAS, sustenta que "o objectivo principal do centro é contribuir para a integração dos indivíduos de todas as idades".

Os jovens são um estrato etário ao qual o centro dispensa uma atenção especial. O "Animarte", programa sócio–educativo de carácter lúdico e recreativo, iniciado em Janeiro do ano passado, é direccionado especialmente para os mais novos, embora aberto à população em geral. No âmbito deste projecto foram já realizadas viagens de estudo e passeios culturais, como as recentes visitas ao Santuário de Fátima e ao Oceanário em Lisboa. A promoção destas e outras iniciativas parte da necessidade de formação e ocupação dos tempos livres das crianças.



CIÊNCIA

Nova descoberta traz esperanças à comunidade científica

Cromossoma 14 sequenciado

Foi completamente descodificado o cromossoma 14, responsável por várias doenças como o surgimento precoce da Alzheimer e que se supõe ter um papel bastante essencial no desenvolvimento do sistema imunitário

EMANUEL GRAÇA


D.R.

O cromossoma 14 foi a maior porção de DNA sequeciada até hoje

A maior sequência de DNA descodificada até hoje foi apresentada no início deste mês. O cromossoma 14 foi totalmente sequenciado de forma pormenorizada por uma equipa de cientistas do Centro Nacional de Sequenciação francês liderada por Roland Heilig e Jean Weissenbach, em colaboração com cientistas norte–americanos, num total de cerca de 100 cientistas envolvidos.

Segundo o revelado pela revista Nature na sua edição electrónica de Janeiro, neste cromossoma, um dos 46 do genoma humano, a equipa identificou mais de 1050 genes e fragmentos de genes e ainda 393 pseudogenes, genes semelhantes aos outros, mas que são incapazes de dar instruções para que as células fabriquem proteínas ou desempenhem outras funções. Foi também determinada a localização de dois genes essenciais para o sistema imunitário e de cerca de 60 genes envolvidos em doenças humanas (quando os genes apresentam defeitos), como as de Alzheimer ou a Machado–Joseph, que afecta muitos açorianos e os seus descendentes. O cromossoma 14 é composto por 87.410.661 pares de bases azotadas, uma parcela do total de três biliões de pares existentes no genoma humano.

Esta nova descoberta veio trazer novas esperanças à comunidade científica, especialmente no que toca à terapia genética. "Estes projectos de sequenciação fornecem–nos as ferramentas necessárias para a identificação de genes particulares relacionados com doenças como a asma ou as doenças de coração" explica John Martignetti, investigador clínico na Mount Sinai School of Medicine em Nova Iorque. "Espero que o mesmo nível de cuidado e precisão utilizado pelo grupo francês na sequenciação do cromossoma 14 seja utilizado agora para a sequenciação dos restantes cromossomas", acrescenta ainda Richard Hyman, investigador na Universidade de Stanford, Califórnia. Segundo Mark Guyer, membro do National Human Genome Research Institute, na África do Sul, há forte possibilidade de, até ao final de Abril deste ano, estar totalmente completa a sequenciação dos restantes 20 cromossomas do património genético humano.

Apesar do anúncio realizado em Fevereiro de 2001 da sequenciação do genoma humano, uma tarefa levada a cabo pelo Projecto do Genoma Humano, um consórcio que reuniu investigadores dos EUA, Reino Unido, Alemanha, França, China, Japão e a empresa privada norte–americana Celera, o certo é que esse mapa contém ainda imprecisões. Por isso, este trabalho agora apresentado partiu dessa base e procurou aperfeiçoá–lo, como já foi feito para três cromossomas (os 20, 21 e 22) ao longo dos últimos três anos.

Técnico distingue melhor aluno

O Instituto Superior Técnico (IST) entregou ontem o Prémio Professor Jaime Campos Ferreira que distingue anualmente o melhor aluno na área da matemática. O prémio, na primeira edição, foi entregue a João Pedro Pina, estudante da licenciatura de Engenharia Civil.

"O objectivo é premiar o melhor aluno do IST na área da matemática, concedendo–lhe uma bolsa que funciona com iniciação à actividade de investigação" afirmou, em declarações à agência Lusa, Jorge Buescu, coordenador da licenciatura de Matemática no IST. Jorge Buescu salienta ainda a importância do Prémio Jaime Campos Ferreira, e relembra que "muitas vezes os melhores alunos de matemática nem sequer pertencem à licenciatura de Matemática".

Este prémio é atribuido em função dos currículos académicos dos candidatos e consiste num diploma, mil euros e uma bolsa de 500 euros mensais durante dez meses, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A bolsa tem como finalidade apoiar o vencedor na elaboração de um trabalho de investigação na área da Matemática ou suas aplicações, a apresentar no final dos dez meses.

Além de João Pedro Pina, foram ainda atribuídas pelo júri duas menções honrosas a Ana Rita Pissara Pires e Ricardo da Conceição Inglês, ambos da licenciatura de Matemática do IST. As candidaturas ao Prémio Professor Jaime Campos estiveram abertas a todos os alunos do terceiro, quarto e quinto anos de qualquer licenciatura do IST. Para mais informações, ir ao site www.math.ist.utl.pt/PremioPJCF/.

Estudo liga efeitos do álcool a ataques do coração

Álcool diminui risco cardíaco

Segundo os resultados obtidos por um estudo norte–americano, as bebidas alcóolicas podem diminuir até um terço a probabilidade de um ataque cardíaco. O segredo está na regularidade e não na quantidade, afirmam os investigadores

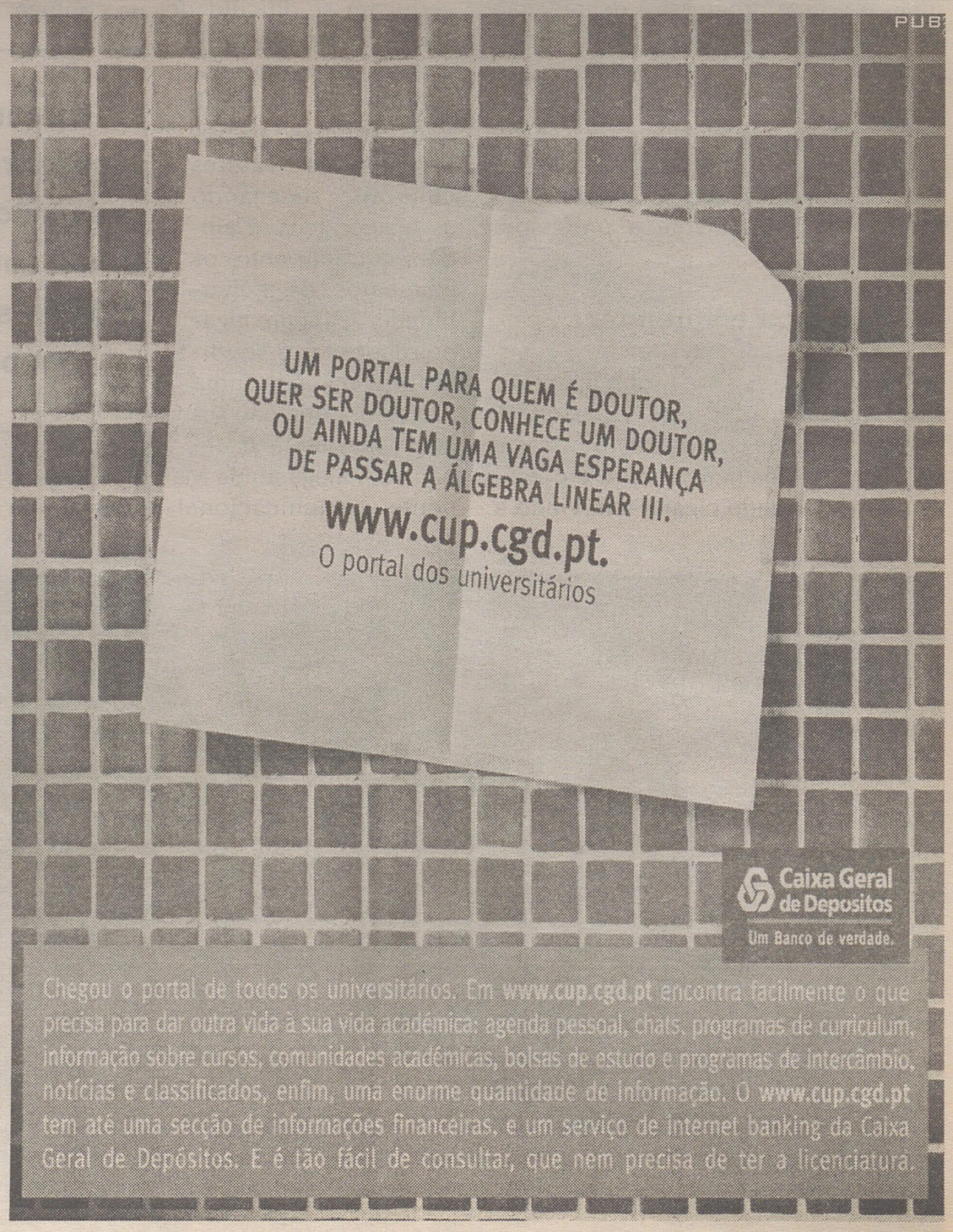
Meio copo de vinho, cerveja ou licor por dia é o suficiente para reduzir as probabilidades de ter um ataque cardíaco. Segundo um estudo publicado dia 9 no "New England Journal of Medicine", os consumidores regulares masculinos de bebidas alcoólicas podem diminuir até um terço o risco de sofrerem deste tipo de problema.

Anteriores estudos já tinham demonstrado que o álcool podia prevenir ataques cardíacos, mas a novidade nesta investigação é o facto de evidenciar que a regularidade do consumo é mais importante do que a quantidade consumida. Por outro lado, parece ser irrelevante a ligação entre a ingestão de bebidas alcoólicas e outras substâncias, como no caso das refeições.

Segundo os resultados obtidos, todos aqueles que consumiam bebidas alcoólicas pelo menos três vezes por semana, tinham cerca de um terço a menos de probalidade de sofrerem um ataque cardíaco do que os abstémios. Para os que consumiam bebidas alcoólicas apenas um ou dois dias por semana, a percentagem diminuía para menos de 16 por cento, quando comparados com os não–consumidores. Segundo o apurado, a quantidade ingerida não alterava estes valores, fosse ela de meio copo ou de quatro copos de uma determinada bebida.

O estudo, que seguiu os hábitos de consumo de bebidas alcoólicas de mais de 38.000 mil indivíduos do sexo masculino durante 12 anos, foi encabeçado por Kenneth Mukamal, da Harvard University Medical School. Este investigador enfatiza os resultados obtidos afirmando que estes apenas se aplicam a consumidores moderados e ao sexo masculino. No entanto, esta investigação está já a gerar muita polémica, com vários cardiologistas a levantarem muitas reticências às conclusões obtidas. Para Gary Francis, director da Unidade de Cuidados Coronários Intensivos da Cleveland Clinic, seria mesmo irresponsável "um médico aconselhar um paciente a começar a beber para prevenir futuras doenças cardíacas".

Estudos anteriores haviam já realçado o papel positivo desempenhado pelo álcool na saúde humana, nomeadamente elevando o nível de colesterol "bom" e também influíndo sobre as plaquetas sanguíneas ao evitar a formação dos coágulos que estão na origem dos ataques cardíacos.



Jogo morno vale um ponto para a Briosa

Dário volta a ser decisivo

Depois da vitória frente ao Varzim, a Académica foi este fim de semana a Braga impôr um empate (1-1) ao sporting local, no jogo que abriu a 17º jornada da Superliga.

NUNO DIAS

A Briosa somou, em Braga, o quarto jogo consecutivo sem perder. Num encontro nem sempre bem jogado, os estudantes evitaram a derrota e conquistaram mais um precioso ponto, com vista à manutenção.

O início do jogo mostrou um Sporting de Braga mais empenhado no ataque, desperdiçando algumas oportunidades de golo onde Pedro Roma respondeu muito bem a remates de Wender e Telmo. No entanto, a Briosa apresentou-se no Estádio 1º de Maio com vontade de pontuar e conseguiu controlar quase sempre os acontecimentos, jogando um futebol menos físico e com trocas de bola mais curtas, permitindo uma maior coesão da equipa.

As escassas situações de golo e um jogo muito táctico no meio campo mostravam a fraca qualidade do encontro durante toda a primeira parte. O intervalo chegou com um nulo no marcador. Um resultado justo, face à produtividade evidenciada pelas duas equipas, apesar de algum domínio dos donos da casa.

No início do segundo tempo, a Académica criou uma boa ocasião para marcar, aos 52 minutos, mas André não soube aproveitar um passe mortífero de Roberto. Logo a seguir, foi a vez de Pedro Roma evitar o golo bracarense. Num jogo de parada e resposta, o Braga foi mais feliz quando Barroso, aos 58 minutos, abriu o activo com um potente remate na transformação de um livre directo.



Dário, esforçado, foi mais uma vez o salvador da Académica

Mas os estudantes não baixaram os braços, Artur Jorge lançou Dário para o lugar de Valeri e aos 66 minutos é restabelecido o empate, por intermédio do mesmo Dário, que regressou de uma lesão. Contudo, até ao final do encontro, ambas as equipas continuaram a não mostrar resultados práticos, permanecendo sem arriscar demasiado, satisfeitas com a repartição de pontos.

Com este resultado, a Académica cumpriu o seu segundo jogo com Artur Jorge no banco sem perder, somando agora 16 pontos, na 15ª posição.

Porto empresta dupla

Depois da entrada de Marcos António (ex-Porto), e Vítor Vieira (ex-Santa Clara) foi a vez de serem anunciadas mais duas aquisições, por empréstimo do FC Porto: Manuel José, uma promessa da equipa B e Hilário, um guarda-redes que regressa a Coimbra após a passagem por vários clubes da Superliga. Artur Jorge tem assim motivos para ficar satisfeito, uma vez que ambos se vão apresentar em Coimbra no início da próxima semana.

Milhares de euros em prejuízos materiais

Desportos Náuticos com futuro difícil

O normal funcionamento da Secção de Desportos Náuticos da AAC está comprometido desde as cheias de Janeiro de 2001. A falta de equipamento adequado dificulta as prestações e o treino dos atletas

TIAGO AZEVEDO

Há dois anos que a Secção de Desportos Náuticos se vê a braços com a falta de material. Depois de uma inundação no último fim-de-semana de Janeiro de 2001 que danificou grande parte do seu património, a secção procura agora apoios que lhe permitam retomar as actividades e a competição.

As inundações que assolaram o Choupalinho provocaram diversos danos materiais, destruindo e arrastando muito do equipamento utilizado no desenrolar das actividades náuticas. Segundo um relatório, divulgado pela Secção de Desportos Náuticos, os prejuízos ascendem aos 39.860 euros (cerca de 8000 contos), uma soma que corresponde ao investimento de muitos anos. Como afirma Ricardo Reis, presidente da Secção de Desportos Náuticos, repôr estas verbas "está fora de questão, pois perdemos barcos e não temos meios de os recuperar e nem de comprar outros".

Para além de embarcações de remo, canoagem e windsurf, os estragos afectaram igualmente equipamento eléctrico, médico, de manutenção, entre outros. Esta multiplicidade de equipamento danificado vem agravar a situação de outros pelouros como a formação, iniciação, lazer, desporto universitário e escolar, dificultando a vida dos 150 atletas que iniciaram a presente temporada. Ricardo Reis salienta que o número de atletas na modalidade tem vindo a aumentar e refere o facto de serem "mais que os barcos". Quanto às competições, lamenta que tenham sido perdidos barcos de alta competição e alerta para o facto desta situação afectar "o rendimento dos atletas".

Já foram contactadas entidades oficiais de forma a minimizarem os prejuízos. No entanto ainda não obtiveram nenhuma resposta, o que não impede que "continuemos a tentar", como afirma o presidente da secção. Com o agravar do tempo nos últimos dias e com a experiência vivida no passado, o material foi todo transportado para uma zona mais elevada para não se repetir a situação de há um ano. O grande problema é a questão de o material ficar ao ar livre sem se saber "o que poderá acontecer", segundo Ricardo Reis.


Inundações de há dois anos ainda afectam o funcionamento dos Náuticos

BOLA AO AR
JOÃO CORTESÃO

Inverno cinzento

Vivem-se dias difíceis no desporto da Associação Académica de Coimbra. A Secção de Desportos Náuticos está quase debaixo de água enquanto o futebol está pouco acima da linha de despromoção. Por sua vez, o râguebi não se conseguiu qualificar para a fase final do campeonato, depois de uma época desastrosa marcada pelo início tardio da preparação e pelos problemas causados pela escassez de espaços para treinar, que também afectou outras equipas da AAC.

Mas nem tudo são más notícias. No basquetebol, a equipa de Norberto Alves continua a liderar o Campeonato Nacional da 2ª Divisão A, em igualdade pontual com o Ovar. A equipa tem realizado grandes exibições e o público que se desloca ao Pavilhão da Solum é cada vez mais. Esta afluência vem premiar o espectáculo que, jornada após jornada, é protagonizado pela jovem equipa da Briosa e que pode contribuir, de um modo decisivo, para o relançamento desta secção, que se debate com graves problemas económicos. A obtenção de apoios é, neste momento, vista como a única saída para uma crise que já obrigou os dirigentes desta secção a extinguir a equipa sénior feminina.

No futebol, a AAC/OAF conheceu os nomes de mais dois reforços vindos dos campos do "padrinho" Futebol Clube do Porto, no dia em que somou o seu quinto jogo consecutivo sem conhecer a derrota, o segundo da "era" Artur Jorge. Hilário, o guarda-redes que ocupa o quarto lugar na hierarquia dos guardiões das Antas e Manuel José, médio da equipa B que já integrou os trabalhos da equipa principal por algumas vezes. A vinda destes reforços espelha, de certa maneira, o regresso à normalidade a que temos assistido nas últimas semanas. Artur Jorge já treina a equipa diariamente e os jogadores e dirigentes começam a habituar-se aos cargos que ocupam e às novas funções que têm de desempenhar.

> "Os jogadores e dirigentes começam a habituar-se aos cargos que ocupam"

Contudo, esta calma é apenas temporária, já que no próximo dia 27 de Janeiro vamos ter um processo eleitoral que se prevê bastante conturbado, a avaliar pelas reacções à última Assembleia Geral da AAC/OAF. Para estas eleições, as dúvidas são mais que as certezas, já que temos apenas um projecto que se afirma claramente como candidato, apesar de a candidatura da actual Comissão de Gestão ser quase um dado adquirido. No único grupo que se afirma como candidato à direcção do OAF, os nomes que assumem maior destaque são António Rochette e o ex-jogador Dimas, que já afirmou estar disponível não dando, contudo, quaisquer certezas acerca de uma possível candidatura. Quanto à actual Comissão de Gestão, a candidatura é um dado quase certo, provavelmente na pessoa de Álvaro Amaro, que já afirmou estar completamente disponível para ajudar a Académica.

"Esta segunda parte do campeonato vai


JOÃO CORTESÃO

Artur Jorge demonstra-se confiante na manutenção da Briosa no escalão principal do futebol português

Na sua primeira grande entrevista após ter aceite o lugar de treinador da Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF), Artur Jorge fala do presente e do futuro. Na cabeça do único treinador português campeão da Europa por clubes, apenas uma certeza: a Académica não vai descer

JOÃO CORTESÃO

Dois jogos após ter tomado em mãos os destinos da Académica, uma vitória e um empate depois, Artur Jorge abre o jogo. O antigo jogador e agora treinador da equipa dos estudantes mostra-se confiante no seu plantel e traça como meta não só ficar acima da linha de água mas também longe dos últimos lugares.

O convite para treinar a Académica surgiu numa altura complicada na vida do clube. Se tivesse surgido noutro contexto teria aceitado?

Não faço ideia nenhuma... As pessoas pediram-me para eu vir cá para ajudar a Académica e eu nunca pensei que era para treinar futebol. Pensei que era para ajudar de outra maneira qualquer. Depois falei com as pessoas e elas puseram-me a par da situação da Académica: quais eram as dificuldades que tinham, o que queriam para o futuro, essas coisas todas. Resolvemos todos pegar nisto, porque aqui não é apenas uma pessoa, é um grupo que quer ajudar a AAC/OAF no sentido de a transformar num clube razoável, equilibrado, num clube que tenha possibilidades de ver nesta altura assim como no futuro.

"Vou conseguir fazer aquilo que quero"

Se fosse convidado para integrar a direcção do clube, aceitava?

Acho que não me convidavam para isso. A ideia com que fiquei era que as pessoas esperavam que eu ajudasse com algum dinheiro, uma vez que já existiam muitos a ajudar o clube dessa maneira. Mais tarde percebi que não era nada disso. Deu-me vontade de rir, não sabia o que havia de responder. Depois falei com as pessoas, durante vários dias, e chegámos todos à conclusão que isto era para ser pegado por muita gente. Vamos todos tentar ajudar para que o futuro da Académica seja melhor.

"Subir cada vez mais"

Quais são os seus objectivos para esta época?

Como qualquer treinador, quero fazer o melhor possível. Todos os treinadores, quando entram numa equipa, é para que as coisas melhorem e para que os jogadores melhorem. A minha ideia é a mesma. Eu acho que uma equipa é capaz de sobreviver se os resultados forem bons e o futuro da Académica passa também por aí... Não descer de divisão é muito importante, existindo já várias equipas nessa situação, que pensam exactamente da mesma maneira que nós. Esta segunda parte do campeonato vai ser uma guerra desportiva. Esperamos não ficar nos últimos lugares e para isso temos que estar todos preparados e ter uma cabeça forte, no sentido de continuarmos a jogar o futebol que os jogadores são capazes de fazer. A nossa ideia é subir cada vez mais e ganhar cada vez mais jogos.

Portanto, o limite não é não descer. Até onde é que pode ir esta equipa?

Não se sabe. Nós viémos para aqui para ajudar a Académica a fazer um melhor campeonato mas ainda está tudo muito complicado. Nesta altura, ainda faltam muitos jogos e penso que é importante metermos na cabeça que vai ser difícil. Temos que pensar positivo para podermos melhorar e para pensarmos que esta equipa pode ser mais forte. Agora é o tempo que nos vai dizer o que temos que fazer.

"Vamos ser melhores que os outros"

Acompanhou a primeira volta da Académica?

Não completamente. Agora estou a ver os vídeos, estou mais por dentro daquilo que a Académica fez e tenho mais dados para poder trabalhar. Mas penso que o problema em ajudar a Académica tem a ver com o clube em si e não apenas com a equipa de futebol. Prende-se sobretudo com aquilo que a Académica quer ser e com os apoios que vai ter. No fundo, penso que o relançamento da equipa passa pela realização de projectos com futuro.

Daquilo que viu, o que é que aconteceu nesta primeira volta? Os maus resultados deveram-se a factores externos?

Eu acho que sim, os jogadores são profissionais e os tempos não se repetem. O que aconteceu há vários anos não se repete. Os tempos são completamente diferentes. A Académica está no campeonato nacional e as coisas têm que correr da melhor maneira possível. Eu acho que estes jogadores mostraram uma grande dedicação e uma grande honradez porque estiveram a trabalhar sem ganhar dinheiro. Foram problemas que eu espero que sejam resolvidos a curto prazo, para fazer deste clube um grande clube.

Está a realizar um trabalho de continuidade ou pretende fazer mudanças?

Quando cheguei não fiz mudanças porque não conhecia a equipa. Começámos a trabalhar todos os dias e apercebi-me das qualidades dos jogadores. É sempre um trabalho complicado. Quando chegamos nada pára,

Onda de solidariedade

Artur Jorge fala da mística da Académica e da recente onda de solidariedade em torno do clube. Para o actual treinador dos estudantes, todos estão "a tentar fazer o melhor possível" para ajudar um dos emblemas mais carismáticos do campeonato português.

A Académica sempre foi vista como uma equipa com uma mística especial. Continua a ser uma equipa diferente?

Eu espero que sim... Não é igual porque as pessoas são outras, mas tenho visto os últimos jogos e os adeptos vão lá, o apoio é muito grande, parece o apoio de há muitos anos. Fundamentalmente, acho que as pessoas querem que o clube melhore e penso que é isso que vai acontecer.

São factores como este que ajudam a explicar a "onda de solidariedade" que se gerou em torno do clube?

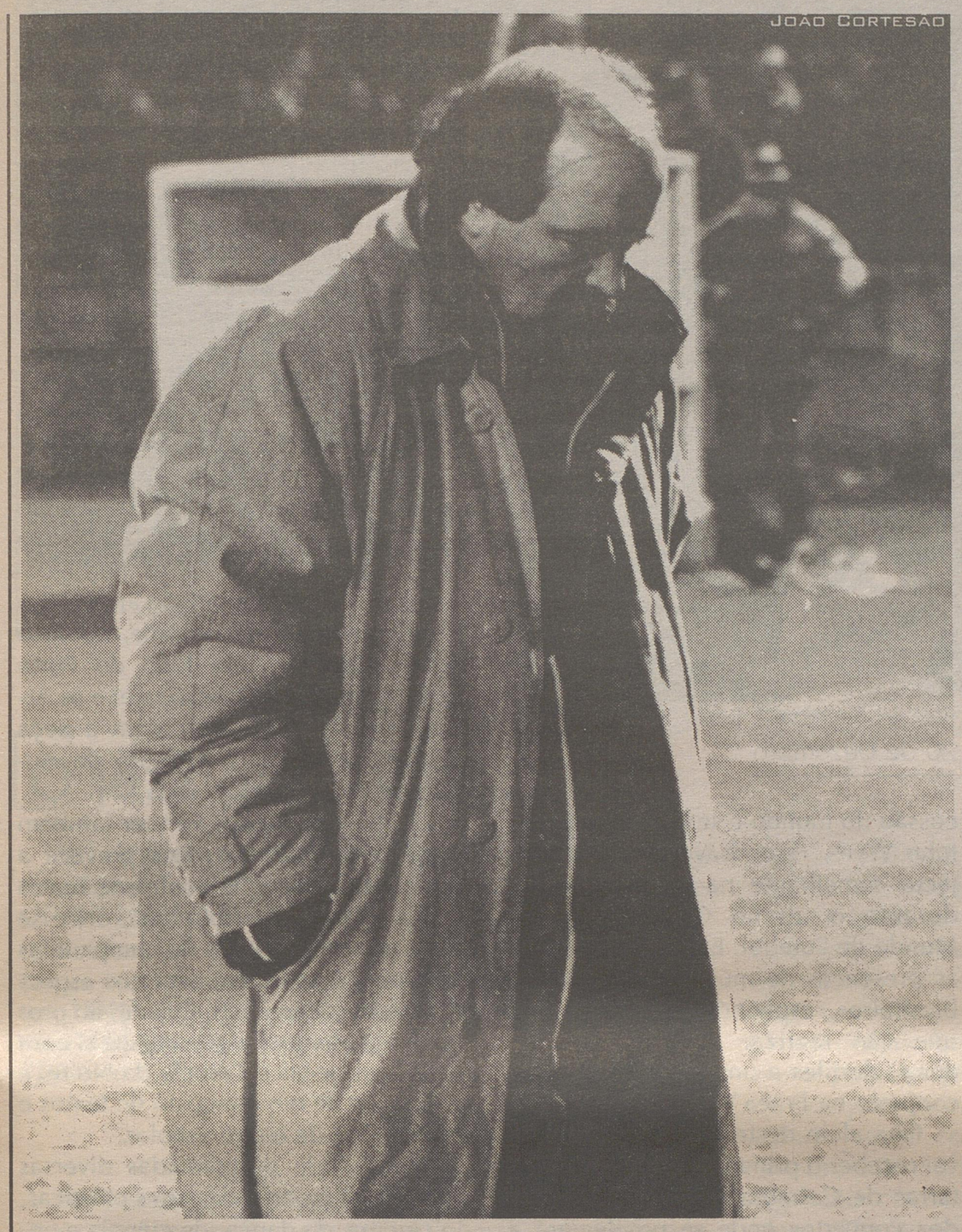
Acho que sim. Este é um clube muito antigo e muito popular. Se calhar as pessoas mais novas têm alguma dificuldade em perceber esta realidade mas a Académica teve épocas muito boas, em que era muito popular e em que era o segundo clube de toda a gente. Nesta altura, a Académica vai atrás disso, desse contacto com as pessoas para que consiga ser uma equipa com um bom projecto para o futuro.

Também se insere nesta "onda de solidariedade", uma vez que está a trabalhar em condições especiais...

Estes jogadores também trabalharam em condições especiais... Toda a gente está aqui a tentar fazer o melhor possível, todos somos e vamos continuar a ser profissionais.

Artur Jorge defende uma Académica forte para o futuro

ser uma guerra desportiva"


JOÃO CORTESÃO

"Já vieram dois jogadores, vamos ver se vem mais um ou dois"

as coisas continuam. Vim cá, estive aqui quase dez dias em que apenas vi treinos e jogos, porque não faz sentido as pessoas começarem a trabalhar sem se conhecerem minimamente. Ao fim de uns dias, tentei ser mais um a ajudar, no sentido de continuar um trabalho.

Como é que viu o processo que acabou por levar à saída do treinador João Alves?

São problemas muito delicados para todos. As coisas não correram como as pessoas esperavam que corressem. Existiram de facto grandes dificuldades que se calhar não se esperavam. Penso que a situação chegou a um ponto difícil e as pessoas resolveram–na como podiam resolver. O que acontece com o Alves acontece com toda a gente. Penso que o Alves fez o melhor possível. A ideia dele era fazer com que a Académica fosse uma grande equipa mas existiram dificuldades que ele não teve possibilidade de ultrapassar.

Nos últimos anos, a Académica tem atravessado um período de sobe–e–desce. Este é um ano decisivo para a Académica se afirmar na Superliga?

Eu espero que sim. E, tal como eu, existem muitas pessoas que pensam da mesma maneira. Existe um grande apoio à volta da equipa, que tem que fazer por merecê–lo. Há muita gente que quer ajudar a Académica. Toda a gente veio para ajudar e todos trabalhamos diariamente nesse sentido.

Amadorismo

Fala–se muito de amadorismo na Académica. Esse amadorismo ainda existe?

É difícil falar do que aconteceu no passado. Tal como disse, a Académica passou por altos e baixos no seu historial, mas isso é normal, não se pode estar sempre lá em cima. Há momentos mais difíceis e eu penso que temos que aprender com eles, para não os repetirmos. É necessário criar uma organização forte para que o futuro da Académica seja melhor e parece–me que é isso que esta Comissão de Gestão está a fazer. Não é voltar para trás, é pegar nas coisas boas que existiam para que tudo isto volte a progredir no sentido de fazer deste clube um clube maior.

"Estes jogadores mostraram uma grande dedicação e uma grande honradez porque estiveram a trabalhar sem ganhar dinheiro"

O que pensa do estatuto de trabalhador–estudante?

Essa situação não mudou assim tanto, porque continuam a existir jogadores que jogam bom futebol e estudam ao mesmo tempo. Pegando naquilo que o Dr. Moreno disse há pouco tempo, e com o qual eu estou completamente de acordo, a Académica é um clube de gente que estuda ao mesmo tempo que joga futebol e de três ou quatro jogadores que não estudam e que jogam um pouco melhor que os outros. Estou convencido de que a Académica pode continuar a ser uma equipa deste tipo, com gente que sabe e gosta de jogar futebol, que quer fazer uma carreira profissional mas que pode aproveitar os seus tempos livres, que são bastantes, para estudar. Assim, para além de uma boa carreira futebolística, podem sair também com um curso superior.

"A Académica é um clube de gente que estuda ao mesmo tempo que joga futebol e de três ou quatro jogadores que não estudam e que jogam um pouco melhor que os outros"

Este é um projecto para uma época ou pondera ficar mais tempo?

Não se sabe, não se sabe... Vamos ver os próximos tempos. Eu penso que os próximos meses são muito importantes para vermos o que é que as pessoas querem que a Académica seja. Vamos também ver o comportamento da equipa.

Quais são as principais lacunas da equipa?

Não sei, acho que esta equipa tem muitas qualidades. Os jogadores provaram que têm uma grande responsabilidade porque tiveram um comportamento excelente e penso que estamos a melhorar todos os dias. Eles dão–me a entender que têm uma cabeça forte, que são positivos e penso que o futuro vai ser bom quando os vejo a treinar todos os dias. Penso que vou conseguir fazer aquilo que quero, vamos por aí fora e vamos ser melhores do que os outros.

Reforços

Em relação a reforços... Já chegaram dois, estão mais em vista?

Nesta altura toda a gente quer reforços porque a competitividade entre os jogadores aumenta e quando existem mais pessoas para jogar, toda a gente está confiante e sabe que tem que treinar mais e tem que estar mais em forma. No fundo, é o que se passa connosco. Já vieram dois jogadores, vamos ver se vem mais um ou dois, no sentido de aumentar a competitividade e ter mais jogadores em condições de nos ajudar na nossa tarefa, que é bastante complicada.

Podem sair jogadores?

Eu acho que não. Desta gente que está connosco, todos se têm portado bem. O comportamento deles tem sido muito bom. Temos gente mais nova ou menos nova, jovens que vão ter mais tempo para trabalhar com os outros. Acredito que, quando se treina bem, fica–se melhor. Por isso, estou convencido de que esta gente vai melhorar nas suas qualidades.

Referiu a força dos jogadores. Como é que está a moral do grupo?

Eles estão bem, como podemos ver nos treinos, têm trabalhado bem e estão todos completamente disponíveis. Não se vê aqui ninguém que não trabalhe e, assim, a nossa tarefa é mais fácil e melhor.

Como são as condições de trabalho?

Ainda não são as melhores mas penso que estão a melhorar. Temos condições para treinar, apesar de este ser um ano difícil porque não podemos trabalhar no Estádio da Académica. Temos mais possibilidades do que tínhamos antes, estamos a treinar aqui diariamente [Centro de Treinos Dr. Francisco Soares] e, no futuro, vamos transformar este campo de treinos em algo ainda melhor, com mais qualidades e com mais competitividade.

Como é que viu a criação da Académica-B? Era uma equipa que fazia falta?

Faz sempre falta, desde que tenhamos condições para a manter. Quando não temos possibilidades para a ter, é difícil para toda a gente, para quem joga e para quem dirige. Penso que é fundamental que a Académica tenha jovens jogadores, capazes de ajudar no futuro. De qualquer maneira, penso que esta é uma situação para analisar cuidadosamente no futuro. Nesta altura, a Académica tem dificuldades financeiras que proíbem outro tipo de tarefas. A Académica deve ter uma equipa B, mas deve ter condições para essa equipa viver naturalmente e crescer naturalmente.

Jogo de palavras

Académica - Algo que me emociona. Gosto muito deste clube.

João Moreno - Uma referência da Académica.

Campos Coroa - Foi ele que me convidou. Fez tudo o que pôde para ajudar a Académica.

Xano - Um jovem jogador. Espero que a sua carreira seja feliz. Pode ter um bom futuro.

Artur Jorge - Treina a Académica nesta altura. Está a tentar ajudar o clube.

Raúl Águas - Um adjunto e uma pessoa que me tem acompanhado.

Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003



Programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 foi apresentada a 20 de Dezembro

Homenagear os pensadores Jacques Derrida e Eduardo Lourenço é apenas um dos pontos do programa da Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) 2003. A realização da primeira "Feira Internacional do Património" e a "Semana Internacional do Teatro (SITE)" são outros eventos a destacar, de entre os muitos que vão marcar o ano

JOÃO VASCO

A programação da CCNC foi apresentada oficialmente no dia 20 de Dezembro, na Quinta das Lágrimas, numa cerimónia que contou com a presença do ministro da Cultura, Pedro Roseta, e de Carlos Encarnação e Abílio Hernandez, presidentes da Câmara Municipal de Coimbra e da CCNC, respectivamente. Ficaram, assim, a conhecer–se as principais linhas orientadoras deste projecto.

Os grandes destaques vão para a primeira "Feira Internacional do Património", o projecto musical "World Drums Coimbra", o "Concurso Público de Ideias para a Reabilitação da Rua da Sofia", o festival "SITE" e para as várias realizações que terão como pano de fundo dois pensadores contemporâneos: Jacques Derrida e Eduardo Lourenço.

Quanto às actividades relacionadas com Jacques Derrida, a CCNC tem agendada a tradução de dois livros do filósofo francês, a realização de um colóquio internacional sobre o pensamento derridiano, a presença do filósofo na cidade e a integração de Coimbra na rede de cidades–refúgio (projecto criado pelo Parlamento Internacional dos Escritores, que consiste no acolhimento de um escritor ao qual a cidade se compromete a assegurar uma bolsa mensal e as instalações necessárias para que exerça a sua actividade). Quanto a Eduardo Lourenço, está prevista a edição de um livro especial: "Tempos de Eduardo Lourenço: uma fotobiografia".

Ainda na área do pensamento e literatura destaca–se o projecto "Rota dos escritores do Séc.XX" (ver texto página 19), a continuação dos debates em torno do livro publicado em Novembro, "Século de Ouro - Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX", e a realização de mesas–redondas destinadas a estabelecer uma relação entre escrita criativa e escrita crítica (projecto Escríticas). Outra curiosidade é a produção de um poema colectivo na internet e a criação de um portal dedicado à reflexão sobre a cultura digital.

Música para todos os gostos

Na área da música são várias as iniciativas propostas. O projecto "World Drums Coimbra" consiste na junção das diversas tradições de percussão do mundo e será orientado por John Wyre, responsável por um projecto semelhante na Coreia do Sul, durante o último Campeonato do Mundo de Futebol. Estão já garantidas as presenças de músicos canadianos, brasileiros, espanhóis e portugueses, que vão realizar concertos individuais, desfiles e um espectáculo final conjunto na Praça Velha.

Para além deste certame, a cidade vai receber o primeiro Festival de Guitarras de Coimbra - um conjunto de dez concertos onde se privilegiará a guitarra portuguesa - e o projecto "Coimbra Vibra!", que consiste na reunião de vários agentes musicais da zona de Coimbra que realizarão, ao longo do ano, uma série de concertos em espaços públicos, estando previsto para 4 de Outubro um grande evento final. A coordenação do projecto é da responsabilidade do músico canadiano R. Murray Schafer. Quanto à restante programação, realce–se a realização da iniciativa Jazz ao Centro (ver texto página 19), do festival "Blues em Coimbra" (que trará à cidade nomes como os de Robert Belfour e Popa Chubby), do projecto Caixa da Música (durante o qual poderemos ouvir os conimbricenses Belle Chase Hotel) e da iniciativa CICLOP, cujo primeiro concerto coincidirá com a abertura oficial da CCNC (ver caixa).

Teatro e renovação

No que diz respeito ao património, a primeira Feira Internacional do Património é o principal destaque. De 27 de Junho a 6 de Julho, no Museu Monográfico de Conímbriga e em vários locais de Coimbra, vão realizar–se diversas exposições e colóquios sobre a preservação do património. Ainda nesta área destacam–se as iniciativas "Mo(nu)mentos" e "Patrimónios, Matrimónios, Pandemónios", dirigidas especialmente aos mais jovens. O objectivo é a sensibilização para a importância cultural da manutenção dos legados históricos portugueses.

A área da arquitectura conta também com alguns eventos cujo objectivo é repensar os espaços da cidade e perspectivar renovações urbanas. Nesta linha de orientação, inserem–se a realização de um "Concurso Público para a Reabilitação da Rua da Sofia", a iniciativa "CidadeSofia" (um ciclo de debates em torno de dez territórios urbanos europeus), bem como o projecto "Palácios Confusos" (realização de uma maqueta de reestruturação desta zona da Alta).

No que diz respeito ao teatro, o relevo vai para o "SITE". Durante uma semana, Coimbra vai receber diversas companhias mundiais, das quais se destacam a italiana Teatro Clandestino e a australiana Ranters Theatre. Outra iniciativa é a dos "Teatros Portugueses" que vai trazer à cidade alguns dos grupos lusitanos de renome, como o Teatro Nacional São João do Porto (com Hamlet, de Shakespeare) e os Artistas Unidos de Lisboa, com a peça "Seis Personagens à Procura de Autor", de Pirandello.

Os mais pequenos vão ter também o seu festival. Assim, está prevista a realização de um "Encontro de Teatro Para a Infância de Coimbra", onde se assistirá a várias peças de companhias nacionais que se dedicam aos espectáculos da pequenada. Quanto ao projecto Vicente, prossegue em 2003 com mais duas peças da Escola da Noite, a realização de um concurso de textos e uma mostra de teatro escolar.

Estão ainda programadas diversas actividades na área das artes plásticas, do cinema, da dança, da ciência e novas tecnologias (ver coluna página 19).

Orquestra Gulbenkian a abrir

A abertura oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) 2003 encontra–se agendada para o dia 24 de Janeiro no Teatro Académico de Gil Vicente e estará a cargo da Orquestra Gulbenkian. A formação será dirigida pelo maestro Yaron Traub e terá como solista o conhecido pianista português Pedro Burmester. O repertório a ser apresentado foi concebido especialmente para o evento. Assim, vamos poder assistir à interpretação de várias obras de Robert Schumann e de Tchaikovsky, e ainda à peça "Tresvariações" de Alexandre Delgado.

Este primeiro concerto insere–se no projecto "CICLOP - Ciclo Óperas e Outros Concertos", que se vai realizar ao longo de todo o ano de 2003. Logo no dia seguinte ao espectáculo de abertura, sobe ao palco do teatro académico o Remix Ensemble Casa da Música para interpretar "Blood on the floor", de Mark–Anthony Turnage.

Ao espectáculo de abertura da CCNC devem comparecer o Presidente da República, Jorge Sampaio, e o ministro da Cultura, Pedro Roseta.

Encontros de Fotografia de fora

Os Encontros de Fotografia, o evento mais relevante nesta área em Portugal, não vão fazer parte da programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Inicialmente prometidos para Novembro de 2002, os Encontros chegaram a ser adiados para 2003 mas, devido a alegadas razões de financiamento, só deverão realizar–se em 2004. Por agora, é evidente o desentendimento entre Albano da Silva Pereira, responsável pela organização dos Encontros, e Abílio Hernandez, comissário da CCNC. Ambos trocam acusações devido a alegados atrasos nas verbas provenientes do Programa Operacional da Cultura, em cujo valor não concordam - Albano Pereira fala em 500 mil euros, Abílio Hernandez em apenas 100 mil euros. Para já, Albano da Silva Pereira inaugura hoje a Galeria do Pátio da Inquisição, espaço dedicado à fotografia que este autor reivindica há anos.

Ainda assim, na área da fotografia, estão previstas três exposições fotográficas na programação da CCNC, curiosamente duas da responsabilidade de dois autores que já foram colaboradores dos Encontros: Pedro Medeiros e Paulo Abrantes. No que toca aos Encontros de Fotografia, o certame que se intitula bienal desde a sua última ocorrência (de 4 a 26 de Novembro de 2000), espera agora data definitiva para a sua vigésima edição.

Programação da Coimbra 2003 já é conhecida

com estreia marcada para o dia 24



O jazz promete ser uma presença constante e assídua ao longo da CCNC 2003

The William Parker Quintet na abertura de "Jazz ao Centro"

O jazz que faltava

Está à porta a primeira edição dos "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra", integrada na CCNC 2003. O evento reúne alguns dos mais importantes nomes do cenário do jazz actual, dando destaque ao chamado jazz negro. William Parker Quintet, DKV Trio, David S. Ware Quartet são os espectáculos agendados para os três primeiros meses de "Jazz ao Centro"

PAULO NUNO VICENTE

Pode dizer–se que 2002 foi um ano proveitoso para o jazz português: pela confirmação da qualidade das produções nacionais e pelo ressurgimento de músicos há muito afastados do circuito comercial. O novo ano abre em grande com os "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra". O evento traz a Portugal figuras incontornáveis do panorama musical contemporâneo e promete ser o festival que faltava à região.

A programação de "Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra" inicia–se no próximo dia 18 de Janeiro. O primeiro espectáculo está agendado para as 21h30, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) e fica a cargo do quinteto dirigido pelo contrabaixista norte–americano William Parker. Nome incontornável do jazz dos últimos 30 anos, Parker faz–se acompanhar por uma formação onde pontificam alguns dos mais reputados nomes da cena jazz actual - Leena Conquest (voz), Rob Brown (saxofone alto), Lewis Barnes (trompete) e Hamid Drake (bateria).

Nascido no Bronx, William Parker traz na bagagem inúmeras participações ao lado dos mais importantes músicos do jazz pós–Coltrane. Simultaneamente, mantém uma actividade regular com os seus próprios grupos - os quartetos "In Order To Survive" e "Other Impressions In Music", a big–band "The Little Huey Creative Music Orchestra" e, claro, "The William Parker Quintet".

Os "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra" estão integrados na programação da Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) para 2003. Segundo palavras de Carlos Alberto Augusto, responsável pela programação musical da CCNC, o "Jazz ao Centro" ambiciona ser "o festival de jazz que faltava à Região Centro e que Coimbra reclamava".

A organização de "Jazz ao Centro" fica a cargo do Centro Norton de Matos, a quem, em parceria com a Câmara Municipal de Coimbra e a CCNC; cabe dar corpo à iniciativa durante todo o ano de 2003.

"Rota dos Escritores do Século XX"

Coimbra revisita Miguel Torga

Sete escritores portugueses ligados à região centro são o mote para a realização de um projecto que contempla exposições, congressos, a edição de sete roteiros e ainda de alguns livros

JOÃO VASCO

De 19 a 28 de Janeiro realiza–se a primeira etapa do projecto "Rota dos Escritores do Século XX". A iniciativa proposta e promovida pela Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC), e inserida no âmbito da Coimbra Capital Nacional da Cultura, pretende homenagear e divulgar a obra de sete autores portugueses que ficaram indissociavelmente ligados à região.

A cada um dos escritores contemplados será dedicada uma exposição, acompanhada pelo lançamento de um roteiro local com uma série de percursos, de alguma forma ligados à vida e obra dos autores. Assim, no dia 19 de Janeiro, na Póvoa da Atalaia (Fundão) tem lugar a inauguração da primeira exposição, dedicada a Eugénio de Andrade, escritor português nascido naquele lugar. O mesmo acontecerá quatro dias depois em Vila Nova de Paiva, terra que viu nascer Aquilino Ribeiro. A iniciativa prossegue no dia 24, em Coimbra, com homenagem a Miguel Torga, que estudou e viveu na Lusa Atenas. Dia 25 é a vez de Carlos de Oliveira e Fernando Namora serem relembrados, em Cantanhede e Condeixa, respectivamente. No dia seguinte, a "Rota" passa por Leiria, com a obra de Afonso Lopes Vieira como pano de fundo, para terminar a 28 de Janeiro em Gouveia, terra que viu nascer Vergílio Ferreia.

O projecto não ficará, no entanto, por aqui. Ao longo de 2003 estão previstas outras iniciativas: o lançamento de uma colecção bibliográfica de cada autor, sob o título "Para conhecer...", a campanha editorial "Um livro/Um euro" (uma obra de cada escritor ao preço simbólico de um euro), dois congressos, um concurso para escolas secundárias e o desenvolvimento de intervenções materiais nos diversos locais por onde passa o projecto. No final será editado um livro sobre a "Rota" e os sete autores nela contemplados.

José Seabra Pereira, responsável pela coordenação científica do projecto, salienta que a iniciativa pretende "captar o público mais novo para a obra destes escritores, através do desenvolvimento local e social de novos percursos, tendo sempre em atenção o património paisagístico, histórico e até gastronómico das localidades". E faz votos para que em 2004 se realize "um novo evento deste tipo, com outros escritores e noutros pontos do país".

Outros eventos

CINEMA

Cinema Português Hoje - TAGV, Janeiro
26-29: O filme "Onde Jaz o Teu Sorriso?", de Pedro Costa, será exibido nos quatro dias do programa, alternando com uma exibição diária dos seguintes filmes:
26: "Sicília!", de Danièle Huillet e Jean–Marie Straub;
27: "No Quarto da Vanda", de Pedro Costa;
28 e 29: Títulos a confirmar.

ARTES PLÁSTICAS

Um jardim para os nossos sonhos
Exposição ao longo das margens do Mondego (no território do Projecto Pólis) e outros espaços, em data a anunciar.

Anamon * Digimon
Exposição luso-brasileira a decorrer nos meses de Setembro e Outubro, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Evento 6.0 - Intervenção numa casa abandonada
Intervenção a decorrer ao longo de 2003

PENSAMENTO, CIÊNCIA E NOVAS TECNOLOGIAS

O sentido do tempo
Ciclo de conferências a decorrer ao longo das quatro estações do ano de 2003:
- *"O tempo da Vida"*
Primavera de 2003, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Tema: A Evolução Humana e a Genética
- *"O tempo do Universo"*
Verão de 2003, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Tema: A Cosmologia e a Cosmogonia
- *"O tempo da História"*
Outono de 2003, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Tema: As grandes conquistas da Humanidade
- *"O tempo do Futuro"*
Inverno de 2003, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Tema: Robótica, Cibernética, Informática

DANÇA

Jump–up–and–kiss–me
25 e 26 de Fevereiro, Companhia Olga Roriz, TAGV.

Polaroid
7 e 8 de Março, Companhia Clara Andermatt, TAGV.

Um espectáculo com estreia marcada
22 de Março, RE.AL, Museu dos Transportes.

Nova Criação
31 de Março, Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, TAGV (a confirmar).

Là où je dors
5 de Abril, Balleteatro Companhia, Museu dos Transportes.

Artes Feitas

Ouve-se

A Enciclopédia jamaicana

RUI CANIÇO

Seria um exercício interessante de pensamento constatar que, quando a música popular perde a concentração na linha do horizonte, procura estímulos no passado do jazz, da soul, do funk, rhythm n' blues ou reggae. Serve isto para ilustrar (para além de outras verdades mais nobres) a crescente vaga de interesse na reedição de algumas peças fundamentais destes ou de outros sub–géneros num passado mais recente. Nesta área, a londrina Soul Jazz Records tem sido incansável na arte de prospecção editorial, lançando agora alguns dos documentos sonoros mais valiosos da pioneira editora Studio One.

Este luxuoso volume é o culminar de anos de esforço e uma retribuição de agradecimentos pela inspiração que a música da Jamaica tem fornecido à indústria discográfica mundial. É igualmente uma demonstração de reconhecimento e louvor ao homem que, a partir de quase nada que não um grande amor pela música, conseguiu pôr no mapa uma pequena ilha. De facto, a história de Clement "Sir Coxsone" Dodd e da própria Studio One Records confunde–se com o último meio século musical da ilha caribenha, como se comprova no documentário em formato dvd de quase três horas (uma excelente compilação de entrevistas ao próprio Dodd e a artistas como King Stitt, Dennis Alcapone, Ken Boothe, Horace Andy, Lone Ranger, Alton Ellis ou Sugar Minott, imagens de arquivo de Jackie Mittoo, The Skatalites, Ernest Ranglin ou Marcia Griffiths e filmagens de alguns dos locais que marcaram a história sonora de Kingston). Durante este filme, discorre–se sobre temas como o aparecimento dos primeiros sound systems, a influência da música americana nas primeiras produções (a sua gravação, prensagem e exportação), a figura do dj, o despoletar das várias ramificações musicais (ska, reggae, dancehall, roots, etc.) ou o esmorecimento nos finais da década de 70 com a crescente violência no país.

Vários

"Studio One Story"

2002, Soul Jazz Records, Sabotage



Em complemento, esta edição vem ainda acompanhada de um livro com uma centena de páginas contando a história da editora de Trench Town onde se incluem fotografias raras da época, listas de etiquetas e artistas da editora e um glossário introdutório ao universo musical da Jamaica.

O pacote fica completo com a recuperação em disco de alguns dos temas melhor sucedidos de artistas como The Skatalites, Heptones, The Abyssinians, Tommy McCook, Larry Marshall ou Brentford Road Allstars.

Uma colectânea essencial para o ouvinte empenhado na descoberta de um dos mais belos capítulos da história da música.

HUGO FERREIRA

O músico, o realizador, o maestro e o bode

Há músicas que ficam conhecidas por fazerem parte de bandas sonoras e há filmes que ficam conhecidos por serem musicados de uma forma bem especial. Em "Esquece tudo o que te disse", estamos perante o segundo caso.

O suposto telefilme, que estreou com enorme sucesso nas salas de cinema e ainda está em exibição, é bem feito, tem boas interpretações e confirma as suspeitas de que António Ferreira é um grande realizador nacional; mas a sua grande mais–valia está precisamente nas músicas compostas por Pedro Renato e orquestradas por Luis Pedro Madeira.

Pedro Renato, o compositor dos Belle Chase Hotel, já tinha iniciado o seu projecto muito pessoal em "Respirar (debaixo de água)", do mesmo realizador de "Esquece tudo o que te disse". Na altura, António Ferreira voltou ao quarto do músico dias a fio para ouvir vinis e discutir a banda sonora que queria para a sua primeira longa metragem. Dessa colaboração nasceram os laços que estão na origem desta banda sonora. Da influência brasileira à cubana, os sons das maiores bandas sonoras italianas dão o mote para um disco que consegue sobreviver por si próprio independentemente das imagens para o qual foi composto.

A densidade dramática do tema "di Barbara" (onde não se dispensam os acordes de "Barbara" de Chico Buarque") caminha lado a lado com a melancolia retro-"yé–yé" do tema–título que aparece em três versões com línguas diferentes, sempre com interpretações sublimes de Raquel Ralha. E não faltam as pitadas de humor irónico quanto baste, em interlúdios absolutamente deliciosos.

Muitos temas ficaram de fora neste segundo lançamento da editora conimbricense "Subotnick Enterprises"(que já havia lançado "Legendary Tiger Man"), mas mesmo assim este é um exercício brilhante de como se deve começar a explorar um mercado quase virgem de bandas sonoras nacionais.

Azembla's Quartet

"Esquece Tudo O Que Te Disse"

2002, Subotnick Enterprises



Em_Linha

Breve história do vírus

NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

O primeiro incidente parecido com um vírus informático data do ano de 1981. Apareceu nos computadores Apple II e dava pelo nome de Elk Cloner Tudo o que fazia era mostrar a seguinte rima no monitor:

It will get on all your disks
It will infiltrate your chips
Yes it's Cloner!
It will stick to you like glue
It will modify ram too
Send in the Cloner!

O vírus apareceu na Texas A&M, e foi o resultado de especulações teóricas sobre a "evolução" e "selecção natural" dos jogos pirateados. A teoria dizia que os "bons" jogos reproduziam–se rapidamente enquanto os "maus" tinham tendência a desaparecer. Posteriormente, estas teorias deram origem a investigações sobre software capaz de se auto-reproduzir.

Em 1984, Fred Cohen lançou os resultados da primeira investigação sobre programas informáticos capazes de se auto–reproduzir. Apesar da investigação ser de Fred Cohen, é Led Adleman que se lembra do nome "vírus" para estes programas. Na sua investigação é definido pela primeira vez o vírus informático e Cohen descreve as experiências feitas para provar que o conceito era viável. Tratava–se de "um programa capaz de infectar outros programas modificando–os de modo a passarem a conter uma versão do programa infectador".

Em 1986 surgem os primeiros vírus para PC MS–DOS, um sistema já bastante popular. O Virdem é considerado o primeiro vírus de ficheiro. Este tipo de vírus é capaz de se reproduzir para outros ficheiros, normalmente através da cópia do seu código para programas já existentes no mesmo meio que o ficheiro infectado. Também surgiu o Brain. Era um "boot virus", espalhava–se através do boot sector das diskettes (o sector que é lido cada vez que se acede a uma diskette). Outro que surgiu foi o PC–Write, que era um trojan. Como o nome indica, o princípio era o mesmo do cavalo de Tróia. O vírus aparenta ser um programa normal, mas na verdade possuía caracteristicas não documentadas que levavam à destruição de outros ficheiros ou à abertura de portas de acesso.

Em 1988 aparecem os primeiros vírus para Macintosh, o MacMag e o Score. É nesse ano que surge, ainda, o primeiro "virus worm", responsável pela primeira crise viral na internet. Dois anos mais tarde, surge uma BBS na Hungria (Bulletin Board System) dedicada à troca de informação sobre vírus e Mark Ludwig escreve um livro sobre a criação de vírus ("The Little Black Book of Computer Viruses"). Em 1991 surge um vírus polimórfico (muda a sua estrutura de modo a fugir aos antivírus) e quatro anos depois surgem os vírus macro. Este utilizam as macros de programas como o MS Word para se reproduzirem.

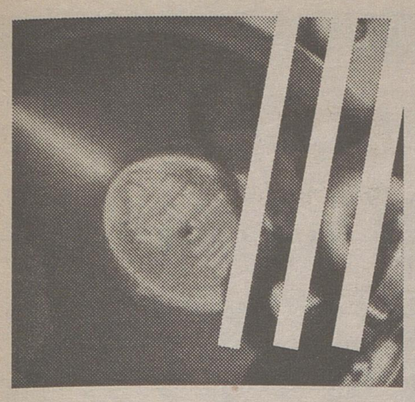
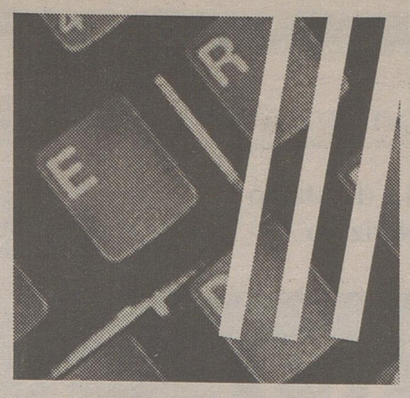
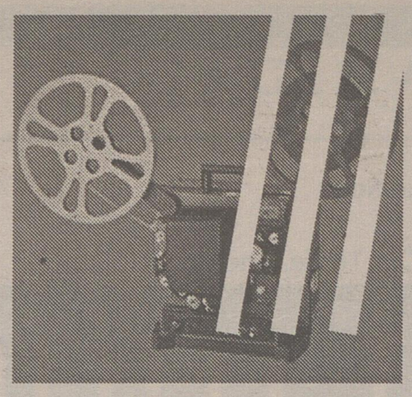
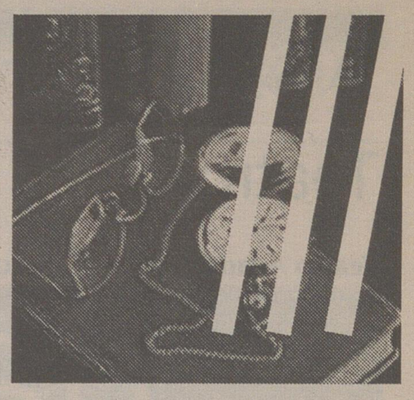


É necessário ter em conta que, exceptuando os "boot virus", nenhum vírus se propaga sem haver a execução de um programa. Um ficheiro que apenas contenha dados não é um vírus, porque simplesmente não pode ser executado.

http://www.symantec.com

http:// www.mcafee.com/

http:// www.pandasoftware.com/

Vê-se

"O Senhor dos Anéis - As Duas Torres", de Peter Jackson

JORGE VAZ NANDE

Enquanto fenómeno cinematográfico, "O Senhor dos Anéis" tem uma dimensão semelhante àquela que "A Guerra das Estrelas" teve no final dos anos 70, se bem que com significados diferentes. A odisseia intergaláctica (pelo menos, quando ainda se satisfazia com ser trilogia) serviu para, de certo modo, definir, para os anos que se seguiriam, o modelo comercial do "blockbuster", filme–gigante e campeão de bilheteiras, com conhecidos cultores durante os anos 80 (Cameron, Spielberg, Zemeckis, McTiernan). A adaptação do romance de J.R.R. Tolkien pelo neozelandês Peter Jackson está antes a funcionar para uma redefinição do conceito de sequela. A garantia à partida de sucesso comercial tem permitido libertar a sequela das contingências da bilheteira, possibilitando a calendarização regular das estreias. É nestes moldes que temos assistido às novas séries "Harry Potter", "Senhor dos Anéis" ou "Guerra das Estrelas", todos, repare–se, com fontes de inspiração em livros ou películas que já são objecto de uma aura de culto anterior ao próprio filme e que se espera que o englobe.

No entanto, não se pode dizer que este "As Duas Torres" seja um mero suporte para a venda de produtos de merchandising, porque parece haver uma certa aura de respeito e de responsabilidade para com o livro que tende a menorizar o papel de Jackson e da sua equipa. De facto, sente–se várias vezes que o esforço em filmar "a" obra literária ou de manter–se sob o manto do seu espírito levou a uma espécie de colagem em que se nota, não uma verdadeira falta de coerência, mas sim uma ocasional ausência de critério no seguimento da trama. Talvez a própria essência do texto a isso obrigue - neste caso, escrever o fantástico obriga a mostrar o fantástico -, mas, de facto, a estrututação narrativa faz–se à volta de uma série repetitiva de picos dramáticos que acabam por fazer perder o efeito de monumentalidade que se ambiciona. Resumidamente, quanto mais se quer mostrar de literário, mais de cinema se perde.

Pode ser que, quando todos os filmes estiverem acabados e os possamos ver em conjunto, eles ganhem uma nova coesão ("A Irmandade do Anel" tinha uma dinâmica diferente do segundo capítulo, muito mais explicativa e verdadeiramente introdutória). Mas, por enquanto, Peter Jackson, que já foi o cineasta irreverente de "Braindead", parece ainda muito prisioneiro de uma certa crença miraculosa na tecnologia digital - quando o olhar ainda reconhece o Gollum como uma animação, vemos mais o Roger Rabbit do que propriamente uma criatura fantástica - e dá a impressão que, perante a magnitude da tarefa que lhe foi proposta, o realizador refreou a sua veia inventiva para se poder comportar como um aluno bem comportado. Ainda assim, os filmes desta saga valem pelo arrojo da sua proposta artística e pelo reatamento de uma certa tradição de aventura que andava um pouco adormecida, e o espectador de "As Duas Torres" não dará certamente o seu tempo por perdido.



Lê-se

Como tornar-se um doente mental
J. L. Pio Abreu
Ed. Quarteto, 2001, 4ª edição

ANDREIA FERREIRA

Como em todas as passagens de ano que se prezem, para além dos fogos de artifício, beijos, espumante, passas e desconforto emocional q.b., todos fazemos promessas de mudança do que sentimos estar mal na nossa vida, em prol de uma existência mais feliz. Devido à urgência de sermos o que de nós idealizámos - e com algum contributo da euforia própria da quadra - damos por nós a elevar as expectativas para o próximo ano, novinho, aí para estrear. Normalmente, o que acontece, apesar da nossa heróica intenção, é que depressa nos apercebemos que epopeias só mesmo na mitologia, dando–se lugar, nos casos mais felizes, ao desejo de conservar o que ainda temos de bom em detrimento de tarefas herculeanas.

É exactamente desta dificuldade de nos conseguirmos manter à tona (leia–se lúcido) nas vagas repentinas do que nos cerca, de manter as nossas referências e princípios (ainda que não de modo rígido), que esta obra de Pio Abreu, psiquiatra dos Hospitais da Universidade de Coimbra e Professor Associado da Faculdade de Medicina, se trata.

Como o próprio autor salienta, é mais fácil embarcar numa carreira de doente mental do que manter a nossa sanidade. Numa geração–depressão, em que os medicamentos e todo um acervo de literatura especializada (nem sempre legível ao comum dos mortais) acerca da doença mental parecem não surtir efeito, este livro não ensina o que se deve fazer para sair de estados de demência. Antes, explica como nos tornarmos paranóicos, fóbicos, obsessivos, histriónicos, depressivos ou mesmo esquizóides. O que não só serve para, através do humor, desdramatizar e tornar as pessoas mais conscientes da doença em prol de uma possível cura, mas também para, quiçá, obter um atestado médico que nos conceda uma pausa no frenesim quotidiano sem olhares alheios de soslaio.

Apesar de várias edições já publicadas, "Como tornar–se doente mental" é um livro obrigatório para uma primeira incursão neste complexo mundo que nos permite compreender, de uma forma simples e séria, os meandros da doença mental assim como conhecermos mais um pouco de nós enquanto seres humanos, dos nossos mecanismos de defesa perante um mundo que nem sempre nos é de fácil convivência. O mais natural é que o leitor(a) se reconheça em algumas situações, mas antes de correr para o telefone à procura de ajuda ou de se esvair em lágrimas, mantenha a calma porque provavelmente, a não ser que seja hipocondríaco, pensar que se está demente significa, em última instância, que se é saudável, "uma pessoa comum que aceita os desafios e os paradoxos da vida, faz o possível para, em cada momento, dar o que pode e actuar em conjunto com os outros". É alguém que conhece os seus limites e constrói a sua autenticidade enquanto humano, em interacção com os outros, porque somos mais autênticos quanto mais sairmos de nós - desde que saibamos regressar pois, de outro modo, concorremos ao lugar de histriónicos.

Seja feliz!



AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 16 e 17 de Janeiro
O Triunfo do Amor - Assédio e Teatro Nacional S. João

Dias 21 e 22 de Janeiro
O Colaborador - Centro Dramático Galego

Dia 23 de Janeiro
Lado B - Stand–up Comedy (Pedro Tochas)

Música

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 18 de Janeiro
William Parker Quartet

Dia 24 de Janeiro
Orquestra Gulbenkian, dirigida por Yaron Traub, e Pedro Burmęster ao piano

Dia 25 de Janeiro
Blood on the Floor

Sé Nova

Dia 25 de Janeiro
Orquestra de Câmara de Coimbra

Le Son

Dia 16 de Janeiro
Twinemen

Exposições

Teatro Académico de Gil Vicente

De 16 de Janeiro a 9 de Fevereiro
Exposição de fotografia da autoria de Anibal Lemos

Edifício Chiado

De 21 de Janeiro a 23 de Fevereiro
Exposição de pintura de Sara Maria

Galeria Almedina

Até 2 de Fevereiro
Exposição de pintura de Mário Couto

Galeria do Refeitório do Mosteiro de Santa Cruz - Sala da Cidade

De 24 de Janeiro de 28 de Fevereiro
A Escultura de Coimbra: Do Gótico ao Maneirismo

Casa Municipal da Cultura

Até 11 de Março
De Nariz no Ar - Exposição Interactiva

Galeria do Átrio

Dia 24 de Janeiro
Rota dos Escritores do Século XX - Exposição sobre Miguel Torga

Galeria Arte Vária
Até 28 de Fevereiro
Exposição colectiva de pintura e escultura

Conferências

Casa Municipal da Cultura

Dia 23 de Janeiro
Seminário - "Sexualidade e Bioética - Novos Desafios à Comunidade Escolar"

Cinema

Teatro Académico de Gil Vicente

Ciclo "Cinema Português Hoje":

-De 26 a 29 de Janeiro
Onde Jazz o Teu Sorriso?, de Pedro Costa - 21h30

-Dia 26 de Janeiro
Sicília, de Danièle Huillet e Jean–Marie Straub - 18h

-Dia 27 de Janeiro
No Quarto de Vanda, de Pedro Costa - 18h

Girassolum Coimbra

007 - Morre Noutro Dia
De: Lee Tamahori
Sala 1: 15h15, 16h45, 19h15, 21h45

O Senhor dos Anéis - As Duas Torres
De: Peter Jackson
Sala 2: 14h30, 18h00, 21h30

Cinemas Millenium - Avenida

O Senhor dos Anéis - As Duas Torres
De: Peter Jackson
Sala 1: 14h45, 18h15, 21h45, 01h00

Esquece Tudo o Que Te Disse
De: António Ferreira
Sala 2: 16h30, 19h00, 21h30, 00h00

007 - Morre Noutro Dia
De: Lee Tamahori
Cine–Teatro: 14h30, 17h00, 19h30, 22h00, 00h30

Spy Kids - A Ilha dos Sonhos Perdidos
De: Robert Rodriguez
Sala 2: 14h00



Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

Dia 14 - Terça–feira
Vilaça - SP
Isabel Folhas - SP
Cruz e Costa - SR
Dia 15 - Quarta–feira
Silcar - SP
Barros - SP
Adriana - SR
Dia 16 - Quinta–feira
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
Mª. do Céu Albuquerque - SR
Dia 17 - Sexta–feira
Rocha - SP
Miranda - SP
Santa Isabel - SR
Dia 18 - Sábado
Sitália - SP
Gaspar - SP
Central - SR
Dia 19 - Domingo
Donato - SP
Silva Soares - SP
Rainha Santa - SR
Dia 20 - Segunda–feira
Lopes Rodrigues - SP
Celas - SP
Figueiredo - SR
Dia 21 - Terça–feira
S. José - SP
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SR
Dia 22 - Quarta–feira
M. Nazaré - SP
Estádio - SP
Universal - SR
Dia 23 - Quinta–feira
Batista - SP
Paiva - SP
Cruz Viegas - SR
Dia 24 - Sexta–feira
Nazareth - SP
S. Sebastião - SP
Oliveira Ramos - SR
Dia 25 - Sábado
Stª. Cruz - SP
Olivais - SP
S.Martinho - SR
Dia 26 - Domingo
Vilaça - SP
Cruz e Costa - SP
Isabel Folhas - SR
Dia 27 - Segunda–feira
Adriana - SP
Silcar - SP
Barros - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública - 239 822 022
Polícia Judiciária - 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 410
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 808 200 204
Teatro Académico de Gil Vicente - 239 855 630

Ano de 2002: um balanço da academia e do mundo

O que mudou?

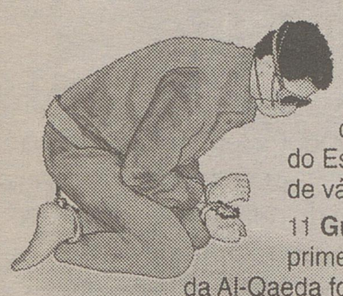
2002 O ano num flash

Fotografias : Associated Press e A CABRA. Caricaturas: Bob Hoare © GRAPHIC NEWS

JANEIRO



1 **O Euro:** A maior alteração monetária da História votou ao esquecimento as moedas nacionais de 12 países europeus, trocando-as pelo Euro



9 **Aprovada:** Era finalmente aprovada pelo Senado da Universidade de Coimbra a Carta dos Direitos e Deveres do Estudante, após 12 anos de vários avanços e recuos

11 **Guerra ao terrorismo:** O primeiro grupo de talibans e soldados da Al-Qaeda foram levados do Afeganistão para a Base Naval americana da Baía de Guantanamo, Cuba

FEVEREIRO



8 **Olimpíadas de Inverno:** Os Estados Unidos da América reforçaram as medidas de segurança no local das festividades desportivas

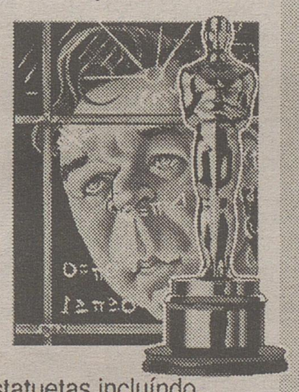


27 **Glamour:** A Dama do cinema, ***Elizabeth Taylor*** celebrou o seu 70º aniversário

27 **Atentado em Gujarat:** O ataque a um comboio onde seguiam activistas hindus matou 58 pessoas, espalhando violência sectarista. Cerca de 1000 pessoas morreram nas semanas seguintes

MARÇO

13 **Zimbabué:** ***Robert Mugabe*** ganhou as presidenciais envoltas em acusações de cacique e acções violentas levadas a cabo pelo partido no poder



24 **Óscares:** "Uma Mente Brilhante" *com* ***Russell Crowe*** como o matemático esquizofrénico John Nash, levou quatro estatuetas incluíndo Melhor Filme enquanto ***Denzel Washington*** e ***Halle Berry*** arrecadaram as de melhores actores



30 **Vida memorável:** Milhares de pessoas fizeram fila para prestar os seus respeitos à ***Rainha Mãe*** que morreu aos 101 anos de idade

ABRIL



4 **Médio Oriente:** Tanques israelitas reocuparam cidades palestinianas na Faixa de Gaza provocando várias baixas. Seguiu-se uma onda de ataques suicidas por parte da comunidade palestiniana

16 **Crise na Holanda:** O Conselho de Ministros holandês demitiu-se na sequência de um relatório implicando capacetes azuis holandeses no massacre de Srevrenica, na Bósnia-Herzegovina



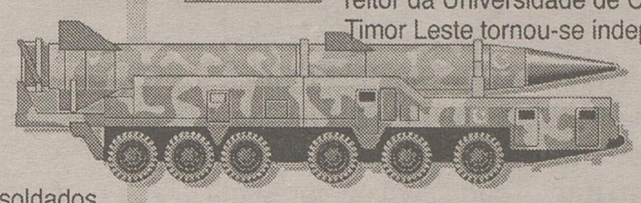
22 **Choque nas eleições:** O político de extrema direita ***Jean Marie Le Pen*** teve uma votação histórica na primeira volta das eleições presidenciais francesas, mas perdeu para ***Jacques Chirac*** na segunda volta

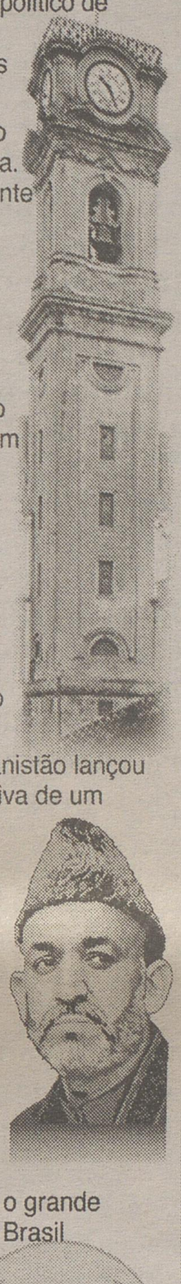
MAIO

5 **Académica na I Liga:** A AAC/OAF ascendeu ao escalão maior do futebol português

6 **Morte na Holanda:** O polémico político de direita ***Pym Fortuyn*** foi morto oito dias antes das eleições legislativas

20 **Reitoria:** Fernando Rebelo alcançou segundo mandato como reitor da Universidade de Coimbra. Timor Leste tornou-se independente





22 **Tensão em Caxemira:** Os rivais nucleares Índia e Paquistão vivem na iminência da guerra, com um milhão de tropas na fronteira.

JUNHO



1 **Jubileu Dourado:** festas e música no Palácio de Buckingham marcaram os 50 anos do reinado da ***rainha Isabel II***

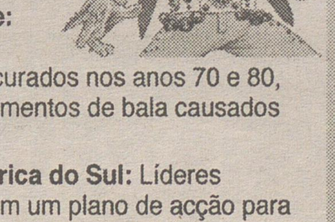
11 **Conselho Tribal:** O Afeganistão lançou as bases para a criação efectiva de um estado democrático de direito, apoiado por uma plataforma constitucional. ***Hamid Karzai*** foi reconduzido como chefe de Estado



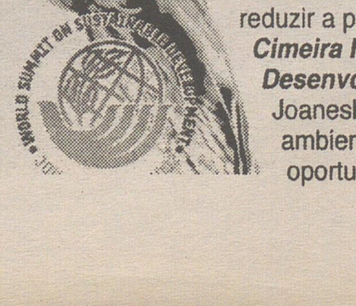
18 **Mês atribulado:** ***Paul McCartney*** foi a principal atracção no Concerto do Jubileu, casou-se com ***Heather Mills*** e celebrou o seu 60º aniversário

29 **Mundial de Futebol:** Organizado pelo Japão e Coreia do Sul, o grande evento foi ganho pela 5ª vez pelo Brasil

JULHO



1 **Tribunal Penal Internacional:** Foi assinado o tratado que criou o primeiro tribunal internacional, permanente e global, em Haia



4 **A sentença:** No Paquistão quatro homens foram condenados pelo rapto e homicídio, em Janeiro, de um jornalista americano do "Wall Street Journal"

21 **Escândalo financeiro:** A WorldCom protagonizou a maior falência de sempre nos EUA, devido a ter inflacionado o seu saldo em 3800 milhões de dólares

27 **Tragédia aérea:** Na Ucrânia, durante uma exibição, um avião despenhou-se e matou 83 pessoas

AGOSTO

16 **Elvis fez anos:** Fãs comemoraram o 25º aniversário da morte do "Rei". Cerca de 40 mil pessoas suportaram uma violenta chuva para levarem a cabo uma vigília em Graceland

19 **Terrorista morre:** ***Abu Nidal***, um dos terroristas mais procurados nos anos 70 e 80, morreu devido a ferimentos de bala causados por si próprio

26 **Cimeira da África do Sul:** Líderes mundiais traçaram um plano de acção para reduzir a pobreza e preservar o planeta, na ***Cimeira Internacional do Desenvolvimento Sustentável,*** em Joanesburgo, mas grupos ambientalistas afirmaram ter sido uma oportunidade desperdiçada

SETEMBRO



11 **Um ano depois:** Cerimónias sentidas marcaram o primeiro aniversário dos ataques terroristas em Nova Iorque



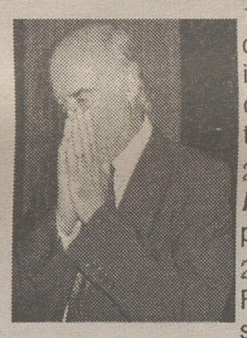
13 **Iraque:** Especulações sobre uma ofensiva no Iraque cresceram após forças militares dos EUA terem mudado o seu quartel-general para o Qatar

23 **Eleições alemãs:** O ***Chanceler Gerhard Schroeder*** e os seus parceiros de coligação venceram as eleições por uma margem tangencial

OUTUBRO



2 **Sniper ataca:** primeira série de mortes provocadas por um atirador furtivo habilidoso que aterrorizou Washington durante três semanas e que assassinou dez pessoas



12 **Bomba no Bali:** Um carro armadilhado destruiu dois clubes nocturnos na ilha indonésia, matando cerca de duas centenas de pessoas, principalmente turistas ocidentais

24 **Demissão na reitoria:** ***Fernando Rebelo***, reitor da Universidade de Coimbra pede a sua demissão



26 **Cerco em Moscovo:** Forças de segurança russas usaram gás para pôr termo ao cerco em que rebeldes tchetchenos mantinham reféns cerca de 700 russos, num teatro moscovita. A acção policial causou a morte a 120 reféns e a todos os rebeldes

NOVEMBRO

3 **115 anos:** A AAC comemora os seus 115 anos de existência



13 **Contestação:** Estudantes de Coimbra manifestam-se em Lisboa contra os cortes orçamentais, apesar da ausência da DG/AAC

15 **China:** O novo secretário-geral do Partido Comunista Chinês ***Hu Jintao*** irá suceder a ***Jiang Zemin*** em 2003



19 **Derramamento de fuelóleo:** Milhares de barris de fuelóleo poluíram a costa norte de Espanha devido ao afundamento do petroleiro **Prestige**

27 **Desarmamento iraquiano:** Inspectores das Nações Unidas retomaram o seu trabalho

DEZEMBRO



5 **Homem selvagem:** Rock 'n' roller ***Little Richard*** fez 70 anos



6 **Reeleito:** ***Victor Hugo Salgado*** é reeleito presidente da DG/AAC, à segunda volta

12 **Cortes não:** Estudantes realizam um cordão humano em Lisboa, em contestação contra os cortes no ensino superior. No mesmo dia, a Coreia do Norte afirma que vai reactivar as suas centrais nucleares, em resposta à decisão americana de suspender a sua ajuda petrolífera



13 **União Europeia:** Dez novos membros, sobretudo da Europa de Leste, vão entrar na UE em 2004

A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

mais dias felizes

papel, papel e mais papel, o frio amarelado das caras, o corre–corre, os casacos grossos e castanhos sobre camisolas vermelhas, os olhos que brilham menos do que antes e do que depois, as palavras ditas em metades rápidas, o sol afogado, as línguas castanhas de pressa lavadas em água de café, os corações que batem menos,

os dias lidos em vermelho e azul e fluorescente, a sensação de algo a medir–se com violência, o estupro violento dos sentidos, olhar fere os olhos com sono, o ar frio fere os olhos com sono, o silêncio de um candeeiro sobre a secretária,

de tarde era diferente, eram as lâmpadas gélidas e esguias sobre várias cabeças alinhadas numa cantina, numa sala de aula, numa sala de estudo, cabeças e livros e cadernos e cadeiras e consensos e doutrinas e logaritmos e equações e dominantes e vectores e válvulas e ventos e curvas e rectas e estradas e betão armado e ferimentos e estruturas e civilizações e abcissas e a música nos ouvidos de quem a ouve, e há quem leia um jornal ou uma revista do Super–Homem, há quem fume e não se veja, há quem coma, há quem nada, há quem pare e pense e se lembre do que foi antes disto

e há quem durma, ou quem não durma e contudo feche os olhos e oiça o ritmo estranho de quem se esconde e ainda não aprendeu como fazer com o mais e o menos da vida, há quem segrede ao ouvido de outra pessoa que sorri e de repente levanta a cara e fecha os olhos e se ri para o céu, e há quem olhe para o céu e veja o espelho das suas misérias,

à noite, há o teatro ou o cinema ou a televisão ou há mais uma meia hora que não se sabe depois onde ficou ou a que soube, há nevoeiro ou chuva, frio, de certeza, há o ele que vê o nome dela no vazio, há o ela que não sabe se há–de esperar ou ir–se embora, há mensagens, muitas mensagens, há distâncias cruas que um telemóvel pequenino sabe rasteirar, e há quem carregue o telemóvel, limpe o telemóvel, mande arranjar o telemóvel, beije e lamba e faça um altarzinho na parede ao cabrão do telemóvel para rezar ao São MS,

e depois há os outros, há o amigo de alguém que se sente estrangeiro no meio disto tudo e que gostava de desaparecer, há a rapariga que desaperta uma cinta, que a pousa ao lado do lavatório, que se senta na sanita, que chora e limpa as lágrimas ao papel higiénico e magoa a acne da cara com o peso da mão

e, no fundo, tudo leva ao rapaz sentado à secretária, o radiador ligado, os apontamentos por baixo da cara e, a entrar–lhe no corpo quando respira, o medo de descobrir que é menos do que quer ser.



Nova legislação em vista para as universidades

Pedro Lynce põe ensino superior em discussão

O ministério vai colocar na mesa, já esta semana, as principais leis que regem o ensino superior. O debate, com duração prevista de três meses, pretende culminar num novo conjunto de regras para as universidades portuguesas

GUILHERME OLIVEIRA

O ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce, anunciou no dia 6 que vai colocar em discussão pública o Estatuto da Carreira Docente Universitária, as Leis de Bases do Sistema Educativo, da Autonomia das Universidades e a Lei de Bases do Financimento do Ensino Superior Público. A discussão tem como finalidade, segundo o governante, a elaboração de novos projectos de legislação, depois de ouvida toda a sociedade civil na apresentação de propostas para os referidos diplomas. Com início agendado para esta semana, a discussão pública terá a duração de três meses.

Para Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, este será assim "um início de ano quente". Prevendo uma nova lei de financiamento que enfatiza a contratualização, o dirigente associativo mostra–se preocupado com um "possível aumento das propinas", bem como com uma eventual "perda de autonomia das instituições", com as previsíveis alterações legislativas. Victor Hugo confirmou a recepção de um fax do ministério agendando para breve uma reunião com o movimento associativo nacional, no âmbito desta discussão.

Discursando na cerimónia comemorativa dos dez anos do Instituto Bissaya Barreto, Pedro Lynce, para além de defender uma intervenção de fundo no ensino superior português que "não se pode limitar a questões financeiras", traçou ainda um quadro negro do actual panorama do ensino superior português que "cresceu, mas não em desenvolvimento".

Queixa de estudante gera indignação governamental

Ministro quer legislar praxe

Pedro Lynce pretende definir um regime disciplinar para os alunos

SÓNIA NUNES

Na sequência da queixa apresentada por uma aluna da Escola Superior da Saúde do Instituto Piaget, em Macedo de Cavaleiros, Pedro Lynce, ministro da Ciência e do Ensino Superior, pretende saber qual a margem de manobra do ministério relativamente a procedimentos disciplinares nas universidades e politécnicos. Em causa estão os alegados abusos ocorridos durante o período de praxe.

O ministro pretende definir um regime disciplinar para os alunos do ensino superior. Para tal serão contactados o Conselho Coordenador de Reitores dos Institutos Politécnicos e Associação Portuguesa de Ensino Superior Particular, segundo dados recolhidos pelo jornal "Público". Esta acção está já prevista na Lei da Autonomia das Universidades, mas nunca foi concretizada. O ministro não deverá esperar pela revisão desta lei para abrir o debate sobre o regime discilplinar dos estudantes.

Na carta endereçada ao ministro e à direcção do Instituto Piaget que data a 13 de Novembro, a estudante queixosa relata as "práticas humilhantes" a que foi sujeita. Conta que foi obrigada a simular orgasmos, a despir–se e a vestir a roupa do avesso, a imitar um asno e a proferir insultos contra os pais. Declarou–se antipraxe e apresentou atestado médico.

Luís Cardoso, presidente do Instituto Piaget, em declarações ao jornal "Público", garante que quando recebeu a denúncia abriu um processo de averiguações, no sentido de assegurar estabilidade à aluna. Apesar do processo ainda estar em curso, refere que a estudante tem frequentado as aulas com normalidade. Luís Cardoso sublinha que o instituto tem "regras e sanções que podem ter como consequência máxima a expulsão dos alunos que infrinjam as regras. O que não impede o recurso aos tribunais, se ficar provado que foram violados direitos elementares da estudante."

Nos termos da lei, as universidades dispõem do poder para punir as infracções disciplinares praticadas por docentes, investigadores e restantes funcionários. Este regime disciplinar deve ser definido sob proposta do Conselho de Reitores em conselhia com os órgãos representativos dos estudantes.

SOS-Estudante ajuda dois mil

Mais de dois mil estudantes recorreram aos serviços da linha azul 808 200 204 SOS–Estudante entre Janeiro e Novembro. A solidão é apontada como a principal causa e o maior número de chamadas é efectuado na altura das festas académicas. Gerida e constituída unicamente por estudantes, esta linha tem visto o seu trabalho a aumentar gradualmente, atingindo as 2017 chamadas no último ano. Nas palavras de Catarina Ressurreição, Coordenadora Administrativa da linha, o ano passado foi muito positivo, apesar "de todas as dificuldades que foram surgindo ao nível financeiro".

Os principais objectivos da Linha SOS–Estudante, que se encontra em actividade desde 1997, prendem–se com a necessidade de prevenir o suicídio. Desta forma, o conjunto de estudantes que integram este projecto (cerca de 30 elementos) pretende possibilitar o apoio social e emocional numa óptica estritamente confidencial. Ao mesmo tempo, esta linha de apoio procura também informar os estudantes, utilizando uma base de dados com "informações de acção social escolar, acesso ao ensino superior, sexualidade, bolsas, estatuto do trabalhador–estudante, ocupação de tempos livres e outras actividades", como descreve Catarina Ressurreição.



BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Edição Especial 21 de Janeiro de 2003 **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Pedro

Resultados

Seabra Santos	José Reis	Brancos
70.7%	23.7%	5.6%

Vitória esmagadora



MARILYNE ALVES

No culminar de um processo eleitoral que teve a sua génese com o pedido de demissão de Fernando Rebelo, a 24 de Outubro, e após o curto reitorado de transição de Arsélio Pato de Carvalho, a universidade volta a ter um reitor eleito. Seabra Santos, professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra é o novo homem forte da mais antiga universidade portuguesa.

A CASSIOPEIA
cassiopeia.pt.vu
RUC 107.9FM DIAS ÚTEIS 17-19

Seabra Santos eleito

A Universidade de Coimbra conheceu ontem o seu próximo reitor. A Assembleia da Universidade elegeu Fernando Seabra Santos que irá assim suceder a Fernando Rebelo por um mandato de quatro anos. José Reis foi o candidato derrotado numa corrida a dois para o lugar cimeiro da universidade. Da campanha ficou uma imagem de diálogo, discussão de ideias e de abertura por parte das duas candidaturas.

GUILHERME OLIVEIRA

O escrútinio para a reitoria da Universidade de Coimbra (UC) realizado no dia de ontem determinou a vitória de Fernando Seabra Santos, professor do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC que assumiu a sua candidatura no dia 18 de Novembro. Do outro lado da barricada, José Reis, um dos elementos do denominado "Grupo dos Nove", sofreu uma pesada derrota, apesar do "fair-play" demonstrado no final.

Os resultados do acto eleitoral foram divulgados por volta das 20h00 de ontem na sala do Senado da reitoria. Dos 274 membros que compõem a Assembleia da Universidade, colégio eleitoral formado por professores, estudantes e funcionários, participaram nestas eleições 232 representantes dos três corpos.

Seabra Santos recolheu a preferência de 164 votantes, enquanto José Reis, o candidato vencido, ficou–se pelos 55 votos, contando–se ainda 13 votos brancos. Nos termos do número quatro do artigo 45º dos estatutos da UC é necessária maioria absoluta dos votos dos membros da assembleia em efectividade de funções para que não se proceda a uma segunda volta. Este cenário foi afastado já que Seabra Santos conseguiu recolher 59,9 por cento dos votos da totalidade dos membros do orgão máximo da UC.

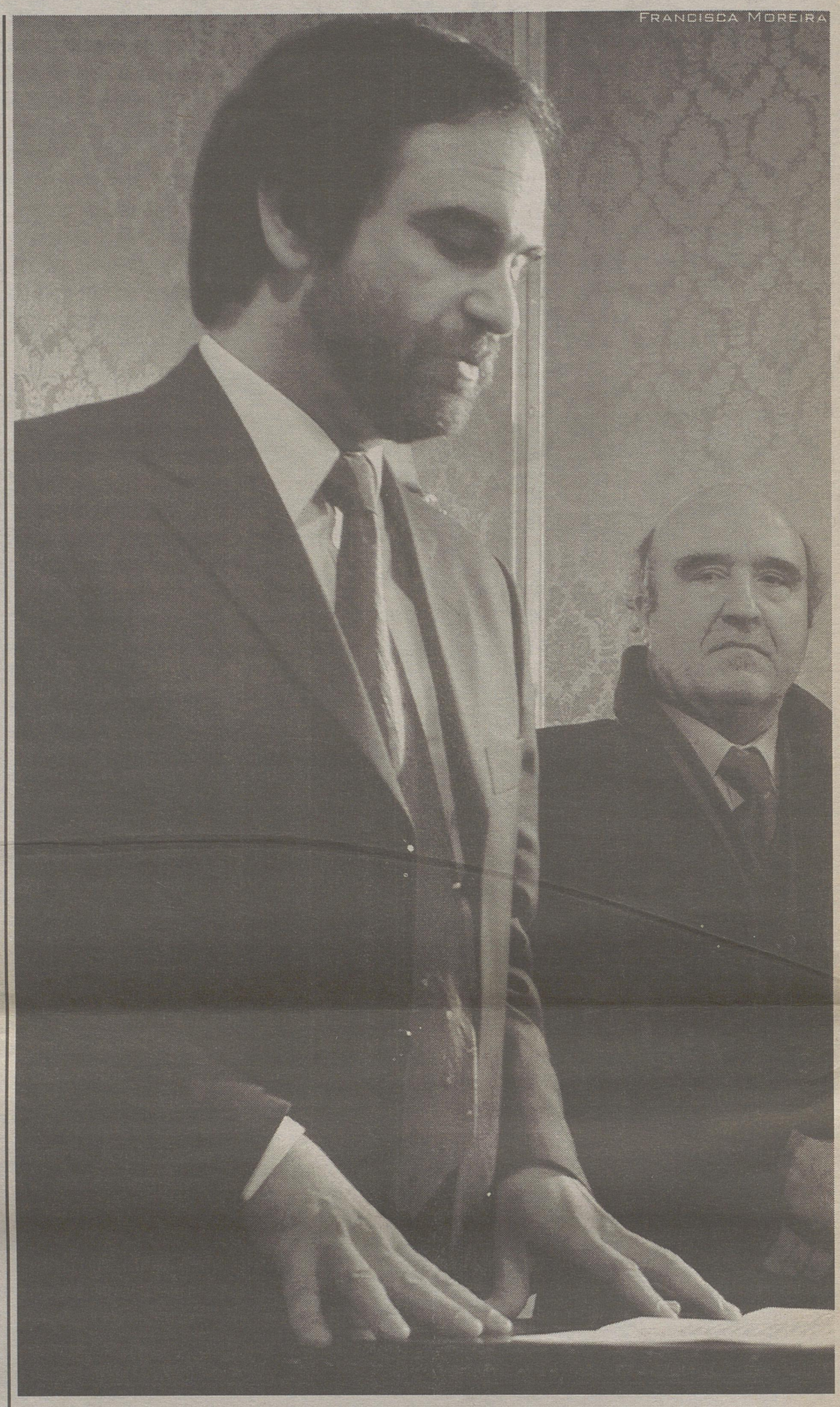
O processo eleitoral foi conduzido pelo professor decano da universidade, Arsélio Pato de Carvalho, que o considerou como exemplar, pois "os dois candidatos conduziram uma campanha com grande dignidade. Saímos todos a ganhar". Relativamente ao vencedor, Arsélio Carvalho, o reitor em exercício, não tem dúvidas que Seabra Santos saberá responder.aos desafios que a universidade tem pela frente: "é um homem com conhecimento de causa, capaz de sistematizar todas as acções e responder aos desafios" explica.

Seabra Santos irá suceder a Arsélio Pato de Carvalho, que continua a assumir as funções de reitor desde que Fernando Rebelo se demitiu do cargo no dia 24 do passado mês de Outubro em reacção à Assembleia Magna realizada dois dias antes.

Seabra Santos

É natural da freguesia de S. Bartolomeu, em Coimbra, onde nasceu em 1955. Terminou em 1977 a licenciatura em Engenharia Civil na UC. Cinco anos depois, concluiu o Mestrado (DEA) na área da Mecânica dos Fluidos Industriais no Institut National Polytechnique de Grenoble, instituição onde viria, três anos mais tarde, a defender uma dissertação de Doutoramento de Estado. Posteriormente, integrou os orgãos de gestão da FCTUC, tendo sido membro da Assembleia de Representantes e do Conselho Directivo. Actualmente é professor catedrático da FCTUC, onde coordena a licenciatura em Engenharia do Ambiente.

Fernando Seabra Santos tem vindo a desempenhar, desde 1998, o cargo de vice–reitor da UC com responsabilidade nas áreas da gestão financeira, da gestão dos recursos humanos, da modernização administrativa, das instalações e do equipamento.


FRANCISCA MOREIRA

Seabra Santos derrotou José Reis na corrida à reitoria da UC

O reitor e a universidade

Segundo os estatutos da Universidade de Coimbra (UC), o reitor "representa e dirige a universidade" competindo–lhe presidir, com voto de qualidade, aos seus órgãos colegiais, nomeadamente a Assembleia da Universidade, o Senado Universitário e o Conselho Administrativo. O reitor tem ainda a função de "propor ao Senado as linhas gerais de orientação da vida universitária" e de "superintender na gestão académica, administrativa e financeira".

O reitor é coadjuvado por vice–reitores e pró–reitores "por ele escolhidos e nomeados, os quais podem ser exonerados a todo o tempo e cessam automaticamente funções com a cessação do mandato reitoral". O exercício dos cargos de reitor e vice–reitor exige dedicação exclusiva, pelo que é impossível a acumulação com outros cargos extra–universidade. Tanto um como o outro dispensam ainda os seus detentores da "prestação de serviço docente" sem prejuízo de, por sua iniciativa, o poderem fazer. O mandato do reitor tem a duração de quatros anos e "não é admitida a reeleição para um terceiro mandato consecutivo", nem durante o período de quatro anos subsequente ao termo do segundo mandato consecutivo.

Quanto à eleição, só podem candidatar–se ao cargo de reitor os professores catedráticos de nomeação definitiva. Os candidatos são eleitos pela Assembleia da Universidade, órgão colegial da UC que é composto, por inerência do cargo, pelo reitor, os vice–reitores, os pró–reitores, os presidentes dos órgãos de gestão de cada faculdade, um estudante de cada faculdade, designado pela Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra, o administrador da UC ou funcionário administrativo de categoria mais elevada, e pelo vice–presidente dos Serviços de Acção Social da UC (SASUC). Os restantes membros da Assembleia são eleitos pelos respectivos pares, na proporção de seis professores, seis docentes não doutorados, 12 estudantes e quatro funcionários em representação de cada faculdade, e ainda cinco investigadores, três funcionários dos serviços e estabelecimentos na dependência directa do reitor e três funcionários dos SASUC. Assim, "será eleito o candidato que à primeira volta obtenha a maioria absoluta dos votos dos membros da Assembeleia em efectividade de funções; caso isto não se verifique, haverá uma segunda volta entre os dois candidatos mais votados".

PUB
A Condição de Bolseiro: Problemas e Soluções
Anfiteatro do Departamento de Física (FCTUC – Pólo I)
22 de Janeiro_17h00
Org: Plataforma de Bolseiros de Investigação Científica

Seabra Santos mostra-se contra o aumento das propinas

"A minha equipa é a UC"

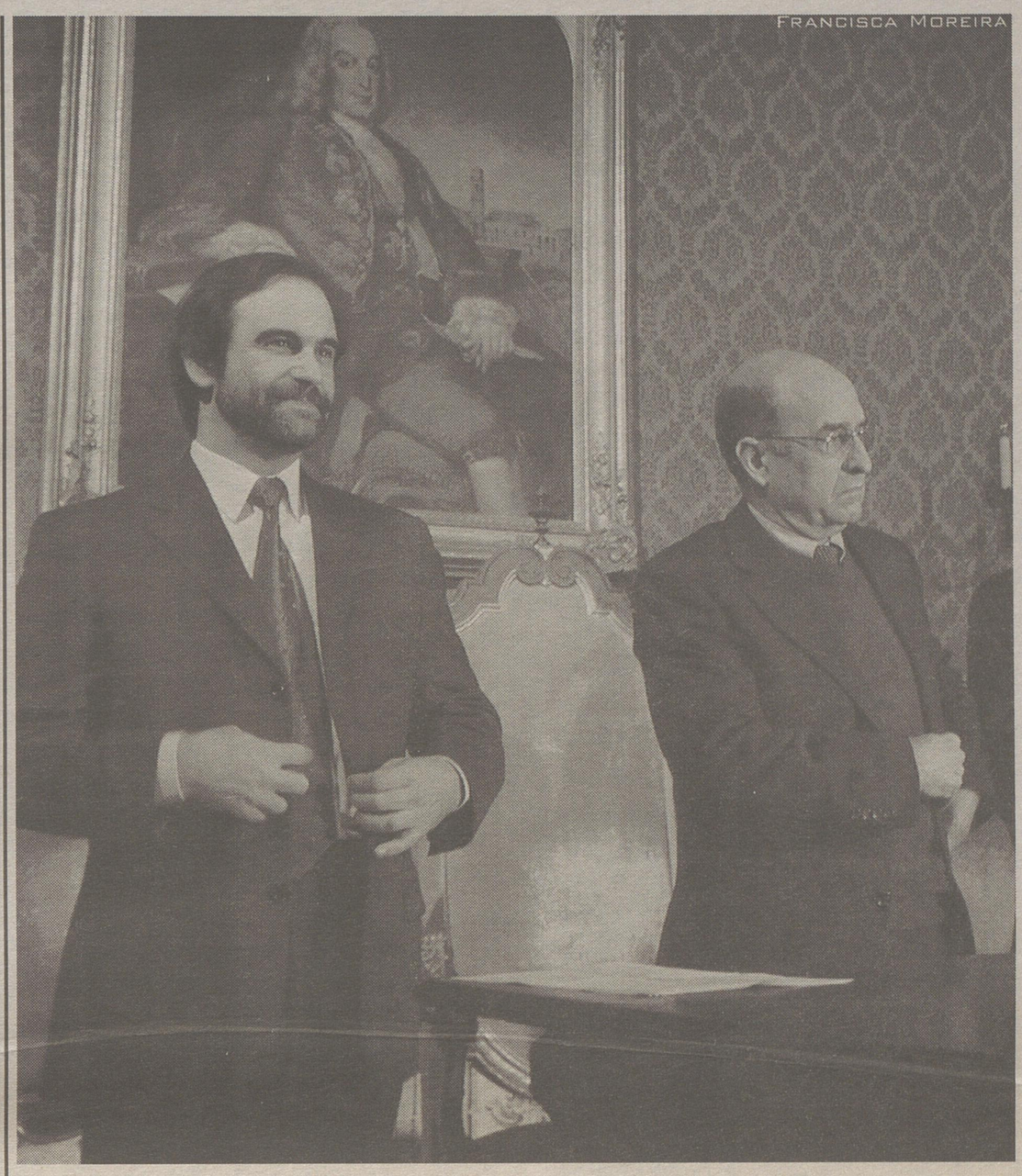
Depois de conhecidos os resultados, o candidato vencedor proferiu as primeiras palavras, já com os olhos postos no trabalho futuro.

PEDRO SANTOS

Apesar de reconhecer que esta foi uma "vitória significativa", Seabra Santos afirma que o mais importante é "amanhã estarmos todos juntos para trabalhar de acordo com o interesse desta instituição". Questionado sobre os motivos que levaram à demissão de Fernando Rebelo, o candidato vencedor afirma a necessidade de "trabalhar em várias áreas," mantendo sempre actualizada e activa "uma agenda permanente de discussão acerca de todas as questões que se levantam" com os estudantes, funcionários e docentes. Ainda relativamente à questão que envolveu os estudantes e o anterior reitor, Seabra Santos afirma que "o conflito faz parte da instituição universitária" e desse conflito tem que nascer permanentemente a evolução e a adaptação aos novos tempos, afirmando "estar confiante que isso vai ser conseguido".

Na futura relação com o Governo, Seabra Santos irá exigir o apoio que tem faltado, pedindo ao ministro da Ciência e do Ensino Superior "que olhe para a Universidade de Coimbra e que acompanhe as dificuldades que sentimos para nos poder ajudar a melhorar o desempenho." No sentido inverso, o Governo pode esperar da UC a maior colaboração e lealdade na resolução de todas as situações que irão surgir.

Em relação à possibilidade do ministro Pedro Lynce levar a cabo um aumento das propinas, o futuro reitor afirma-se contra essa medida, reforçando a ideia de que "as propinas nunca serviram para aumentar as receitas da universidade, mas sim para diminuir as do Estado."


FRANCISCA MOREIRA

Seabra Santos obteve vitória significativa

Quanto às expectativas para o mandato que se irá iniciar "em meados de Fevereiro", Seabra Santos qualifica-as como "boas", afirmando que esta é a "possibilidade de contribuir para ultrapassar as dificuldades sentidas". Com o empenho de toda a UC e com o acompanhamento da tutela nas questões mais relevantes "existe em mim a sensação de que vai ser possível fazer tudo isso", remata o vencedor.

Já com os olhos postos no futuro, Seabra Santos diz que o primeiro passo a dar será a preparação de uma equipa que o irá acompanhar e "a quem vão ser distribuídas competências nas várias matérias". Depois disto, as medidas mais urgentes são a realização de alterações estatutárias, a gestão pedagógica dos cursos e o ensino à distância.

Elogios ao processo eleitoral e à forma como decorreu

Confiança na experiência de Seabra Santos

Após a confirmação da eleição de Seabra Santos para reitor, A CABRA ouviu diversas figuras e opiniões sobre o processo eleitoral e sobre as expectativas que rodeiam o novo reitorado.

MÁRIO GUERREIRO

Em uníssono, as opiniões revelam a sua confiança na experiência de Seabra Santos, ganha durante quatro anos como vice-reitor. Essa mesma experiência, segundo alguns dos auscultados poderá ser determinante para vencer os desafios que se afiguram.

Um dos que primam por esta visão é o actual presidente do Conselho Directivo e Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), Lélio Quaresma Lobo. Este docente considera que o processo eleitoral "decorreu de forma digna e elevada e foi muito positivo para a universidade", com "dois excelentes candidatos que apresentaram e defenderam muito bem os seus pontos de vista." Em relação à prestação do novo reitor, o docente encara-a com "confiança", dado ser "uma pessoa empenhada e com conhecimento das matérias."

Foi "muito esclarecedor." É assim que José Manuel Pureza, membro do chamado "Grupo dos Nove" (como José Reis) descreve o processo eleitoral. Para este docente da faculdade de Economia, foi "visível que há uma diversidade de caminhos e ideias na universidade." Pureza realça também o "importante" processo de "sensibilização dos universitários" que se efectivou durante a campanha. Deste novo reitorado, espera que se "vençam uma série de desafios", como a "internacionalização, as questões pedagógicas, o trilhar dos caminhos da excelência nacional e a luta à alguma passividade e conservadorismo que ainda subsistem na UC."

Um dos estudantes que se demonstrou agradado com esta vitória foi Victor Hugo Salgado. Após a eleição de Seabra Santos, o presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC), não escondia a sua satisfação pelo resultado: "Saudamos este resultado porque o agora reitor manifestou opiniões que convergem com as da AAC, como em relação às propinas." Victor Hugo Salgado refere ainda que "o resultado é expressivo e demonstrativo de quem a universidade queria para reitor." Com este resultado, Victor Hugo Salgado espera ver agora resolvidas várias questões: "A regulamentação da Carta dos Direitos e Deveres do Estudante da UC e questões prementes numa avaliação com fundamento", entre outras.

Por fim, Dias de Figueiredo, mandatário da campanha de José Reis assume uma postura crítica em relação ao processo eleitoral: "A UC tem um sistema próprio, fortemente implantado e todo o discurso de mudança é dificilmente entendido." Como tal, o "resultado não é grande surpresa." Em jeito de ironia, o docente da faculdade de Economia espera que "o discurso de mudança que vinha expresso na candidatura de José Reis não acabe aqui."

"Esperava todos os resultados"

José Reis, o candidato vencido nestas eleições para a reitoria, perde com a certeza de que o seu objectivo primordial foi atingido: debateram-se ideias sobre a UC. Apesar da diferença de votação, o catedrático da faculdade de Economia e dos membros do denominado "Grupo dos Nove", prefere olhar para o futuro da instituição e afirma-se criticamente atento.

CECÍLIA SANTOS

Apesar de ter perdido as eleições por uma larga margem, José Reis afirmou que "esperava todos os resultados", pelo que não ficou surpreendido com os números que deram a vitória a Seabra Santos, o seu adversário neste processo. José Reis mostrava-se ainda satisfeito com a campanha que, na sua opinião, enriqueceu a própria universidade, afirmando que "o meu ponto essencial foi exprimir ideias, e desse ponto de vista, estou muito orgulhoso do contributo que eu e todos aqueles que comigo trabalharam deram nestas eleições".

O professor catedrático da faculdade de Economia afirmou ainda que irá estar "criticamente atento" a este mandato e expressou as suas felicitações ao adversário que o derrotou: "a minha posição nesta hora é, obviamente, de saudação a quem vence e uma atitude de permanente elegância, cordialidade e elevação. Foi isso que fiz durante toda a campanha e é isso que quero fazer neste momento. A minha posição é de elevação, e é positiva, e é naturalmente de felicitar quem ganhou e desejar-lhe que engrandeça a Universidade de Coimbra" explica ainda o candidato derrotado.

Acerca das expectativas que tem para o mandato de Seabra Santos à frente dos destinos da reitoria da UC, José Reis afirmou que espera que seja dada execução ao programa apresentado pela candidatura do seu adversário: "Só posso ter expectativas de que dê execução ao programa que apresentou. Uma candidatura tem um programa e uma votação é a votação de um programa. Naturalmente é esse programa que define as minhas expectativas".

Comentando a posição da Direcção-Geral da AAC (DG/AAC) nestas eleições, José Reis afirmou conhecer a simpatia que a DG/AAC nutria pelo outro candidato. Segundo refere, "a Direcção-Geral estava naturalmente sintonizada com a candidatura do Doutor Seabra Santos, e isso era público. O Victor Hugo convidou-nos publicamente a que interpretássemos as posições que a DG/AAC vinha tomando, e eu senti-me também convidado nessa decalaração dele. Sei e soube sempre interpretar a posição da DG/AAC".

Por fim, no que toca à possibilidade de vir a apresentar uma nova candidatura dentro de quatro anos, José Reis adianta apenas que "certamente haverá sempre outras candidaturas para a UC, eu sempre desejei que neste caso tivesse havido até mais que duas. No futuro certamente que haverá candidaturas que exprimam posições diferentes do ponto de vista daquilo que é o projecto da universidade".

EDITORIAL

EMANUEL GRAÇA

O reitor dos estudantes

Num acto eleitoral que não conseguiu aquecer a maioria dos elementos dos vários corpos da Universidade de Coimbra (UC), Seabra Santos deu o salto e, de vice–reitor, passa agora a reitor da mais antiga universidade portuguesa. Numa campanha que decorreu de uma forma bastante correcta, com ambos os candidatos a fugirem à personalização do embate e a preferirem um debate ideológico e programático, ganhou a discussão em prol do conceito de universidade e da sua reciclagem rumo às necessidades e exigências do e–learning, da mundialização do ensino e das novas exigências da actual fase da globalização. Assim, dos resultados desta discussão ganhou aquele que, desde há muito, era um dos nomes falados para gerir os destinos da UC, que define assim o seu líder para o próximo quadriénio e para as duras batalhas políticas que se aproximam.

No entanto, esta vitória traz já um peso enorme. Apesar das declarações dos variados quadrantes de apoio que circundaram a sua candidatura, o certo é que Seabra Santos foi eleito com a esmagadora maioria dos votos atribuídos ao corpo discente. Se, por um lado, este é o reconhecimento do trabalho levado a cabo pelo catedrático da UC enquanto vice–reitor desta instituição, por outro, lança sobre o agora reitor o difícil epíteto de "reitor dos estudantes". Ou seja, embora no voto em Seabra Santos esteja um postulado de reconhecimento da obra enquanto vice–reitor por parte dos estudantes, está também expresso um conjunto de expectativas e exigências que, desde cedo, poderão dificultar e minar o trabalho do novo reitor.

> "Este é o reconhecimento do trabalho levado a cabo pelo catedrático da UC"

Num momento em que Pedro Lynce, ministro da Ciência e do Ensino Superior, lançou para discussão pública o Estatuto da Carreira Docente Universitária, as Leis de Bases do Sistema Educativo, da Autonomia das Universidades e a Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior Público, tendo como base o documento produzido pelo Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior (que, entre outras coisas, defende o aumento das propinas...), Seabra Santos irá enfrentar o primeiro (e duro) teste da sua resistência e capacidade política. Por um lado, enfrentará a inredutibilidade de um ministro difícil e pouco dado a negociações e, por outro, a pressão do seu principal grupo de apoio no seio da universidade - exactamente os estudantes que, perante o que se antevê para o futuro, prometem colocar a fasquia bastante alta para o docente da FCTUC. Num campo lateral, será também de ter em conta o comportamento da maioria dos "opinion–makers" nacionais que mantêm laços institucionais com a UC em relação a este debate, pois muitos estiveram ao lado da candidatura de José Reis. Resta saber se serão aliados do poder ou aliados da sua casa - a UC.

O programa vencedor de Seabra Santos

"Liberdade de ensinar e aprender"

O programa de candidatura do novo reitor Seabra Santos forma uma análise sobre o panorama actual do ensino superior e lança novos projectos para a academia.

GUSTAVO SAMPAIO

"Sinto ser meu dever fazê–lo neste momento, num tempo de complexos desafios que a todos se colocam, em que a universidade precisa de agregar todas as suas forças próprias". Foi desta forma que Seabra Santos, o novo reitor da Universidade de Coimbra, descreveu as motivações que o levaram a candidatar–se ao cargo que acaba de conquistar, em discurso proferido na sessão de apresentação pública da sua candidatura. Seguiu–se então a apresentação das linhas programáticas da candidatura, sob a designação "Fazer Univer[sc]idade", que agora deverão guiar o rumo da sua candidatura.

Em relação ao actual sistema educativo, traça–se um cenário de expectativa em torno da alteração à Lei de Bases do Sistema de Avaliação e Acompanhamento das Instituições de Ensino Superior, recentemente aprovada na Assembleia da República. Segundo o programa, o estabelecimento de um novo regime jurídico do Desenvolvimento e Qualidade do Ensino Superior e a revogação da Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior, reformas subjacentes a esta nova medida, poderão contribuir para a organização e ordenamento do sistema. "Aguardemos para ver como vai ser levada à prática", conclui–se.

Ao nível do financiamento das instituições de ensino faz–se uma análise ao actual sistema orçamental, assegurado pelo ministério da tutela através de diversas vias. São distinguidos o orçamento de funcionamento que visa suportar as despesas correntes, o orçamento de investimento que obtém auxílio comunitário europeu e o modelo de investimento contratualizado, aos quais se incluem as receitas próprias de cada instituição provenientes do pagamento de propinas ou da prestação de serviços. Embora reconhecendo as dificuldades orçamentais da UC, o programa refere que a instituição adquiriu uma maturidadade que constitui "um exemplo para outros sectores da administração pública".

No contexto do orçamento de investimento defende–se a continuidade de uma política sustentada de investimento na construção de novos edifícios escolares, no sentido de aproveitar o período coberto pelas ajudas comunitárias que se vão estender até ao ano de 2006. Seabra Santos considera prioritária a construção de estruturas para um futuro Pólo das Ciências da Saúde e o prosseguimento do projecto de renovação urbanística na Alta de Coimbra.

Na parte final do programa prevê–se um desenvolvimento da instituição baseado em quatro objectivos primordiais: a coesão institucional, a afirmação da UC, a eficácia e a participação democrática e a inovação a par da qualidade.



Seabra Santos: uma nova dinâmica nos corredores da reitoria?

Breves de campanha

"Acho que o lugar de governo tem estado vazio na UC."
José Reis

"É preciso reforçar a participação democrática nos órgãos."
Seabra Santos

"Eu acho que é totalmente limitador da legitimidade do reitor a eleição por colégio eleitoral."
José Reis

"As universidades têm de estar à frente, têm de tentar avaliar o que é importante para o futuro da sociedade."
Seabra Santos

"As propinas são da responsabilidade do Governo."
José Reis

"A gestão das universidades é um exemplo de rigor."
Seabra Santos

"Eu sou adepto da expressão 'o reitor está com os estudantes'."
José Reis

"Entendo que o processo de Bolonha em si é um processo útil e irreversível."
Seabra Santos

"Estou disposto a fechar cursos, como estou disposto a criar cursos."
José Reis

"Não considero que o essencial seja alterar a lei de financiamento."
Seabra Santos

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Anselmo Câmara, Carina Valério, Cecília Santos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Rui Justiniano, Sara Martins, Sérgio Alves,, Sílvia Matos Sónia Nunes, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, António Gil Leitão, Carla Pinto, Cristina Bastos, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Catarino, Diana Mota, Diana Ramos, Fátima Pinto, Isabel Oliveira, Joana Moreira, Joana Montenegro, Lurdes Lagarto, Nuno Felício, Margarida Matos, Marília Frias, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Patrícia Vic, Paulo Alexandre Teixeira, Pedro Santos, Rita Delille, Rita Loureiro, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Soraia Letra, Susana Baptista, Suzana Marto, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Maryline Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** CIC - CORAZE, Olivereira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.